

Governo derrotado, "Renascença" protestante

AR PÕE AS RÁDIOS EM "ONDA" CURTA

Primeiro foi a grande corrida à frequência modulada, um pouco por todo o país, com a criação de centenas de «rádios piratas». Era o resultado de uma lei antiquada, desajustada das realidades. O Governo, por sua vez, aproveitou para distribuir frequências, dos quais um contemplanado foi a Rádio Renascença, que recentemente teve «no sapato» uma rede nacional de FM. A Assembleia da República discutiu ontem a nova Lei da Rádio, da qual resulta uma regulamentação clara da utilização das frequências. Assim, a maioria dos «piratas» estão condenados, à partida, um Conselho da Rádio tratará de fazer uma distribuição lógica das frequências disponíveis e o Governo averbrou mais uma derrota: ficou com rede mais curta para distribuir benesses.

Pág. 5



Trânsito: um estranho presépio

Pela manhã foram muitos os automobilistas que se dirigiram para o centro da cidade, tornando ainda mais difícil o trânsito. A um dia da véspera de Natal, as compras mandam, e a PSP espera para esta tarde, um verdadeiro «pandemónio». Entretanto, iniciou-se ao meio dia de hoje a Operação «Rota Segura» para que nas estradas portuguesas não ocorram os acidentes que marcam esta época do ano.



**GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA**

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SQS
CTC
OS PROFISSIONAIS DO
SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

**ESTÁÇÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE**
☎ 88 27 86
89 98 26

**A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO**

20 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8-1.º - LISBOA

Já com o Natal à porta

Dias de Melo

Natal à porta e eu ainda a viver o último Verão que passou.

Naquele dia dos fins de Setembro. O banho. Com tempo bom, com tempo mau, a não ser de ciclone, nunca o banho no mar, no porto, me escapa. Como há dez, vinte, trinta, cinquenta anos. Ao meio-dia. As pessoas dizem que podem por mim acertar os relógios.

Eu, nu, no cais. Apenas um trapo a resguardar-me o sexo. Por quê? Para quê? Tabu milenário. Como se o sexo não seja parte do nosso corpo. Tal qual a cara, as mãos, os pés. E não esteja nele a raiz da vida.

Só. Desertou a infância e a juventude que por aí vinha, eles, como eu, com um trapo no sexerto entre as gerações. E gente da minha idade é gente de juízo na cabeça e vergonha na cara, não se vai meter a nadar na água salgada, agora!, isso é pra gente nova.

O mar. O deleite, o prazer do mar. Do primeiro contacto com o mar: aquele arpejo saboroso, ondulação pequenina que vem e me beija os pés nos degraus da escaleria. O deleite, o prazer do mergulho, eu entrando, rompendo por baixo do mar, a grandes braçadas, enquanto debaixo do mar me aguento. O deleite, o prazer que me envolve, braços, pernas, seios de mulher que me enlaçam, se me colam à pele.

corpo de mulher que me quer o corpo enterrado no corpo dela, e a água borbulejando bolinhas azuladas, esverdeadas, esbranquiçadas, acinzentadas, poalha de farinha à minha volta a ferver. Não aguento, nunca aguentei muito debaixo de d'água, não sou peixe, não sou baleia, não nasci para submarino, logo venho à superfície, fico-me a nadar, lento, os olhos olhando aquelas águas, com tempo bom um espelho de cristal azul tremeluzindo de prata e ouro à luz de oito e de prata do sol, as ondas rolando inchadas, escuras com o tempo escuro, cabeleiras de espumas no lombo, se anda borrasca lá fora e o mar corre na costa. Olhando aquelas águas e as penedias negras, a alvura de cal da igreja, das casas do Terreiro agachadas aos pés da igreja, das casas trepando pelo ramal, pela Assumada, no cimo da Assumada a casa burguesa em que nasci — eu que de burguês nem migalha me resta. E fico-me a boiar, estirado, pernas unidas, braços abertos em cruz, repouso no ventre daquele corpo de mulher, mais macio, aveludado, sensual que os corpos de todas as mulheres do mundo. No alto, o céu imensamente azul e imensamente profundo. Gaivotas, carajaus, voando. Até que regresso a terra. Gotas, pérolas de água, trémula, luminosa, escor-

rem-me pelos cabelos, rosto, tronco, braços, pernas, não trago toalha, nem um farrapo de pano, nunca, deito-me, estendo-me em cima da muralha, sempre no mesmo lugar, em cima do cais aonde calha, enxugo-me ao sol, à brisa, ao vento, ainda o céu no alto, o mar largo, o horizonte distante na minha frente, a baía, aquela ponta a um lado, aquela ponta ao outro, a negridão da costa negra. Deleite dos deleites, prazer dos prazeres. Mau é se a chuva cai.

E naquele dia dos fins de Setembro. Sol tímido como uma carícia de adolescente, brando como um sorriso de avó, doce como um beijo de mãe, céu limpo de nuvens, retraído como um olhar de menina retraída. Os garajaus, nesse dia.

Aves de arribação, de terras distantes vêm quando o Inverno acaba, trazem consigo a Primavera, para as terras distantes de onde vieram partem quando o Outono começa, consigo levam o Verão, atrás de si deixam o Inverno.

Lindos, corpos pequeninos, asas grandes, finas, esguias, penas brancas, cinzentas, de um cinzento claro, sedoso, esmaecido, voam por sobre o mar, procuram peixe miúdo, de peixe miúdo, de cima d'água, se sustentam, os pescadores estimam-nos, onde estão os garajaus a picar (como as garças, como as

cagarras) estão os cardumes de bonitos, os cardumes de albacora, pastam do mesmo prado peixe miúdo também, chicharro, sardinha, carapau, boguinha — os pescadores estimam-nos, não gostam de lhes fazer mal, mas às vezes acontece. Vai o barco ali, o pescador à popa, a cana na mão pela popa fora, arame suspenso na ponta, anzol na água iscado, um chicharro, uma sardinha, um carapau, uma boguinha, a negacear, à espera que o bonito, a albacora morda, põem-se os garajaus, brincalhões, a tecê-las, teimam em comer-lhe a isca, o pescador espanta-os com a ponta da cana, tanto peixe aí e logo vocês querem este, os garajaus, brincalhões, teimam, não se arredam, e o pescador a espantá-los, a ponta da cana apanha um, não é de propósito mas às vezes fere-o, parte-lhe uma asa, deixa-o inanimado, mesmo morto, o pescador tem pena, coitadinho o bicho, mas o mal está feito. E quando se assiste a esta cena impressionante de ternura e amor: o grito, o choro do bando aflito à roda do companheiro no mar, ferido, inanimado, pode que morto, dois, três, quatro que lhe pegam (se inanimado o erguem no ar, deixam cair, e tornam a levantar, e, o bando a gritar, o bando a chorar, o tornam a deixar cair, a ver se o reanimam com o choque da queda), em se reanimando, se o conseguem reanimar, levam-no, bando atrás

a gritar, a chorar, levam-no para terra, seguram-no com os bicos, em terra se há-de curar. Os pescadores vêem, não gostam de fazer mal aos garajaus, fizeram-no sem querer, vêem e comovem-se. (Não teremos nós alguma coisa a aprender com os garajaus?).

Então naquele dia. Acabo de nadar, venho para terra, deito-me no cais — e tantos, tantos garajaus sobre a muralha! Como se todos os garajaus da ilha sobre a muralha tenham marcado encontro. Tão juntinhos, tão chegadoinhos, nem um centímetro da muralha estreita que não esteja coberto por eles. Deitado, a seda daquele céu azul a encher-me os olhos, o mel daquele sol a envolver-me o corpo, a penetrar-me no sangue, olho-os, lindos, brancos, cinzentos, tão pacíficos, tão sossegados. Que fazem? Gozam a raridade daquele sol, daquele céu azul? Naquele sol, naquele céu, bebem forças para a longa viagem do regresso às terras distantes? Um, outro, levanta uma asa, como quem se espreguiça, uma asa só, estica-a, branca, cinzenta, fina, esguia como vela minúscula de um bote baleeiro em miniatura. Um, outro, abre, preguiçoso, as duas, levanta-se um tudo nada, deixa-se cair um pouco além, poisa numa daquelas pedras, um daqueles ilhéus daquele rosário de ilhéus de basalto negro da outra banda do porto. Não bulo, mal

respiro, não me pressintam e fujam. Depois, levanto-me. Com mil cautelas, lendo, sem o mínimo ruído. Sempre lento, sempre com mil cuidados, sempre sem o mínimo ruído, aproximo-me, um passo, outro, páro, mais um, outro passo, aproximo-me mais, mais, chego perto, a menos de dois metros — e os garajaus, aquela imensidade de garajaus ali, tranquilos, sossegados, sem medo. Saberão que lhes queremos bem, que, se os magoamos, ferimos, matamos mesmo, não é de propósito e sofremos com o mal que lhes fazemos? Tão lindos! E a máquina fotográfica que me ficou em casa.

Já me vestia aonde sempre me visto, no meu canto, à sombra daquela rocha, atrás da muralha, quando todos aqueles garajaus levantam voo e ficam, asas muito abertas, serenamente pairando, pétalas brancas, cinzentas, suspensas, de grande flor desfeita no ar, naquele sol tímido como uma carícia de adolescente, brando como um sorriso de avó, doce como um beijo de mãe, naquele céu limpo de nuvens, retraído como um olhar de menina retraída.

Naquele dia dos fins de Setembro que eu ainda vivo, já com o Natal à porta, no corpo o arpejo deste friinho, deste ventinho a correr pelas ruas, praças, avenidas, pelos jardins de Lisboa, a enrodilhar-se nas árvores, a depenar-las das folhas moribundas.

Questões da (in)segurança social portuguesa

Fundos de pensões e pensões mínimas

Carlos Jorge (*)

A aprovação, quando da discussão do Orçamento do Estado para 1987, na Assembleia da República, da proposta do PCP para que as pensões de invalidez e velhice do regime geral de Segurança Social e dos trabalhadores agrícolas sejam aumentadas na mesma altura e na mesma medida que o salário mínimo nacional dos respectivos sectores foi uma saudável convergência (como outras então verificadas) das opiniões dos partidos da esquerda e do maior interesse para o numeroso grupo dos reformados mais desprotegidos.

Esta decisão, com força de lei do Plenário da A.R., vem no sentido do Decreto-Lei 217/74 de 27 de Maio (a lei mais social publicada depois do 25 de Abril, revogada pela Portaria 94/77 de 23 de Fevereiro) e na linha das reivindicações do MURPI: decisão importantíssima não apenas pelo sentido social que contém, mas também por consolidar a força reivindicativa dos trabalhadores e dos reformados e por contemplar uma larga massa da população.

Porém, não deve ser esque-

cido que a decisão do Plenário ainda está longe do sentido evolutivo contido no Dec.-Lei 217/74 (e nas reivindicações do MURPI), que, ao criar a pensão mínima fixou o seu valor em pelo menos metade do salário mínimo, numa evolução escalonada no tempo a caminho da paridade dos valores, pois o salário mínimo já contém em si um factor de mínimo de subsistência.

É oportuno salientar, de passagem, quanto bom seria se a convergência agora verificada dos partidos democráticos no sentido da justiça, se verificasse também no restabelecimento das legalidades e do cumprimento integral da Constituição da República que eles aprovaram.

Os reformados têm mais uma arma legal, a Lei da Assembleia da República, para cujo cumprimento deverão unir-se com a maior solidariedade, tanto mais que o Governo, habituado como está a omitir leis e decisões de tribunais, parece, segundo disse o ministro das Finanças, estar a preparar-se para não cumprir alterações feitas na proposta do Orçamento do Estado.

Fundos de Pensões: gato por lebre...

O Decreto-Lei n.º 396/86 de 25 de Novembro estabelece disposições para a constituição e funcionamento dos Fundos de Pensões, num estatuto que nos parece pouco tranquilizante, pois trata-se da criação de um tipo de previdência privada e elitista que, embrulhada na habitual demagogia, se destina apenas a grupos mais bem remunerados. É significativo que o Governo, para fundamentar a sua decisão, refira na introdução do Estatuto que: «A criação de fundos de pensões constitui actualmente, nos países de organização social mais avançada, uma das formas de Segurança Social privada que melhor responde às necessidades de protecção dos cidadãos.»

E, prosseguindo no 2.º parágrafo: «Em particular na Europa e em países da Comunidade Económica Europeia, a expansão da actividade dos fundos de pensões tem sido notável nos últimos anos: aproveitando, nomeadamente, a circunstância de, em alguns desses países, se ter previsto legalmente a instituição de

esquemas complementares de Segurança Social proporcionada pelo Estado.»

É pena que o decreto-lei não refira quais os países de organização social mais avançada da CEE onde tem sido notável a expansão destas formas de «segurança social privada».

É lamentável que tanto se fale dos países da CEE e, no caso da Segurança Social, não se procure harmonizar a legislação portuguesa com a desses países. Mas, tais países têm instituído há muitos anos regimes colectivos complementares dos regimes legais de segurança social, financiados por cotizações do patronato e dos trabalhadores, havendo mesmo países onde já há regimes complementares de outros complementares.

Há uma ofensiva do neoliberalismo económico no sentido de introduzir um tipo de previdência privada, por capitalização, para satisfação de exigências do grande patronato e de empresas seguradoras que procuram os seus interesses e não os dos trabalhadores.

Sabe-se que tais tentativas, visando a destruição da Segurança

Social, têm tido forte oposição das organizações dos trabalhadores que, por exemplo em França, decretaram uma greve contra tais desígnios.

A decisão agora tomada pelo Governo não visa a protecção da generalidade dos trabalhadores, já que, na gestão dos fundos de pensões nas sociedades gestoras constituídas para esse fim, sob a forma de sociedades anónimas de responsabilidade limitada, o Estado não assume qualquer responsabilidade na garantia dos interesses a constituir.

Visa sim a acumulação de capitais, o que está bem claro no Estatuto, cujo 3.º parágrafo da introdução refere: «Ao mesmo tempo, os fundos de pensões vêm assumindo um papel de crescente importância como investidores institucionais, canalizando para o investimento produtivo volumes cada vez maiores de poupança das famílias e das empresas e ocupando um lugar de destaque na organização e funcionamento dos mercados de capitais nacionais e internacionais.»

Parece-nos que isto diz o essencial da filosofia que rege tal

tipo de protecção dos trabalhadores: não só revela o espírito individualista e capitalista, sob a forma de «seguro» privado, longe dos princípios da Segurança Social que se destina a toda a população trabalhadora, nalguns países a todos os residentes, e que é baseada na solidariedade colectiva, como está longe do próprio mutualismo, que não contém qualquer sentido de exploração lucrativa.

O Estatuto é também omissivo, como talvez não pudesse deixar de ser, sobre qualquer forma de coordenação dos direitos adquiridos e em curso de aquisição nos diversos fundos complementares que venham a ser criados, no caso de ingresso de um trabalhador numa empresa que não seja associada no mesmo fundo da empresa onde trabalhara anteriormente.

Enfim, como previdência privada, como uma conta bancária ou um seguro de vida é natural que não esteja mal. Mas não nos venham falar em esquema complementar da Segurança Social, pois seria dar-nos gato por lebre:

* Da CGTP/IN

Urgência de uma coerente política africana

S E existem motivos para prever uma melhoria de relações com Angola, logo se encontram pretextos para esfriar relações com Moçambique. Nas esferas políticas, burocráticas e sociais, nas quais a «gente de direita», nacional e ultramarina, detém posições e tem voz, não foi ainda digerido o «império». E, acaso, a saudade imperial converte-se em ressentimento e raiva por nos estar vedada, materialmente, a recuperação neo-colonialista. Passam os dias, passam os meses, passam os anos, vamos repetindo o discurso das boas intenções de cooperação, mas são outros países que estão presentes nos territórios que falam a nossa língua, que a consideram veículo de expressão oficial ou mesmo instrumento de unificação nacional. São outros países que divulgam cultura e abrem a bolsa, instituem bolsas de estudo, promovem actividades, propõem iniciativas, cooperam, investem. Somos os grandes ausentes. Ausente a nossa cultura; ausente a nossa capacidade técnica e tecnológica.

Concluída, numa perspectiva positiva, a visita a Portugal do ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Afonso Van-Dunem, de imediato os velhos do Restelo e outros intérpretes do passadismo colonial, se comovem e indignam com a circunstância do Estado moçambicano ter feito prevalecer, na capital do Malawi, o que considero ser o seu direito e era a sua vontade. A saber: que os prisioneiros da Renamo — na linguagem oficial «bandidos armados» — lhes fossem entregues para ser a República Popular de Moçambique a recuperá-los ou a lhes dar liberdade. Para que as indignadas reacções tivessem a sorte do esvaziamento político foi revelado que a inspiração da cedência do Malawi procedia dos Estados Unidos. Informação que não foi desmentida.

A portuguesa «gente de direita», a classe política que lhe é o tímido prolongamento e a burocracia que lhe é dócil, comportam-se, no revoltado mundo da política internacional, com inibições e protestos provincianos. São vítimas dos espectros. Protestam fora de razão. Agem fora de horas.

Recomenda-se que se tenha em conta a Unita, o que se diz e faz contra o interesse nacional, justamente quando as relações com a República Popular de Angola, por intermédio do ministro dos Negócios Estrangeiros do governo de Luanda e dirigente do MPLA, conhecem uma abertura que se apresenta como, politicamente, importante e auspiciosa. Afonso Van-Dunem, em Lisboa, abriu caminho a José Eduardo dos Santos, presidente da República de Angola. Não nos surpreenderá que «gente da direita» e outros «saudosos do império» conspiram para sabotar a visita.

Pois não é verdade que a «ofensa» relativa à libertação dos portugueses reféns da Renamo é explorada sem ter em conta o «desanuiamento», nas relações com a República Popular de Moçambique, que resultara da presença, nos funerais do presidente Samora Machel, do Presidente da República Portuguesa e dos representantes dos partidos políticos do Portugal Democrático?

É esse «desanuiamento», essa possibilidade de uma melhoria de relações com a República Popular de Moçambique, que novamente é posta em causa. A Renamo divulga comunicados em Portugal, efectua operações mundanas, faz convites, contacta jornais, contacta homens políticos, utiliza as liberdades democráticas portuguesas para actuar contra os interesses do Estado português. Porque — e esse «argumento de direita» é imprudente e repelente — invocando a duvidosa conclusão de uma guerra civil fortemente inquinada pela participação estrangeira, procura-se desviar Portugal da posição justa: a de honrar as relações com o Governo que oficialmente reconheceu.

Nenhum jogo duplo nos é consentido. Nem política. Nem moralmente. E se, no que respeita a Angola, não nos é consentido pactuar com a Unita, no que respeita a Moçambique é de uma grande imoralidade política aceitar representem e apresentem em território português, aqueles que atacam portugueses, apresionam portugueses, os utilizam e conservam como reféns.

As facilidades consentidas à Renamo, como é notório, prejudicam as nossas relações de Estado com a República Popular de Moçambique.

Numa entrevista recente («Le Monde», 11/12/1986), o presidente da República Popular de Moçambique, Joaquim Chissano, falava do empenho dos dirigentes mo-

çambicanos de alcançarem da parte dos países europeus — França, Inglaterra, Itália, Espanha, Portugal — ajuda material e mesmo militar. Não excluía os Estados Unidos. Não admitia prescindir da ajuda da União Soviética e dos outros países socialistas. A política de Moçambique define-se por critérios de independência e de não-alinhamento. A violação dos Acordos de Incomati pela África do Sul, o seu efectivo apoio logístico e militar aos «bandidos armados» — designação oficial — cria uma situação extremamente difícil ao Estado de Moçambique que está a braços com problemas económicos muito graves. A situação económica impede o esforço militar, o problema militar impede a estabilização económica e a normalização da produção agro-pecuária. É a guerra e é a fome.

As conclusões da comissão mista Malawi-Moçambique, em 4 de Dezembro, segundo o presidente Joaquim Chissano, levaram ao reconhecimento da necessidade do Malawi cooperar com Moçambique. A entrega a Moçambique dos reféns terá sido um sinal, por parte dos governantes do Malawi, dessa vontade de cooperação.

Para Joaquim Chissano não é viável fixar uma data para a eliminação do terrorismo no território moçambicano. Na entrevista que concedeu ao jornalista francês Michel Bole-Richard afirmou: «A nenhum país foi possível fixar uma data para eliminar o terrorismo». O terrorismo e a ameaça de expulsão, pela África do Sul, dos trabalhadores moçambicanos, são ameaças que pesam sobre Moçambique. A República da África do Sul pretende, com a sua política, mostrar que domina a região e que os países da África Austral dela dependem estreitamente, estão à mercê do seu potencial agressivo e do seu poder económico. Mas, para Joaquim Chissano, essa não é razão para que lhe não sejam aplicadas sanções. Estas, em sua opinião, «são necessárias para constranger a África do Sul a abolir o apartheid» («Le Monde», 11/12/1986).

«O Ocidente leva muito tempo a compreender que Moçambique é uma país independente e soberano que quer estabelecer uma cooperação com todo o mundo». Joaquim Chissano falava para a França. Neste «todo o mundo» incluía-se Portugal, ao mesmo título que outros países, o que sucederá cada vez mais, por nossa culpa, exclusivamente.

Fresta sobre o horizonte

A. Vicente Campinas

Escanaro a janela. A janela do meu quarto. A janela do meu sonho. Por ela entra o ar e a luz da paisagem. Da paisagem de outras paisagens. Também o sol. Também as pinceladas das nuvens, no seu jogo de cabra-cega com o azul do céu.

Os sons das canções dos mendigos furam a distância e vêm até mim. Como entendê-las, se elas vivem num outro mundo? Como explicá-las, se estão em oposição à nossa realidade? Na aragem vêm, também, canções de inexplicados segredos. Mas, igualmente, os rumores das explosões de raiva dos que se sentem sem pão. Dos protestos dos sem trabalho. Da raiva dos que não recebem salário há tantos meses.

Mantenho-me atento ao rodópio das aparências sem razão. Esta acalmia da paisagem, em frente aos meus olhos, não parece ser real. Não, não deve ser real. Tento descortinar qualquer pontinho luminoso desta (des)agradável sensação. Talvez qualquer sonho intruso se tenha

apercebido da minha desatenção momentânea. E, sorratamente, metido uma cunha de dúvida entre o espaço que vai dos meus olhos até à distância.

Na realidade, pela frincha da janela assoma a cabecita despen-teada de uma réstea de esperança. Talvez seja o começo de uma desesperada partida para a sonhada luta vitoriosa, contra os deuses e os demónios disfarçados na paisagem. Ou, quem sabe, a configuração de soluços de qualquer impensada derrota.

Tento alargar mais o espaço em que a janela se prende. A janela do meu quarto. A janela do meu sonho. Dá-me a sensação que as certezas vão surgir. As certezas, unidas na alegria da batalha, parece-me que assaltam muralhas, trepam muros, espedaçam armadilhas. E as canções de alegria vêm-se esgueirando pelas ranhuras das vertentes amuralhadas do mais próximo horizonte.

Confiantes, os trabalhadores

acendem faróis de esperança para iluminarem os caminhos. Os caminhos da luta. Os caminhos da ousadia. Na perspectiva da vitória dos que sonham, de olhos espantados perante a vida. Para a vitória dos que fizeram um pacto com o futuro. Para a vitória de quantos são, ainda hoje, rebentos de esperançosa alegria, botões a despontar para poderem florir amanhã dos amanhãs. Para tentarem domar quanto de injustiças, semeadas no minado campo da realidade actual, tentem impedir a progressão dos peões que somos e não somos. Dos mártires e heróis em que as circunstâncias nos têm transformado. Para que o ar não fuja a quem luta pela sua conservação. Para que a luz não venha a ser sugada pelos que têm em suas mãos o poder do mando. Par que a alegria venha pousar, devagarinho, nos martirizados corações dos poetas, dos marginalizados, dos expoliados por uma sociedade ensandecida.

Sobre a cidade sitiada, escanaro a janela. A janela do meu quarto. As janelas de quantos quartos encerram o ar e o brilho

do desespero e da opressão. Escuta-se o rumor, longínquo, da multidão inconformada. É aceito a sugestão do pensamento, que vem com a luz e a escuridão, com o ar e o sol, com os valentes e os covardes. Que os medrosos também medram na legião dos informados. Os ousados, como os derrotados, continuam a marcha. Ombro a ombro. Braço a braço. Sonho a sonho. Esperança a esperança. Botões de certeza, rompendo a espessura, que lhes darão possibilidades de florir. Os conspiradores, como os vigilantes contra a conspiração, encontram-se face a face. Frente a frente. Os criminosos, como os honestos, teimam em passar por humanos, contra a realidade da impossível sugestão de serem bestas de duas patas. Um momento é crucial. Tudo depende do que de inesperado pode acontecer. Da decisão tomada no momento. No instante exacto em que os exaltantes segredos são acariciados pela loucura do sonho. As circunstâncias parece não permitirem o recuo. Há que avançar, ontra todas as armadilhas. Há que prosseguir por entre

os acerados picos do derrotismo, ir mais além dos estreitos caminhos por descobrir, embora indissociáveis do fundo de aventura em que se nutrem, no sentido de se poder tornear as muralhas, para além das quais se encontram os senhores do mando e do poder arbitrário, na desesperada tentativa de se protegerem contra a inapelável destruição. É preciso que cada lutador se realize. Tor-na-se indispensável que sejam capazes de conquistar para a luz todo o peso da ansiedade de ser livre. Para o bem? Para o mal? Para o amanhã dos amanhãs? Para uma eternidade que possa não durar mais que uma fracção de segundo?

A janela aberta mantém-se sobre a paisagem da cidade. Sobre a fermentação da clandestina revolta que alimenta o fogo sagrado dos que têm o coração sangrante das injustiças praticadas pelos mandões da cidade sitiada. É tempo, mais que tempo, de semear jardins onde neste momento existem latrinas e po-dridão. De cobrir a cidade de floridas casas, nos preciosos lugares onde, sem razão, existem

barracas apodrecidas pelas mãos dos temporais e dos anos, que gemem quando segredam, umas às outras, a tristura da sua existência. E, mais que isso, servirem de albergue a humanos, gente com cérebro e coração, como os mais que se sobrepõem na cidade, em seus palacetes ou arranha-céus, como cisnes brancos de coração enegrecido pela opulência e injustiça, fruto do abuso do poder e da prepotente e ferrugente objectividade do seu poderio, para melhor escravizar quantos por eles estão subjuga-dos.

Subo, devagar, as persianas da janela aberta. Assomo-me ao sol. E à paisagem. É a multidão dos zés-ninguéns que passa, clamorosa. Estreitam-se, coração com coração, para melhor poderem sentir e compreender os seus companheiros. Saudam-me, como se eu fosse um deus ou um demónio. Desço. Sou também um deles. Misturo-me com a multidão. O ambiente ferve de esperança. A multidão avança contra a cidade sitiada. Contra a cidadela do medo. E começa a escalada.

AO TELEFONE COM

Lino de Carvalho

(Secretariado UCP's Évora)

Ontem à tarde, em Évora, trabalhadores da reforma agrária e doutros sectores que com eles se szaram, realizaram na Praça do Giraldo uma acção de sensibilização da opinião pública. Colocaram uma série de «prendas» o Primeiro-Ministro numa árvore de Natal situada no centro da praça e depois formaram um cordão de homens com leiteiros no peito e nas costas, ao mesmo tempo que distribuíam documentos à população denunciando o que se está a passar na zona da reforma agrária, onde o MAPA não respeita a lei e ataca todos os dias UCP's e cooperativas. Hoje, em Beja, os trabalhadores agrícolas da região realizam iniciativa idêntica.

Ao telefone com Lino de Carvalho, do Secretariado das UCP's e Cooperativas do Distrito de Évora, falámos do que se passa na zona da Reforma Agrária.

«A situação, por um lado, caracteriza-se pela continuação, por parte do Ministério da Agricultura, da organização de processos de reservas com vista à retirada de novas terras e bens às cooperativas; por outro, caracteriza-se por uma crescente e fortíssima disposição de luta dos trabalhadores com vista a prosseguir as acções que têm vindo a desencadear, designadamente nos últimos dois meses, até que pare definitivamente o processo de destruição de UCP's e cooperativas.»

A nível da Assembleia da República parece haver novidades...

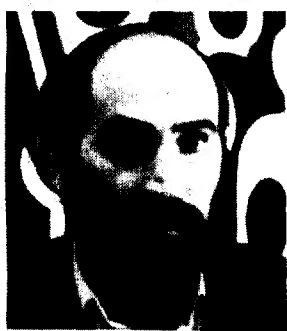
«Neste momento estamos numa situação de expectativa perante a projectada discussão na Assembleia de três projectos de lei (do PCP, do PS e do PRD) visando suspender as entregas de terras na zona da reforma agrária, nuns casos, e noutros visando a transferência para o âmbito dos Tribunais Administrativos dos despachos de entregas de terras até agora dependentes do ministro...»

... Que levou os partidos a tomarem essa iniciativa?

«Por um lado, esses projectos de lei resultam das acções de luta e denúncia que temos vindo a travar; por outro, são o reflexo do larguíssimo conjunto de ilegalidades, desrespeito pelas decisões judiciais e confronto com a própria Comissão de Inquérito da Assembleia da República que têm vindo a ser praticados pelo ministro Álvaro Barreto e pelo Governo.»

Há algo de positivo a mexer. É isso?

«Bom, nós congratulámo-nos com a apresentação destes projectos de lei e congratulámo-nos igualmente com o facto de entretanto ter havido um acordo da Assembleia com o Governo para que até à discussão desses projectos,



"É tempo de parar com a ofensiva contra a Reforma Agrária!"

● Há 377 acórdãos do STA que o ministro se recusa a cumprir

no dia 6 de Janeiro, não sejam entregues mais terras. Mas esperamos que nesse dia a votação seja favorável e seja também o caminho para a retomada da estabilidade na zona de intervenção, o caminho para a reposição da legalidade democrática, designadamente com a execução dos acórdãos do Supremo Tribunal Administrativo favoráveis aos trabalhadores.»

Quantos são os acórdãos do STA favoráveis a UCP's e cooperativas que o Governo se recusa a cumprir?

«Neste momento são 377, dos quais 350 já transitaram em julgado. Nenhum foi executado. Aliás, foi por essa razão que a Comissão de Inquérito da AR propôs ao plenário a apresentação de uma queixa-crime contra o ministro. Em causa, no concreto, esteve o acórdão do STA de Abril deste ano que dava 90 dias ao ministro para entregar terras a duas cooperativas...»

Quais?

«A Albufeira do Monte Branco, em Elvas, e a '15 de Outubro', em Estremoz. Dizia eu que esse acórdão dava 90 dias ao ministro para entregar terras que tinham sido ilegalmente retiradas a essas cooperativas, e cujo processo já tinha sido alvo de um outro acórdão do STA em 84!»

E os 90 dias passaram sem que o ministro, que pelos vistos se julga acima da lei, cumprisse a decisão do STA, é isso?

«É isso mesmo. Passaram os 90 dias e nada. Mas há mais...»

O quê?

«Olhe, continua a prosseguir nas ilegalidades mais inconcebíveis. Quer um exemplo? No pedido de majoração de reservas da família Reis Malta, o ministro pôs um despacho com data de 6 de Dezembro quando no requerimento se encontra um carimbo de entrada oficial no Ministério com a data de 10 do mesmo mês... Isto é: o ministro despacha um requerimento quatro dias antes de ele ter dado entrada...»

Essa é de cabo-de-esquadra...

«Não, não, essa é de ministro...»

Ou isso. De qualquer modo é bem significativo...

«... Isto significa que urge parar as entregas de terras, criando-se as condições de estabilidade e de garantia de prosseguimento da reforma agrária que permita às UCP's e cooperativas e outros sectores previstos na própria Constituição (designadamente as pequenas e médias explorações) poderem planear, investir, semear e produzir em segurança.»

«Estamos atentos ao que se passa na Assembleia da República e temos esperança que justiça será feita. Mas se por qualquer motivo inesperado os projectos de lei não forem aprovados e o Governo continuar a entregar terras, ah, bom, os trabalhadores continuarão a lutar cada vez com mais força e manter-se-á a perspectiva de na segunda quinzena de Janeiro fazermos uma gigantesca marcha para Lisboa.»

Quantos hectares têm ainda na sua posse as UCP's e cooperativas? E quantos já lhes foram retirados?

«As UCP's têm ainda cerca de 400 mil hectares e já lhes foram retirados desde o início da ofensiva, mais de 700 mil.»

Entretanto a própria lei contém disposições claras quanto à necessidade de serem expropriadas ainda muitas terras aos agrários que sempre as tiveram em seu poder. Essa parte da lei já foi cumprida?

«A lei actual tem permitido que os diversos governos a tenham utilizado unicamente com o objectivo de destruir a Reforma Agrária e tem sido aplicada exclusivamente como lei de reservas.»

Que efeitos tem tido esta política dos sucessivos governos em relação à Reforma Agrária?

«Olhe, meu amigo, dez anos depois de se ter iniciado o processo de destruição da Reforma Agrária é tempo, e julgo que ninguém pode dizer o contrário, de se parar com esta situação, pois como toda a gente vê, o que tem resultado, no Alentejo e no Ribatejo, é a quebra da produção e o aumento do desemprego. Foi isso que conseguiram com a liquidação do aparelho produtivo e com as numerosíssimas herdades abandonadas ou subaproveitadas.»

Quantas são as herdades nessa situação?

«Há mais de 300 herdades que foram entregues aos reservatórios — tantas vezes contra o que a própria lei estipula — e que estão abandonadas ou subaproveitadas. É uma dor d'alma!»

Em resumo: que pretendem os trabalhadores da Reforma Agrária?

«Pretendemos que sejam paradas as entregas de terras e que sejam criadas as condições de apoio e fomento ao desenvolvimento da agricultura. Apoio técnico, de formação profissional e financeiro, que permita à Reforma Agrária desenvolver todas as suas potencialidades e contribuir para o desenvolvimento económico e da produção nacional. Mas para isso é necessário viabilizar urgentemente uma alternativa democrática ao actual Governo.»

Ribeiro Cardoso

MOÇÃO

Os participantes na sessão de esclarecimento sobre o problema da reunificação e da paz na Coreia, realizada em Lisboa por iniciativa do Comité Português de Apoio à Reunificação Independente e Pacífica da Coreia, preocupados com os graves problemas que ocorrem na península coreana susceptíveis de perpetuar a sua divisão ameaçando ao mesmo tempo a paz na região e no mundo, manifestam a sua inteira solidariedade para com a luta do povo coreano pela reunificação da sua pátria, pela desnuclearização da península e pela Paz.

VIVA A COREIA REUNIFICADA E INDEPENDENTE!

VIVA A PAZ!

Lisboa, 16 de Dezembro de 1986

Comité Português para a Reunificação Independente e Pacífica da Coreia

MINISTÉRIO DA SAÚDE
HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES (A N Ú N C I O)

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-2-264/86

Aquisição Estimuladores Cardíacos

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 21 de Janeiro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (H.S. José), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 12 de Dezembro de 1986.

O Chefe do Serviço
a) ILÍDIO LUÍS DE SOUSA

MATL-SOCIEDADE AGRÍCOLA
DE MATAS DO RIBATEJO, S.A.R.L.

CERTIFICADO:

Que por escritura de 28 de Outubro de 1986, lavrada de folhas 47 a folhas 48 verso do livro de notas para escrituras número 330-A do Primeiro Cartório Notarial de Almada, a cargo do notário, Licenciado, José Manuel Cabral de Matos Oliveira, foi dissolvida a sociedade anónima de responsabilidade limitada com denominação em epígrafe e sede na Rua Alexandre Herculano, número quarenta e um, rés-do-chão esquerdo, freguesia de São Mamede, concelho de Lisboa, a partir de vinte e oito de Outubro de mil novecentos oitenta e seis, data do fecho das contas, por acordo unânime dos accionistas, sociedade que não tinha bens a partilhar nem passivo, pelo que a mesma é dada por liquidada.

É certidão narrativa que fiz extrair e está conforme.

Almada, sete de Novembro de mil novecentos e oitenta e seis

O Notário
(Illegível)

«DL» 23/12/1986

TRIBUNAL CÍVEL DA
COMARCA DE LISBOA

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

Pelo 1.º Juízo Cível de Lisboa, 3.ª Secção, nos autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 2017 que MANUEL VIDAL move a JÚLIO MANUEL BANDIEIRA DE OLIVEIRA, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Pinheiro Chagas, n.º 16-B, 1000 Lisboa, e a OUTRA, correm editos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando aquele executado para no prazo de CINCO DIAS, findo o dos editos, deduzir oposição, pagar ao exequente o capital de 76 608\$00, a que acrescem juros de mora, à taxa anual de 23 % desde 2.7.85, até ao seu efectivo pagamento, somando os juros de mora, vencidos até à data da instauração da presente execução, a quantia de 12 544\$00, ou nomear bens à penhora, sob pena de este direito ser devolvido ao exequente.

Lisboa, 17 de Dezembro de 1986

O JUIZ DE DIREITO,
Jorge Paixão Pires
A ESCRIVÁ ADJUNTA.

Maria Fernanda de Sousa Neto Madeira

«DL» — 23/12/86 — 2.ª Pub.

Governo Cavaco e Renascença contra Parlamento

Aprovada a lei da Rádio

A última sessão plenária do parlamento em 1986, realizada ontem, ditou nova derrota para o Executivo de Cavaco Silva. Com os votos favoráveis do PS, PRD, PCP, MDP e Verdes, foi aprovada a lei do licenciamento de estações de Rádio, que retira duas frequências de âmbito nacional à RDP e à Renascença e impede o Executivo de decidir, por si só, a concessão de alvarás.

Momentos antes da votação, o ministro encarregado das relações com a A.R., Fernando Nogueira, fez saber que o Governo se demarcava do processo legislativo em causa «por considerar que o conteúdo da proposta foi drasticamente alterado em dois pontos que considera fundamentais». Os dois pontos são, exactamente, a criação do Conselho da Rádio, órgão de composição diversificada (como já referimos na edição de ontem do DL), com competência para dar pareceres vinculativos na atribuição das novas frequências, e a cláusula de sujeição a concurso público das duas frequências atribuídas há um ano à RDP e à emissora da Igreja.

Outra decisão da A.R., na sessão de ontem, desfavorável para o Executivo, foi a aprovação da proposta do PRD de suspensão por 45 dias, para apreciação na especialidade, do decreto governamental que transforma a União de Bancos Portugueses (UBP), em SARL (Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada). O PSD votou contra e o CDS absteve-se. PS e PRD pretendem dar mais autonomia e responsabilidade aos gestores da UBP e ainda impedir que o processo sirva para abertura da empresa ao sector privado.

Entretanto, a sessão do próximo dia 6 de Janeiro, que marca o reinício dos trabalhos parlamentares, tem na agenda a discussão de três projectos: lei do PS, PRD e PS, que limitam os poderes do Ministro da Agricultura na atribuição de reservas na zona da Reforma Agrária.

Declarações de voto

Na declaração de voto sobre o diploma da Rádio, o presidente do CDS, Adriano Moreira, criticou vivamente a posição do Executivo de pretender retirar a sua proposta em cima da votação, sob a alegação de que «só agora se apercebera das alterações introduzidas».

Magalhães Mota (PRD), lembrou que as duas frequências, agora postas em causa, tinham sido atribuídas à RDP e à Renascença, 48 horas antes das eleições legislativas de 1985, através de um despacho ainda não publicado na folha oficial.

Vieira Mesquita (PSD), criticou as «entorses» feitas à proposta do Governo e salientou o facto de terem sido governantes socialistas (Almeida Santos e Anselmo Rodrigues), os responsáveis pela atribuição das frequências em causa.

Em nome do PS, Lopes Cardoso informou a mesa do plenário de que a declaração de voto do seu partido seria enviada posteriormente por escrito.

Jorge Lemos (PCP), saudou a aprovação do diploma. «É uma lei democrática, sem privilégios de qualquer espécie», frisou o deputado comunista.

Renascença fala de «tempos negros»

Responsáveis da emissora católica reagiram fortemente à decisão parlamentar e tentaram, horas antes da votação, pressionar os deputados. Com efeito, ao princípio da tarde, os administradores da Renascença, Torgal Ferreira e Magalhães Crespo, estiveram reunidos com o secretário de Estado para a Comunicação Social, Marques Mendes, a quem manifestaram oposição às alterações dos novos artigos no texto final do diploma.

No final da audiência, e em declarações tornadas públicas antes do início dos trabalhos parlamentares, Torgal Ferreira apelidou essas alterações de «ataque directo à Igreja» e considerou que a eventual retirada da frequência poderia significar «na prática, a paralisação geral da rede da Rádio Renascença».

O mesmo responsável da emissora católica visou o PS pela posição agora adoptada, referindo o facto de ter sido por decisão comum de Almeida

Santos, Anselmo Rodrigues e Raúl Junqueiro que as frequências foram atribuídas. «É o caso/descasa», comentou Torgal Ferreira, aludindo ao programa televisivo do brasileiro Jo Soares.

Horas mais tarde, em comunicado do respectivo Conselho de Gerência, a crítica da Renascença subiu de tom com a alusão ao regresso aos «tempos negros de 1974 e 1975, sob a inspiração e a reboque do Partido Comunista».

Diz ainda o comunicado que o povo português «saberá de novo insurgir-se contra as prepotências daqueles que querem, mais uma vez, calar a voz da emissora católica portuguesa».

Recorde-se que a lei aprovada, obriga a que, para as novas rádios de âmbito nacional, as funções de redacção e natureza jornalística sejam exercidas por jornalistas profissionais e que nas redacções com um mínimo de cinco jornali-

stas terá de haver Conselhos de Redacção. Por outro lado, terão preferência na outorga de alvarás as candidaturas que envolvam profissionais da Comunicação Social.

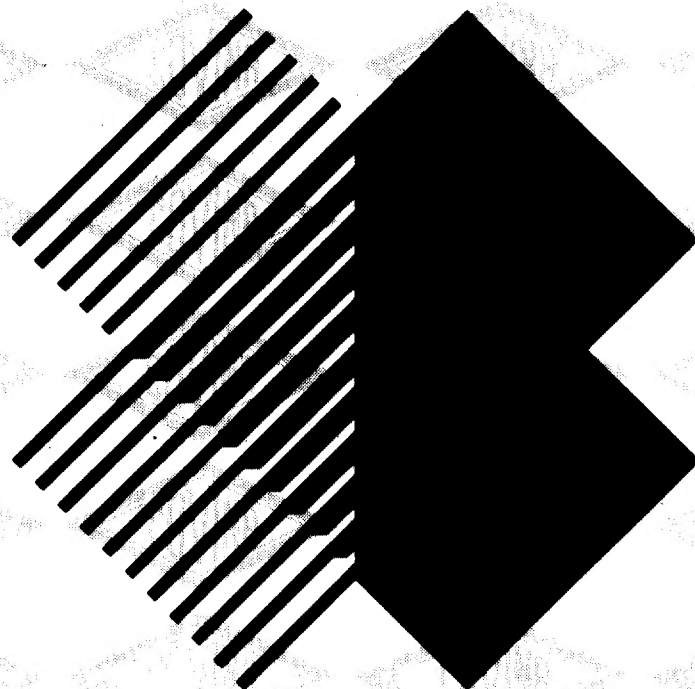
Dívidas da Madeira

O parlamento aprovou também, com os votos favoráveis do PSD, PRD e CDS, a abstenção do PS e do MDP e os votos contra do PCP, uma

proposta do Governo que visa regularizar as dívidas ocultas das regiões autónomas, nomeadamente da Madeira.

PS e PCP, entre outros, sublinharam, no debate, a necessidade de ser apreciada a questão da situação financeira da Madeira.

A proposta aprovada autoriza o Governo a elevar o limite destinado a empréstimos internos de prazo superior a um ano a conceder às regiões autónomas no seu conjunto.



COVINA

COMEMORAMOS 50 ANOS
COM UM NOVO SALTO TECNOLÓGICO
E CRIAMOS UM SÍMBOLO PARA OS ANOS 2000

O Símbolo anterior representou-nos condignamente ao longo de cinquenta anos. Meio século de actividade industrial, sempre na vanguarda da tecnologia do vidro, é uma realidade que merece ser devidamente assinalada. A nova unidade fabril com o processo FLOAT entra em funcionamento. Um novo salto tecnológico de que nos orgulhamos e que queremos comemorar com um marco condigno. Por tudo isto — e só por isto — criámos um novo símbolo.



COVINA

50
ANOS

HÁ 50 ANOS NA PRIMEIRA LINHA DA INDÚSTRIA NACIONAL

ATENÇÃO

AMADORA
BOLO-REI 450\$00 Kg
ÓPTIMA QUALIDADE

Pastelaria Danúbio Azul

Av.ª Combatentes G. Guerra, 13-A

C/ apresentação deste anúncio
terá desconto de 20\$00 por quilo.

CASA TESTA

RUA DO ARSENAL, 78 - TELEFONE 321892



**LOTARIAS
TOTOBOLA**

Cumprimenta e deseja a todos os seus clientes e amigos

UM FELIZ NATAL

REVEILLONS - FIM DO ANO

ALGARVE

HOTEL D. JOÃO II - 2 dias c/Reveillon e Ceia
sem transporte: Esc. 11 000\$00
com transporte: Esc. 12 800\$00

MOTEL DE VILAMOURA - 3 dias c/Reveillon e Ceia no Casino
sem transporte: Esc. 13 200\$00
com transporte: Esc. 15 000\$00

TRÓIA

APARTHOTEL DE TRÓIA: - 2 dias c/Reveillon e Ceia
sem transporte: Esc. 16 400\$00
com transporte: Esc. 18 400\$00

RESERVAS:



HOTELCAR

Investimentos Hoteleiros e Transportes Turísticos SARL
Av. da Liberdade, 107 - Telef. 36 91 78/9 - Telex 16448 - Teleg. HOTELCAR - Lisboa

Ajude a **Unicef**
em Portugal



LOCAIS DE VENDA

Caixa Geral de Depósitos - Todas as Agências do País
Banco Nacional Ultramarino - Todas as Agências do País
Supermercados Pão de Açúcar - Alcântara e Cascais
Supermercados Modelo - Entre-Campos
Shopping Center Fonte Nova - Benfica - Lisboa
Papeleria Progresso - R. Ouro, 153 - Lisboa
Papeleria da Moda - R. Ouro, 167/73 - Lisboa
Gala - Av. Roma, 12 / D / E
Comité Português Unicef - Zona J - Lote 568 - Lj. A - Chelas
Publicações Europa-América - Lisboa
Papeleria Erasmo - Av. da Igreja, 3-B Lisboa

Cavaco em Belém a desejar "Santo Natal" ao PR

Ontem foi dia de apresentação de cumprimentos entre os diversos órgãos de soberania. O Governo, com todos os ministros presentes na cerimónia, pela voz de Cavaco Silva desejou ao Presidente da República e família um «Santo Natal e feliz 1987», e disse esperar que «a solidariedade, concórdia, paz e justiça sejam um facto nos 365 dias do próximo ano»

Mário Soares agradeceu os votos de Boas Festas que o executivo lhe apresentou no Palácio de Belém, e por seu lado fez votos de que se mantenha a «estabilidade das instituições, para que 1987 seja um ano melhor para todos os portugueses». Afirmou estar seguro que 1987 «vai ser um bom ano para Portugal» e disse ainda julgar estarem criadas todas as condições para isso, su-

blinando que, como Presidente da República, tem procurado a estabilidade institucional, que considerou «fundamental».

Por sua vez, Cavaco Silva e os 45 membros do seu executivo trocaram votos de Boas Festas no Palácio de S. Bento, com o ministro Eurico de Melo a falar em nome de todos e a afirmar que a prenda de Natal para o Primeiro Ministro é «o espírito

de missão e de colaboração muito leal» de todos.

Eurico de Melo, que começou por desejar «bom Natal e próspero Ano Novo» ao Primeiro-Ministro e família, fez votos para que «o ano civil que começa dentro de duas semanas corra tão bem» como o ano governativo.

Idênticos votos formulou o Primeiro Ministro em relação aos membros do do seu Governo. «Sinto-me orgulhoso de chefiar esta equipa, umas equipa que remata toda no mesmo sentido».

Para eles Cavaco Silva desejou também «um Santo Natal e um ano de 1987 que corresponda a um ano de progresso e prosperidade para o povo português».



Juan Carlos regressou a Madrid

O Rei Juan Carlos, de Espanha, regressou hoje a Madrid, depois de uma breve deslocação a Lisboa para assistir ao casamento da sua afilhada, Elisabeth de Orléans-Bragança e Martorell, com João Espírito Santo Salgado, que decorreu em Sintra.

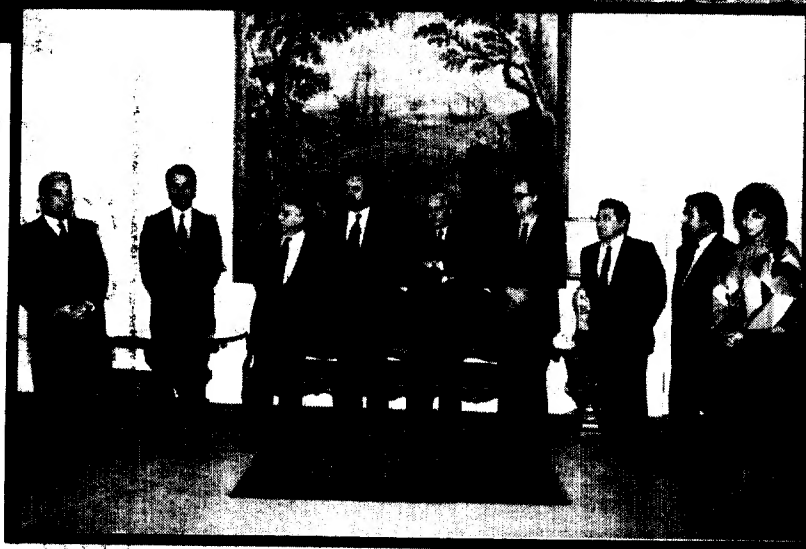
O Rei de Espanha chegou a Lisboa ao princípio da tarde de ontem, desembarcando no aeroporto militar de Figo Maduro. Dali deslocou-se à Quinta da Penha Longa, em Sintra, onde assistiu ao casamento, tendo depois pernoitado em casa de seu pai, o conde de Barcelona, na zona do Estoril.

Juan Carlos viajou num avião da Força Aérea espanhola, tendo sido recebido, à chegada, e dado que se tratava de uma deslocação de carácter particular, pelo chefe de gabinete da Presidência da República, Nunes Barata, e pelo chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Roberto Pereira de Souza. Presente igualmente o embaixador de Espanha em Lisboa, Gabriel Ferran Alfaro.

Juan Carlos viajou acompanhado da sua irmã, a infanta Pilar de Bourbon, da sobrinha, Simoneta, e da duquesa de Calabria.

Ao casamento, em Sintra, esteve presente o o Duque de Bragança, Duarte Nuno, e os seus irmãos Miguel, Duque de Viseu, e Henrique, Duque de Coimbra.

Mário Soares com o Governo: segurança quanto aos êxitos para 87 e «Santo Natal» de Cavaco, Primeiro-ministro com o seu gabinete: «Bom Natal» de Eurico de Melo e desejos de um 87 tão bom como 86.



Jardim acena com "bandeira branca"

Tudo vai bem no relacionamento entre a Madeira e o Continente e quando se fala de «crise» é por presão dos comunistas. Esta a síntese de uma nota oficiosa do Governo Regional, assinada por Alberto João Jardim.

N a nota, afirma-se claramente que para o Governo Regional da Madeira «unidade nacional» e «solidariedade com o Governo da República», são «dois pontos intocáveis», tudo o resto são manobras divisionistas feitas em torno do exercício pelo Governo Regional do «direito a posições políticas próprias, conferido pela autonomia constitucional».

Com esta nota oficiosa, Jardim parece querer encerrar o

contencioso aberto com Lisboa em torno de questões como as do respeito pelo luto nacional e a de ingerência na política externa portuguesa — casos da morte de Samora Machel e da visita de Pieter Botha —, os quais motivaram uma intervenção mais dura da parte de Cavaco Silva.

Jardim vem agora recordar a identidade social-democrata dos Governos de Lisboa e do Funchal, considerando que só por «má fé» se poderá «confrontar» os dois executivos.

Na base deste volte-face estarão algumas «ameaças», feitas por Lisboa quanto aos «dinheiros» para a Região Autónoma, ponto ultrasensível para João Jardim.

Por enquanto, Machado Macedo é bastonário dos médicos

Guimarães dos Santos reafirma intenção de impugnar eleições

Guimarães dos Santos, um dos candidatos derrotados à presidência da Ordem dos Médicos, anunciou ontem a sua decisão de impugnar o acto eleitoral que deu a vitória a Machado Macedo. Esta posição, já previsível, vem na sequência da confirmação por parte da Comissão Nacional Eleitoral da Ordem da eventual existência de irregularidades no acto eleitoral.

A Comissão Eleitoral reconheceu, com cinco votos a favor e dois contra, que os votos por correspondência bem como os votos entregues em mão «foram ilegais».

No entanto, a Comissão não anulou as eleições por não ter competência para tal, segundo afirmações de um dos seus elementos à NP.

Mas, além da posição de Guimarães dos Santos, há o anúncio já feito pelo outro

candidato portuense, Hélder Pereira, de que tem intenção de também ele pedir a impugnação do acto eleitoral.

Contudo, segundo o referido elemento da Comissão Eleitoral, só dentro de uma semana se saberá se há ou não impugnação, uma vez que de acordo com o regulamento qualquer dos candidatos pode requerê-la nos cinco dias seguintes à data do apuramento final.

Ao presidente da Comissão

cabará então, com o prazo igualmente de cinco dias, a decisão final sobre o assunto.

Por seu turno, o Conselho Regional do Norte da Ordem dos Médicos congratulou-se com a decisão da Comissão Eleitoral Nacional que confirmou as ilegalidades.

Em comunicado, aquele conselho lamenta que a imagem da classe médica seja «gravemente ferida pelo acto que estiveram na génese dos graves atropelos que não podem legitimar qualquer vencedor».

Acrescenta o documento que o Conselho não pode admitir «que a defesa dos legítimos interesses dos médicos e a reconquista do seu prestígio sejam assumidas por pessoas que atropelam directa ou indirectamente a legalidade».

De qualquer modo, de acordo com o apuramento final dos votos ontem feito em Coimbra, Machado Macedo foi o vencedor das eleições para a Ordem dos Médicos, com 4939 votos expressos a seu favor.

Guimarães dos Santos, nesta contagem, foi dado como segundo classificado, com 2928 votos, Gentil Martins ficou em terceiro, com 2065, e Hélder Pereira obteve 401.



Director queixa-se de sensacionalismo

Corrupção na Judiciária do Porto

Quatro elementos da Polícia Judiciária do Porto foram processados disciplinar e criminalmente por corrupção relacionada com a actividade ilícita de uma mulher muito conhecida no Porto pela vida faustosa que leva, Maria da Graça Correia Bastos Lopes, acusada de prática de várias burlas agravadas.

Os funcionários da PJ agora incriminados bloqueariam as investigações respeitantes a cheques sem cobertura emitidos pela Maria da Graça e estariam na origem da fuga da cadeia de um seu irmão, quando respondia por crimes da mesma natureza e de que seria condenado a 15 anos de prisão.

Maria da Graça herdou em tempos 450 mil contos que esbanjou facilmente e daí haver contraído hábitos caros que só o recurso a burlas tem permitido manter.

A divulgação deste caso de corrupção deveu-se à actividade de dois jornalistas do «Comércio do Porto», Coutinho Ribeiro

e António Soares, que aventam a hipótese de ninguém poder prever qual a sua dimensão que envolverá advogados e mesmo um magistrado.

Após a publicação da notícia, há dois dias, outros órgãos da Comunicação Social se fizeram eco da notícia, o que levou a direcção da Polícia Judiciária a emitir rapidamente uma nota confirmando a detecção do caso de corrupção na Direcção da Porto, mas com o objectivo principal de protestar «pela forma sensacionalista como alguns órgãos de Comunicação Social, designadamente a Imprensa, deram a notícia».

Esquecem, ou talvez não, os responsáveis pela PJ que é precisamente o silêncio dos factos e o receio de afectar o prestígio da corporação que obriga a especulações e, essas sim, podem contribuir para a má imagem da Polícia, que não deve apenas ser séria mas também parecê-lo.

Para já pode concluir-se, sem grande margem para dúvidas,

que se não fosse o presente caso de corrupção, os dirigentes da Judiciária manteriam no segredo doméstico os cinco outros ocorridos no ano findo, conforme a nota agora divulgada refere: «Durante o ano de 1986 foram afastados da Polícia Judiciária cinco elementos por corrupção, três punidos com penas de demissão e dois com aposentações compulsivas.»

Por aqui se vê que a transparência sugerida na nota da PJ não passa de mera figura de retórica.

Assim, pela nossa parte, reafirmamos aqui a acusação de sensacionalismo que não existiu nas notícias do «DL», que só agora se refere ao assunto. Lamentamos sim que mais uma vez os responsáveis pela Judiciária recorram ao completo mutismo neste como noutros casos e obriguem todos os funcionários a essa norma de silenciamento incompreensível e prejudicial para a corporação.

UGT contra estatutos da Lusa

Inaceitável o controlo da informação pelo Executivo

A UGT apelou aos Grupos Parlamentares para que votem contra os estatutos propostos para a Lusa, dado que «os mesmos são inaceitáveis» — anunciou, em Lisboa, a União Geral de Trabalhadores.

«Os estatutos são inaceitáveis quando permitem, e até fomentam, a governamentalização da informação e da gestão daquela agência noticiosa» — precisa o comunicado divulgado, a propósito, por aquela central sindical.

A União Geral de Trabalhadores, que afirma admitir o princípio da existência de uma única agência noticiosa, considera que numerosos artigos dos estatutos da Lusa colocam em causa, à partida, a independência daquele órgão de Comunicação Social.

É o caso do director de Informação que, de acordo com os estatutos propostos, poderá recair num membro da Direcção, nomeado pelo Governo, que seja jornalista. A UGT

afirma que «é o meio mais expedito para governamentalizar a Lusa, situação que não deverá ser permitida pela Assembleia da República».

Os estatutos vão ainda mais longe, prossegue a análise da UGT, quando afirmam que na «dependência da administração funcionará a Comissão Consultiva e Editorial com o fim de aconselhar a administração na orientação da informação da agência».

Refere a central sindical: «Afinal, será a administração que orienta a informação. Não é a UGT quem acusa. São os estatutos que confessam.»

Também causou espanto no seio do secretariado da UGT o facto de os estatutos afirmarem que «a actividade infor-

mativa da Lusa fica sujeita a supervisão do Conselho de Comunicação Social», uma vez que a Lusa não se enquadra no âmbito dos órgãos de Comunicação Social sujeitos ao controlo do referido Conselho.

É ainda referido como «inconcebível» que a escritura da Lusa tenha sido feita antes de o Presidente da República se ter pronunciado sobre o decreto de extinção da Anop e na mesma altura em que quatro dos seis partidos com assento parlamentar anunciaram o propósito de requerer a sua ratificação.

A terminar, a UGT manifesta a sua confiança na coerência dos Grupos Parlamentares e apela para que os mesmos reprovem os estatutos da Lusa e a consequente negação da governamentalização da aquela agência noticiosa.

AVISO AO PÚBLICO

Considerando o elevado movimento de Expressos com partida das instalações da Rodoviária Nacional, na Av. Casal Ribeiro, torna-se necessário vedar o trânsito, no troço desta via compreendido entre o Largo de D. Estefânia e o cruzamento com a Av. Defensores de Chaves, excepto a transportes públicos, no período seguinte:

**24 de Dezembro
das 6.30 às 19.00 horas**

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

KIDS

BOUTIQUE

PRONTO A VESTIR PARA CRIANÇA
CONFECCÃO POR MEDIDA

Rua Joaquim António de Aguiar, nº 67-A 1000 LISBOA Tel. 691195

Há contínuas "perseguições", "buscas" e "detenções"

FUP acusa DCCB de manter "atitude provocatória"

A FUP acusou ontem a Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) de manter uma atitude «provocatória» ao «tentar intimidar a organização» e os militantes da Força de Unidade Popular.

«São contínuas as perseguições nas ruas, as buscas domiciliárias e a detenção por largas horas de militantes e simpatizantes da FUP», actos que segundo afirma o comunicado agora difundido, que assinala os resultados infrutíferos desta actuação policial.

Tal situação de vazio para as forças policiais, segundo a FUP, fica a dever-se ao facto de «nada ter a esconder relativamente à sua actividade política».

Mas, ainda segundo o documento enviado aos jornais, a actuação policial indicia «um crescente nervosismo que resulta do desmascaramento por parte da defesa da tese do juiz Martinho de Almeida Cruz e da procuradora Cândida, de que a FUP estaria organicamente ligada às FP-25».

«Enquadramos esta perseguição que nos é movida na feroz repressão policial político/económica que o povo português hoje sofre,

pois a chaga social dos salários em atraso, a corrupção generalizada, os espancamentos nas esquadras da polícia, as ilegalidades nas entregas de reservas na zona da Reforma Agrária, são atitudes e métodos do poder político que nos levam a caracterizar o estado como um agente do flagrante e permanente delito», lê-se no comunicado.

A terminar, a FUP baseia-se nestes factos e noutros, para comentar que «as razões políticas que presidiram à elaboração, construção e intervenção do nosso projecto se mantêm e apesar das perseguições e prepotências que sofre não abdicará de, por todos os meios, o tentar levar à prática».

Hotel Golf Mar fica no Vimeiro

O «Diário de Lisboa» relatava ontem uma situação que, no mínimo, merece a qualificação de curiosa, relativa à proibição pela gerência de um hotel, o Golf Mar, de leitura do nosso jornal nas suas instalações. Lamentavelmente, um lapso instalou-se na prosa e o nome da terra que deu espaço à notável unidade hoteleira saiu trocado. De facto, o Hotel Golf Mar não está situado no Vimeiro, que é em Trás-os-Montes, nem no Vimeiro, que é no Alentejo, mas sim no Vimeiro, que fica no Litoral Oeste e cujas águas não têm culpa de que a gerência do hotel seja assim. Passe a lição de Geografia, sumariíssima, o esclarecimento aqui fica.

Novo "raid" aéreo a Macau

A realização de um «raid» aéreo entre Sagres e Macau, num pequeno monomotor, foi anunciada em Lisboa pela entidade patrocinadora, a Sociedade Central de Cervejas.

A aventura é uma iniciativa do comandante Jorge Cruz e será uma segunda edição da viagem efectuada em 1924 por Brito Pais e Sarmiento Beires, constituindo também uma homenagem aos pioneiros da aviação em Portugal.

De salientar que o pequeno monomotor que partirá de Sagres, irá aterrar no interior do enclave de Macau, onde, há mais de 52 anos, segundo os organizadores do «raid», não aterra qualquer avião.

Altas pressões atmosféricas trazem frio no fim do ano

O último dia do ano será frio e enevoadado durante a manhã a confirmarem-se as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica para a última semana de 1987.

A temperatura média do ar estará próxima dos valores normais do Inverno durante os últimos dias de 1986, altura em que Portugal continental vai estar sob a influência de cristas de altas pressões — segundo as previsões.

Até domingo o céu vai estar limpo ou pouco nublado, com vento fraco ou moderado do quadrante nordeste enquanto de 29 a 31 a tendência será para céu pouco nublado mas temporariamente muito nublado, com vento fraco de oeste e neblina ou nevoeiro durante a madrugada e manhã.

Recluso mais idoso não foi contemplado

Presidente da República atendeu 24 dos 284 pedidos de indulto

O Presidente da República, Mário Soares, concedeu 24 indultos a reclusos que cumpriam penas de cerca de 10 anos, disse um assessor jurídico da Presidência.

Mário Soares, que esteve reunido com o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva e o ministro da Justiça, Mário Raposo, para analisar 284 pedidos de indulto, «pronunciou-se só sobre 24 casos porque os crimes cometidos e apresentados para indultos eram extremamente graves», disse a mesma fonte.

«Os pedidos contemplados referiam-se a indivíduos que cometeram homicídios, envenenamentos e violações e um ou dois casos eram de expulsão do país por tráfico de estupefacientes», disse o assessor.

Por crime de consumo de estupefacientes não foi concedido

nenhum indulto.

Os indultos, requeridos pelos presos ou seus familiares, são organizados na Direcção-Geral dos Serviços Prisionais até 30 de Maio mediante parecer dos responsáveis pelos estabelecimentos prisionais, Tribunal de Instrução de Penas e Ministério da Justiça.

O critério para a concessão de indulto foi relativo ao comportamento dos detidos, tempo que faltaria para o cumprimento da pena, natureza do crime e circunstâncias alegadas pelo preso, nomeadamente de saúde.

«Dentro de poucos dias serão publicados no «Diário da República» os indultos agora concedidos, o que permitirá que os presos contemplados requeiram liberdade condicional», disse o assessor presidencial.

O recluso mais idoso, actualmente com 94 anos, não se

encontra entre os 24 presos indultados pelo Presidente da República.

Ainda sobre o recluso português mais idoso, afirmou ter sido o seu caso debatido durante a reunião entre o Presidente da República, o Primeiro-Ministro e ministro da Justiça.

«No entanto, foi decidido não conceder indulto, na medida em que a avançada idade desse recluso pesou na pena que lhe foi aplicada e também devido ao facto de o preso, aquando de saídas condicionais que realizou recentemente, ter proferido algumas ameaças contra a viúva e o filho da pessoa que matou», precisou.

A reunião sobre os indultos presidenciais durou cerca de 30 minutos, não tendo sido possível no final ouvir declarações do ministro da Justiça, Mário Raposo.

Sindicalistas da PSP protestam contra transferência do Porto

A comissão da Pró-Associação Sindical da Polícia de Segurança Pública-Zona Norte protestou ontem em comunicado contra a transferência de 17 agentes que prestam serviço na primeira esquadra da PSP do Porto, em vésperas de Natal.

«Numa quadra como esta, ninguém pode ficar indiferente a isto» — diz o comunicado que acrescenta que «o bom Natal que se deseja não será extensivo a esses novos colegas. Ninguém poderá esquecer (para além da

ausência do diálogo) a insensibilidade e a agressividade dos responsáveis por tais decisões».

A comissão afirma que é necessário reflectir sobre «as razões e o modo como os actuais ocupantes dos lugares de chefia e comando da PSP continuam a dirigir uma Polícia europeia, num País que se diz integrado na CEE há um ano».

O comunicado que repudia o «inqualificável tratamento que a hierarquia da PSP continua a dar a seres humanos», refere que este

exemplo do comando distrital do Porto da PSP «é esclarecedor da política de Almeida Bruno, que deixou atrás de si um quadro de actuações e de comportamentos cheios de nuvens negras».

A Pró-Associação Sindical da PSP/Zona Norte espera que o futuro responsável máximo pelos destinos da Polícia venha a merecer a confiança dos profissionais da PSP e aguarda que, entre as primeiras decisões a tomar, «desbloqueie o processo de reconhecimento da associação».

Elementos da PSP de Coimbra com gratificados em atraso

Os agentes da PSP de Coimbra não receberam ainda o pagamento dos serviços de vigilância extra correspondentes ao mês de Novembro — revelou o secretariado da Associação Sindical da PSP.

Um elemento da referida

associação disse à Anop que aqueles serviços são prestados fora do horário normal de trabalho a empresas e entidades que os solicitam.

Adiantou que a dívida é de cerca de 60 contos e fica a dever-se ao atraso da Câmara

Municipal de Coimbra e de uma empresa privada em pagarem as quantias respectivas.

O mesmo elemento salientou que continuam também por pagar os serviços de vigilância em recintos desportivos correspondentes aos meses de Outubro e Novembro.



Mário Castrim

Nada me assusta tanto como um telefone que toca às três da manhã. Pode não ser nada importante, mas o sono dificilmente retoma a sua marcha. Uma carga de trabalhos.

Foi o que aconteceu esta madrugada. Ainda por cima a ligação demorava, tilintava, picava. E eu, tonto de sono e de medo:

— Tá lá? Tá? Tá ou não tá? Acabaram por estar. Era de um jornal americano. Sou franco, não estranhei muito, pois sou sobejamente conhecido em todo o Mundo.

— Então o que é que os meus amigos mandam? Aposto que se trata do Irangate.

Louvaram muito, na outra o ponta do fio, a minha perspicácia.

— Como diabo é que você adivinhou?

— Ora, mas então pensam que só vocês é que são espertos? Toma!, engoliram em seco.

— Ora bem — continuou a voz no inglês mais correcto que lhe era possível — o que nós pretendíamos era saber uma coisa relacionada com a Nicarágua.

— Então? Façam o favor de perguntar.

— Bom, trata-se do seguinte. Informaram-nos que o North encaminhou muitas das armas para os contras da Nicarágua através desse país.

— Está bem, e depois?

— Trata-se do seguinte. Reina aqui uma certa confusão, ninguém nos consegue esclarecer devidamente.

— Troquem lá isso por miúdos.

— Trata-se do seguinte. North foi para Beirute, supõe-se que através do nosso país, e que foi igualmente no vosso país que ele obteve passagem excelente para Chipre.

— Homessa!, E então? Nós somos uma sociedade aberta, escancarada.

— Pois. Mas trata-se do seguinte. Sabemos que as armas passaram directamente de Portugal para a Nicarágua.

— Afinal, o que querem?

— Trata-se do seguinte.

Queremos saber por que fronteira saíram as armas de Portugal e entraram na Nicarágua.

— Perdão?, estão a confundir-nos com as Honduras!

— Então desculpe, sim? E desligaram.

Túnel sob a serra da Estrela volta a ser considerado

O projecto de um túnel de 17 quilómetros, ligando Seia à Covilhã sob as montanhas da serra da Estrela, voltou a ser apresentado pela recém-criada Associação para o Desenvolvimento e Vanguarda na Investigação.

Trata-se de uma associação criada há cerca de um mês em Seia e que pretende desenvolver iniciativas que possam ter peso no desenvolvimento da região.

O túnel de 17 quilómetros sob o maciço da Estrela custaria mais de 17 milhões de contos, mas parece não ser encarado com grande entusiasmo, tanto mais que a uma reunião que convocara os principais interessados locais só compareceram os presidentes das Câmaras de Seia e da Covilhã.

A iniciativa é já quase cente-

nária. Foram iniciados estudos em 1895 por um grupo de responsáveis locais, cujas intenções goraram pela inexistência de meios capazes na altura.

O túnel, a ser construído, tornaria a viagem de Seia à Covilhã em apenas alguns minutos e poderia contribuir para a ligação entre o porto de Aveiro e Cova da Beira «se, a par da sua construção forem remodeladas as vias de acesso em ambos os lados», como afirmou um dos responsáveis.

«À partida, afirmou Manuel Borges, um dos principais responsáveis pelo empreendimento, o túnel pode ser considerado como megalómeno. Mas, analisadas a sua importância e repercussão no desenvolvimento da zona, todos mudarão de ideias.»

Quatro mortos num acidente de viação em Messines

Quatro mortos e dois feridos é o resultado de um acidente ocorrido ontem entre um veículo ligeiro e um autocarro com emigrantes portugueses na Estrada Nacional 264, próximo de Messines.

Os mortos são José da Costa Pinto, natural de Valpaços, Leonardo de Almeida, de Coimbra, Carlos Fernando da Conceição Cotio e Florentino Almeida Marques.

Os feridos são José Joaquim

de Sousa Vaz e Eurico Amorim Lopes.

O autocarro de matrícula francesa 7970SP64 era conduzido por Manuel Mendes Guerreiro, natural de Carenca, Loulé, residente em França.

As causas do acidente residem na estrada molhada que, segundo fonte da GNR, «atirou o veículo ligeiro com seis ocupantes para a via contrária em que seguia o autocarro».

Foram roubados 26.400 contos

Árbitro de futebol nos assaltos à Jomar

A Polícia Judiciária revelou ter desmantelado uma quadrilha internacional responsável por vários assaltos à mão armada, dois dos quais em Matosinhos à empresa Jomar (num total de 26 400 contos), tendo detido cinco pessoas, entre as quais um «conhecido árbitro de futebol»

apenas referenciado pelo apelido Santos. Os outros detidos pela secção do Porto da Direcção

Central de Combate ao Banditismo (DCCB) são Isabel Ramalho, Joaquim Vaz, Carlos Vaz e o espanholnchez, capturado em Oeiras.

Festa de Natal da Associação de Reformados

A Associação de Reformados (UPPSS), com sede na Alameda D. Afonso Henriques, 72, 2.º Esq., promove uma festa comemorativa do Natal, hoje, dia 23, a partir das 15 horas. Durante a festa (baile, variedades) actuará o Grupo Coral da Asso-

ciação de Reformados sob a direcção do regente António Ribeiro.

A Associação de Reformados para angariação de fundos destinados às suas actividades sociais promoveu uma «Venda de Natal».

Cantanhede: eleições a 15 de Fevereiro

A Câmara Municipal de Cantanhede fixou para dia 15 de Fevereiro de 1987 a realização das eleições para as assembleias das freguesias de Cadima e de Sanguinheira, daquele concelho.

As eleições são motivadas pela recente criação da freguesia de Sanguinheira, desanexada da área territorial da freguesia de Cadima.

Ministro promete transformação da rede viária nacional

JAE tem em estudo três mil quilómetros de estradas

A Junta Autónoma das Estradas tem em estudo três novos mil quilómetros de estradas, na maior transformação da rede viária nacional das últimas décadas, anunciou ontem em Coimbra o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. Entretanto, no final do «Ano Europeu da Segurança Rodoviária», a primeiro-ministro britânica, que actualmente ocupa a presidência da Comunidade Económica Europeia, enviou a todos os ministros dos Transportes da CEE uma mensagem em que sublinha a necessidade do reforço ao combate dos acidentes rodoviários.

A Junta Autónoma das Estradas (JAE) «está a estudar três mil quilómetros de itinerários principais», anunciou ontem em Coimbra o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. Oliveira Martins falava no decorrer da assinatura da adjudicação do troço Raiva—Troxemil, do itinerário principal número três, que passará a ligar Chaves à Figueira da Foz.

Apesar do esforço da JAE, que o titular da pasta das Obras Públicas, Transportes e Comunicações classificou como a «transformação mais

profunda das últimas dezenas de anos» na rede viária nacional, Oliveira Martins sublinhou que isso «não vai resolver todos os problemas viários porque existem itinerários complementares que têm de ser modernizados».

Cinco milhões para Coimbra

O lançamento adjudicado, no montante de três milhões de contos, tem 22 quilómetros de extensão, implica a construção de três pontes sobre o vale de Vinhel, Ribeira de Selga e o Mondego

e, segundo adiantou o membro do Governo, vai ter um pavimento rígido em betão de cimento «o que já não era feito há cerca de 40 anos».

Oliveira Martins anunciou, também, para o segundo semestre do próximo ano, o início das obras da ligação da ponte—Açude de Coimbra ao itinerário principal número três, à circular do novo hospital e à auto-estrada.

O novo lançamento vai atravessar os concelhos de Coimbra e Penacova e, pela sua ligação ao itinerário três, permitirá igualmente ligações aos itinerários principais quatro e cinco, respectivamente em Vila Real e Viseu.

Outra decisão tomada por aquele membro do Governo, que era acompanhado pelo ministro Fernando Nogueira e pelos secretários de Estado das Vias de Comunicação, Transportes e Habitação foi a de eliminar, no ramal da Figueira da Foz, as passagens de nível Amieira—Revelves, Verride—Marujal, Revelves—Verride e Monte-mor—Velho—Alfarelos.

No seu conjunto, as obras

programadas para 1987 para o distrito de Coimbra atingem, segundo Oliveira Martins, cerca de cinco milhões de contos.

Mensagem de Thatcher

A primeira-ministra britânica, que actualmente ocupa a presidência da Comunidade Económica Europeia enviou a todos os ministros dos Transportes da CEE uma mensagem em que sublinha a necessidade do reforço no combate aos acidentes de viação.

No final do «Ano Europeu da Segurança Rodoviária», campanha lançada em 1986 pela Comunidade, Thatcher refere que «nenhum ano, isoladamente, pode eliminar esta epidemia que mata e fere um milhão e meio dos nossos cidadãos todos os anos».

A missiva, igualmente endereçada à Comissão Europeia e ao Parlamento Europeu, apela para a aplicação de medidas em domínios como a formação profissional, a educação, a indústria automóvel e a construção de estradas. «Como Governos temos o dever de agir, pois as mortes causadas pelos acidentes rodoviários representam um prejuízo económico e social enorme», refere a primeira-ministra britânica.

Em resposta, Oliveira Martins defendeu um «investimento em meios técnicos e humanos que aconselham uma conjugação de esforços para debelar um mal reconhecidamente comum». «E pois necessário garantir que os progressos no domínio da cooperação conseguida no Ano Europeu da Segurança Rodoviária tenham melhor continuidade, criando o adequado enquadramento no âmbito comunitário», sublinhou o ministro português.

Operação "Rota Segura" já está na estrada

A Operação «Rota Segura», lançada pela Guarda Nacional Republicana e pela Brigada de Trânsito durante os períodos de Natal e Ano Novo, está desde o meio dia de hoje na estrada, abrangendo 26 mil efectivos daquela corporação.

Os agentes vão actuar prioritariamente através da acção preventiva com medidas que permitam maior fluidez ao tráfego rodoviário, numa operação que se vai desenvolver em duas fases: a primeira, que teve início às 12 horas de hoje e que se prolonga até à mesma hora do dia 29, e a segunda, de 30 de Dezembro a 5 de Janeiro, em idêntico horário.

Para além da vigilância nas estradas de todo o País, nomeadamente nos principais itinerários e eixos de tráfego, como Lisboa—Algarve e Lisboa—Porto, haverá um reforço policial na fronteira de Vilar Formoso de apoio à entrada de emigrantes.

A Operação «Rota Segura» conta também com o apoio de um helicóptero da GNR tripulado por elementos da Força Aérea, situado na base AT1, na Portela de Sacavém, com um centro de operações no Comando—Geral da GNR, comunicações das sedes de batalhões de Coimbra, Porto e Évora, e dos grupos regionais de trânsito, provenientes do Batalhão de Trânsito.



KIDS

BOUTIQUE

PRONTO A VESTIR PARA CRIANÇA

CONFECÇÃO POR MEDIDA

Rua Joaquim António de Aguiar, nº 67-A 1000 LISBOA Tel. 691195

Obras terão inviabilizado reserva ecológica

Serviços Hidráulicos proíbem aterros na lagoa dos Salgados

A Direcção dos Serviços de Hidráulica do Guadiana embargou as obras de aterro que estavam a ser feitas na lagoa dos Salgados, situada na foz da ribeira de Espiche, entre os concelhos de Silves e Albufeira.

Um responsável daqueles serviços disse à agência Notícias de Portugal que essas obras estavam a ser feitas «ilegalmente», uma vez que a empresa responsável não po qualquer licença.

A mesma fonte revelou que foi dada prazo à empresa, proprietária da Herdade dos Salgados, na qual se situa a lagoa do mesmo nome, para serem retiradas as terras.

O técnico dos Serviços de Hidráulica contactado pela NP admitiu que «a empresa poderá não retirar a terra se entretanto apresentar às entidades compe-

tentes um projecto para a área, que será depois devidamente estudado».

No entanto, sublinhou, se nenhuma destas soluções for aceite pelos proprietários da área dos Salgados, «as terras poderão ser retiradas pelos serviços estatais, mas os custos desta operação serão pagos pela empresa».

Aquela fonte disse também que os proprietários da hinhã reanteriormente aos Serviços de Hidráulica apenas para proceder a obras de regularização e limpeza na ribeira de Espiche, mas que o mesmo documento não autorizava os aterros.

Para a área da lagoa dos Salgados es aprovado pela ra de Albufeira um grande empreendimento turístico de luxo que ocupará uma área de 160 hectares e que, segundo o projecto, incluirá

um campo de golfe instaladprecisament nos terrenos das margens da lagoa ou resultantes dos aterros.

O Serviço Nacional de Parques, Res Conservação da Natureza (SNPRCN) tinha em estudo um projecto de protecção daquela zona húmida, já que a área tem algum interesse como local de abrigo de numerosas espécies de aves ribeirinhas.

Esse projecto, que foi anunciado à Agência NP pelo vice-presidente do SNPRCN, poderá nunca chegar a ser concretizado, já que os aterros entretanto feitos na lagoa modificaram profundamente as características de toda a área dos Salgados.

Entretanto, o presidente da Câmara de Silves enviou uma carta na passada quinta-feira a diversas entidades abordando a

mesma questão.

A carta, enviada ao director de Serviços da Direcção de Hidráulica do Guadiana, ao presidente da Câmara de Albufeira e ao governador civil, era acompanhada por cinco fotografias a cores, apresentando o aspecto da lagoa antes e depois dos aterros.

Na sua carta, o presidente da autarquia de Silves, concelho que confina com a margem ocidental da lagoa, afirmava que «o urbanizador defraudou o bem público, em especial os interesses do concelho de Silves».

Por outro lado, fontes ligadas à Câmara de Albufeira, em cuja área será construído o empreendimento, afirmam que o próprio Serviço Nacional de Parques e Reservas terá perdido o interesse no projecto de protecção da área dos Salgados.

Boas-Festas e feliz Ano Novo ao "DL"

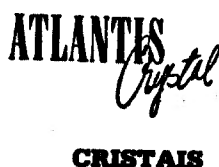
Recebemos mensagens, votos e cumprimentos, enviados por entidades, leitores, anunciantes e amigos do nosso jornal de bom Natal e feliz Ano Novo; que agradecemos e retribuimos:

Carlos Alberto Franco de Oliveira, Edmundo Fernando Casares Vega, Orlando Rie Leitão, Jorge Castro e Costa, Cunha Caldeira, Carlos Manuel Alves Martins, José Mesquita e Carmo, Câmara Municipal de Sintra, Câmara Municipal de Évora, Câmara Municipal de Grândola, Câmara Municipal da Marinha Grande, Câmara Municipal de Alcácer do Sal, Câmara Municipal de Almodôvar, Câmara Municipal de Braga, Câmara Municipal de Fafe, Câmara Municipal de Constância, Exército de Salvação, União de Resistentes Antifascistas Portugueses, Juventude Centrasta, SINDICATO Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil, Metropolitano de Lisboa, Montepio Geral, Banco Fonecas e Burnay, Correios e Telecomunicações de Portugal, Centro Cultural e Regional de

Santarém, Região de Turismo do Oeste, Região de Turismo de Algarve, Secção de Ginástica de Sporting Clube de Portugal Clube de Futebol «Os Belenenses», União Futebol Barreirense, Casa Pia Atlético Clube, Futebol Clube de Alverca, Inatel, Casa do Algarve, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Livraria Barata, Câmara do Comércio Portugal-Moçambique, Grupo Folclórico das Lavradeiras da Meadela, Rádio Renascença, Rádio «Mais», Vasco Morgado, Voxmania, Centro Comercial Fonte Nova, Transtejo, Associação Portuguesa Classe Laser Portugal, Sociedade Técnica de Artes Gráficas, Matingrafe, Rima, Lda., Os Tércios, Lda., Kodak Portuguesa, Lago do Monte Estoril, Agência Efe, Leeds, England, M. de Oliveira Augusto, Instituto Italiano de Cultura, Atlas Copco, Transcarbono, Lisopneus, Polónio Basto, Cyanamid Portugal, Ceramicarte, Lorilleux Internacional, CEC-Consultores de Comunicação, Inter Press Service.

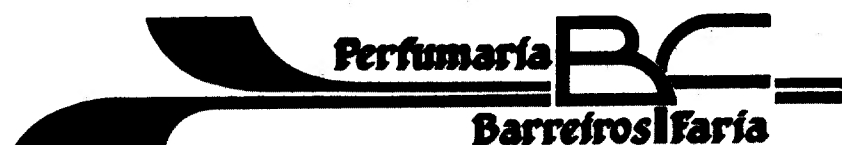


Para o seu Natal



- Porcelanas • Cristais
- Estanhos, latões e molduras
- Utilidades domésticas

CENTRO COMERCIAL LUMIAR • LOJAS 48-49



C. COM. LUMIAR

1600 LISBOA

BOAS-FESTAS

TEMOS O SEU PERFUME

Loja 30

A. GONÇALVES

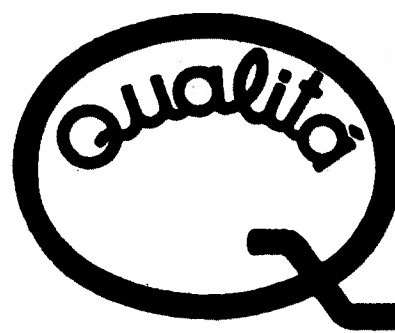
ELECTRODOMÉSTICOS

FELIZ NATAL
PRÓSPERO ANO NOVO

TEMOS O SEU PRESENTE
DE NATAL!

Loja 22

CENTRO COMERCIAL LUMIAR



loja 35

centro
comercial
do
lumiar

- ARTIGOS DE VIAGEM
- MALAS
- CARTEIRAS
- MARROQUINARIA

Espanhóis fecharam barragem "no caminho"

Poluição do Guadiana não passou para o lado de cá

Carlos Pimenta, secretário de Estado do Ambiente, que ontem havia requerido a análise urgente das águas do rio Guadiana devido ao acidente verificado no último fim-de-semana em território espanhol, próximo da cidade de Mérida, disse-nos esta manhã as mediações em Monte da Vinha não indicaram nenhuma alteração.

Os espanhóis, eles mesmos, evitaram que o caudal contaminado chegasse até à nossa fronteira.

«Fizeram, e muito bem — disse o secretário de Estado — retenção das águas do rio, numa barragem que fica a jusante de Mérida, tal como me foi informado pelas autoridades de Madrid. E sendo assim: não passou nada para o lado de cá do Guadiana.»

Foram quase 30 toneladas de peixe morto que militares, polícias, guardas civis e funcionários municipais retiraram este fim-de-semana das águas do rio Guadiana, perto da cidade espanhola de Mérida.

Causa principal terá sido os despejos de matéria orgânica das indústrias de azeite daquela zona para o rio Matachel, que conflui com o Guadiana em território de Espanha, na Extremadura. Mas uma série de factores se lhe associaram, como o baixo caudal daquele rio à passagem por Mérida, os metabolismos dos pesticidas e, pensa-se, alguma doença latente que afectasse já a população piscícola.

O Guadiana teve sábado e domingo uma drástica redução do seu nível de oxigénio, devido à concentração dos detritos orgânicos, mas a situação está agora regularizada, depois de se descarregarem os caudais de água procedentes

da barragem de Orellana, com a finalidade de activar e aumentar o leito do rio com 1000 metros cúbicos de irrigação por segundo.

Na madrugada de sábado a matéria orgânica do Guadiana havia subido de 3,6 para 15,6 gramas por metro cúbico, tendo reduzido a quantidade de oxigénio de 11 para um miligrama por litro. O oxigénio gastou-se na oxidação dos detritos do azeite, assim se explicando o acontecimento. Ontem já o índice de oxigenação subia de 1 para 3,2 miligramas.

Disseram, entretanto, as autoridades municipais de Mérida que a água do Guadiana, que abastece a cidade, nunca deixou de ser potável, tendo a zona contaminada ficado localizada. Pelos seus lados, a Confederação Hidrográfica do Guadiana indicou que cada factor dos intervenientes não chegaria a ser determinante por si mesmo, e só acumulados é que puderam causar a elevada mortandade de barbos e lúcios.

Seja como for, os lagares de azeite de Tierra de Barros, situados alguns quilómetros acima de Mérida, já não estão a lançar os seus detritos no Matachel. Depois do desastre prevê-se que daqui por um ano já a população piscícola estará restabelecida. Até lá os pescadores de domingo têm de alterar os seus costumes.

Reforma Agrária foi afastada da Comissão permanente do tomate

Os secretariados das UCP's e Cooperativas da zona da Reforma Agrária afirmaram que o secretário de Estado da Alimentação «pretende afastar» os representantes da Reforma Agrária da Comissão Permanente para a produção, transformação e comércio do tomate.

Em comunicado, aqueles secretariados afirmam que, na última reunião da Comissão Permanente do Tomate, a sua presidente comunicou ao representante, as Unidades Colectivas de Produção (UCP's) e cooperativas agrícolas a existência de um despacho do secretário de Estado da Alimentação, de que se recu-

sou a entregar cópia, pelo qual a Reforma Agrária deixava de estar representada.

Acrescentam que se manteve a representação da CAP e outras organizações.

«É de tal forma escandaloso e sem qualquer razão válida esta tentativa de afastamento da Reforma Agrária que a própria Comissão se mostrou desagradada e discordante do despacho do secretário de Estado» — afirma-se no comunicado.

Assinala que o Governo nem sequer ouviu os secretariados das UCP's e Cooperativas nem lhes comunicou previamente o teor do despacho.

Reféns da Renamo chegam amanhã a Lisboa

Os cidadãos portugueses que a RENAMO mantinha como reféns chegam amanhã a Lisboa, após a libertação de um segundo grupo constituído pelos padres jesuítas António Reis, Joaquim Barata e José Lima e do técnico da Comunidade Económica Europeia, Orlando Basso.

A libertação deste segundo grupo, de que ainda fazem parte três técnicos britânicos e um alemão federal, foi ontem noticiada, depois de se terem gerado algumas preocupações sobre qual a atitude que a RENAMO tomaria após o «desvio» do primeiro grupo do Malawi para Maputo, quando as autoridades portuguesas e o delegado da Cruz Vermelha Internacional esperavam que os reféns fossem encaminhados directamente para a Europa.

O facto de, em Setembro, cidadãos portugueses terem sido encaminhados do Malawi para Moçambique tinha suscitado uma ameaça da RE-

NAMO, segundo a qual, se o caso se repetisse não haveria a libertação de mais cidadãos portugueses.

No entanto, esta posição expressa pelo presidente daquela organização, Afonso Dlakama, não se chegou a confirmar, e o segundo grupo de reféns foi conduzido do interior da República Popular de Moçambique para o Malawi, de cuja capital, Lilongwe partirão para Lisboa, via Paris, devendo chegar à capital portuguesa a meio do dia de amanhã. Recordar-se que os outros 34 cidadãos portugueses libertados na passada semana pela RENAMO partem hoje do Maputo

no voo regular da TAP, estando prevista a sua chegada ao aeroporto da Portela às primeiras horas de amanhã.

Libertação esteve em dúvida

Em declarações prestadas aos microfones da Rádio Renascença, Orlando Basso disse ter havido um momento em que chegou a estar em dúvida a libertação dos técnicos da CEE raptados durante um ataque da RENAMO na província de Tete a 8 de Novembro.

Orlando Basso acrescentou que o momento de dúvida ocorreu no domingo à tarde, quando foi anunciado que só seriam libertados os três padres jesuítas. Na altura, de acordo com o relato do técnico da CEE, o grupo encontrava-se a cinco horas de marcha da fronteira com o

Malawi, mas pouco depois chegou uma contra-ordem com a «luz verde» para a libertação de todo o grupo.

Entretanto, um porta-voz moçambicano qualificou, no sábado, de «vergonhosa campanha» os protestos e reacções no estrangeiro à transferência dos reféns da RENAMO do Malawi para Maputo. «Os reféns foram raptados em território moçambicano», recordou, acrescentando que «a sua presença em Maputo, após a libertação, obedece em tudo aos princípios e à prática que, em ocasiões anteriores, o Governo moçambicano tem observado nesta matéria».

O porta-voz oficial moçambicano precisou que «esses princípios tem a ver com o respeito da soberania de Moçambique e não contêm com a liberdade das pessoas que estiveram sujeitas aos bandos armados».

SEMPRE FIXE

3 ÁLBUNS ENCADERNADOS



1.º volume
Reprodução do Sempre Fixe
dos anos 1926 e 1927*

2.º volume
Caricaturas de Stuart Carvalhais

3.º volume
Caricaturas de Carlos Botelho

* — O 1.º volume contém caricaturas de Francisco Valença, Amarelhe, Stuart Carvalhais, Almada, Carlos Botelho, Jorge Barradas, Roberto Nobre e Bernardo Marques.

Preço de cada volume: 400\$00
Preço da colecção (3 vol.): 1 000\$00

COMPRE JÁ
antes que esgote!

ÚLTIMOS EXEMPLARES

DISPONÍVEIS

À VENDA NO DIÁRIO DE LISBOA — R. Luz Soriano, 15-17, Lisboa

— Pedidos telefónicos para reserva — 37 27 81 ou 32 11 54 — Sr. Alfredo de Carvalho

"Portugal na CEE" - um guia essencial

A bibliografia portuguesa sobre temas comunitários conta desde a passada semana com mais um importante e imprescindível título: «Portugal na CEE - a indústria, a agricultura, a pesca, os trabalhadores, os investimentos, os fundos - o presente e o futuro». Trata-se de um trabalho exaustivo e de um levantamento metódico, onde todos os aspectos da adesão são passados a peneira, em todas as suas facetas, e perspectivados quanto às suas consequências.

Editada pelas Publicações Europa-América, na sua colecção Estudos e Documentos, e contando com a colaboração da Secretaria de Estado da Integração Europeia e do Banco Português de Investimento, a obra, de 540 páginas, é da autoria de Pedro Álvares, conselheiro técnico principal na Representação Permanente de Portugal junto da CEE e homem desde sempre ligado a todas as negociações que conduziram à integração de Portugal nas Comunidades Europeias. Na sua nota de apresentação o autor sublinha que tentou fornecer ao leitor, «interessado mas porventura não iniciado, elementos que melhor lhe permitissem estar apto a discutir problemas que se encontram entre os mais importantes a que o país terá de fazer face no decurso dos próximos anos». O livro foi apresentado publicamente na passada quinta-feira, na presença do Secretário de Estado da Integração Europeia, Vítor Martins, e de Ernâni Lopes e António Marta, principais negociadores da adesão.

Segundo o secretário de Estado «esta é uma obra que se afirmará como um instrumento indispensável para os agentes económicos».

Transinsular associa-se à Secil

A Transinsular vai criar no próximo ano uma nova empresa, em sociedade com a Secil, destinada ao transporte de cimento entre Setúbal e o Porto, em dois barcos de 2 mil toneladas cada, anunciou uma fonte daquela empresa de transportes marítimos. O plano de investimentos da Transinsular inclui também a aquisição de 4 novos navios, dois deles destinados à nova empresa, e ascende a 2,4 milhões de contos.

Lixo pode voltar a Lisboa

Os trabalhadores de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa anunciaram hoje a realização de um novo período de greve nos dias 26 e 27 de Dezembro, caso «não sejam encontradas soluções» para as suas reivindicações.

Após uma reunião com o presidente da Câmara, realizada ao fim do dia de segunda-feira, o Sindicato dos Trabalhadores do Município (STML) afirmou que Krus Abecasis «se comprometeu a encontrar uma proposta de resolução» para as reivindicações apresentadas, até ao fim do dia de amanhã.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

	(Por Unidade)	
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39\$80	45\$80
ALEMANHA FED. (marco)	74\$10	75\$30
ÁUSTRIA (xelim)	10\$50	10\$70
BÉLGICA (franco)	3\$354	3\$604
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106\$55	109\$05
(notas de 5 a 1000)	107\$05	109\$55
DINAMARCA (coroa)	19\$55	19\$95
ESPAÑA (peseta)	1\$065	1\$185
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147\$00	150\$50
(notas de 5 a 1000)	147\$50	151\$00
FINLÂNDIA (marca)	30\$15	30\$75
FRANÇA (franco)	22\$55	23\$25
HOLANDA (florim)	65\$55	66\$65
IRLÂNDIA (libra)	202\$25	206\$25
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$859	\$914
NORUEGA (coroa)	19\$50	20\$00
REINO UNIDO (libra)	212\$70	217\$20
SUÉCIA (coroa)	21\$35	21\$85
SUÍÇA (franco)	88\$35	89\$85
VENEZUELA (bolívar)	5\$25	6\$25

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Parlamento suspendeu decreto UBP

A Assembleia da República decidiu ontem suspender parcialmente por um período de 45 dias a vigência do decreto-lei que transforma a União de Bancos Portugueses em sociedade anónima de responsabilidade limitada de capitais exclusivamente públicos.

A suspensão foi decidida pela aprovação maioritária — votos contrários do PSD e abstenção do CDS — de uma proposta do PRD para a suspensão parcial pelo prazo de 45 dias da vigência do diploma e baixa a uma comissão parlamentar especializada, conjuntamente com propostas de alteração apresentadas durante a discussão da ratificação do decreto-lei pedida pelo PCP, PRD e PS.

A Assembleia da República rejeitou também por maioria — com os votos contrários do CDS e do PSD e a abstenção do PS e do PRD (com excepção de 14 deputados desta bancada que votaram favoravelmente) — uma proposta do PCP para que o plenário recusasse a ratificação do decreto-lei.

Os grupos parlamentares do PCP e do MDP/CDE propuse-

ram a não ratificação do diploma, alegando que a transformação da União de Bancos Portugueses de empresa pública para sociedade anónima de responsabilidade limitada padecia de inconstitucionalidade.

Octávio Teixeira, do PCP, afirmou que o diploma suspenso é inconstitucional, já que representa «uma alteração profunda do estatuto daquela empresa, não contemplada nem admitida pelo Estatuto das Empresas Públicas vigente, o que constitui matéria reservada à Assembleia da República».

O deputado comunista sustentou que o diploma em discussão, «embora preveja a titularidade pelo sector público do capital do banco, elimina condicionalismos e mecanismos de gestão e controlo, consagrando um modelo de gestão assente na degradação do controlo orçamental e parlamentar e na supressão dos direitos de intervenção e participação dos trabalhadores».

Octávio Teixeira disse não pôr em causa «a necessidade do reforço da estrutura financeira de alguns bancos nacionalizados, designadamente da União de Bancos Portugueses, empresa pú-

blica, mas a solução das debilidades estruturais do sistema bancário e o fortalecimento da rentabilidade das empresas públicas do sector não se conseguem com o simples aumento do capital social».

Raul de Castro, do MDP/CDE, disse que o seu partido era favorável à não ratificação do diploma porque este, «além de violar a Constituição, representa um grave e perigoso precedente».

João Cravinho, do PS, disse que o seu partido não é contrário à passagem da União de Bancos a sociedade de capitais públicos, «mas temos de ser contrários às disposições e omissões do diploma que violam ou negligenciam a salvaguarda de direitos e garantias essenciais inerentes à natureza pública da União de Bancos Portugueses».

O deputado socialista classificou este diploma de «medida de aplicação singular», já que em seu entender «o Governo não revela ter o mínimo de capacidade necessária para lançar e orientar a reestruturação sistemática da Banca pública».

João Cravinho disse estarmos «perante uma medida localizada,

mal enquadrada e claramente deficiente no que toca à salvaguarda de direitos e garantias essenciais inerentes à natureza pública da instituição» e acrescentou que «o reforço do capital poderia ser feito por via orçamental, sem qualquer inconveniente, teórico ou prático».

Vítor Ávila, do PRD, sustentou que «a iniciativa do Governo poderia eventualmente conduzir à extinção futura da UBP como empresa bancária sem o controlo da Assembleia da República», já que os estatutos dão à assembleia geral o poder de extinguir a empresa».

Outra questão que no entender do PRD não se encontra devidamente regulamentada no diploma em apreço «é a da não transferência de acções da UBP para entidades privadas, no caso da extinção das sociedades de capitais públicos ou das empresas públicas que as detenham».

Gomes de Pinho, do CDS, classificou o diploma de «operação de pouco mais do que cosmética» e disse que o que seria desejável que se discutisse «é se o Governo não deveria ir mais além e não que tenha ido demasiado longe».

CTT/TLP assinaram primeiro contrato de fornecimento de centrais digitais

Os CTT/TLP e a empresa alemã Siemens assinaram ontem em Lisboa o primeiro contrato para o fornecimento de centrais telefónicas de comutação digital, no valor de dois milhões de contos.

Viana Baptista, presidente dos CTT/TLP, explicou que o contrato corresponde a encomendas no valor de dois milhões de contos em centrais importadas, «a que acrescerão encomendas na nova unidade industrial a desenvolver em Portugal, no montante de dois milhões de contos por ano».

«Podemos pois dizer que os

contratos agora celebrados envolvem um esforço de investimento dos CTT/TLP superior a 15 milhões de contos a custos actuais, ao qual acrescerá o valor similar relativo ao segundo sistema», disse Viana Baptista.

O segundo sistema escolhido pelos CTT/TLP para equipar a rede telefónica nacional de comutação digital é o da multinacional norte-americana ITT, que o fabricará em Portugal com a Standard Eléctrica.

Para além das encomendas no domínio do digital, Viana Baptista anunciou igualmente encomendas à Centrel de material

electromecânico num montante superior a 3,5 milhões de contos, «ao qual acresce valor idêntico hoje encomendado a outro fabricante nacional», que é a Standard Eléctrica.

As quatro primeiras centrais digitais serão entregues pela Siemens aos CTT/TLP em Abril de 1987 e destinam-se às zonas de Lisboa (Carnide), Porto (Carvalhinho), Porto (Interurbana) e Aveiro.

Durante o primeiro trimestre de 1987, os CTT/TLP apresentarão as especificações para a fabricação nacional pela EMPTEL (empresa participada pela Siemens AG, Centrel e IPE) das centrais digitais de tecnologia Siemens.

O projecto global de digitalização da rede permitirá até 1990 atingir uma taxa de digitalização do País de cerca de 20 por cento, acrescentou Viana Baptista.

O contrato de fornecimento de equipamento de comutação pública digital ontem assinado, que tem subjacente um contrato de investimento estrangeiro e outro de transferência de tecnologias, foi outorgado pelas seguintes entidades: CTT, TLP, EMPTEL (Empresa de Equipamentos de Telecomunicações) e Siemens AG.

A Siemens e a EMPTEL são responsáveis pelo fornecimento aos CTT/TLP dos equipamentos e dos serviços relativos ao sistema de comutação digital da Siemens, designado EWSD.

O contrato é válido para encomendas dos CTT/TLP efectuadas à Siemens e à EMPTEL até 31 de Dezembro de 1990.

Greve nos aeroportos perturba voos

A greve dos trabalhadores dos aeroportos portugueses provocou a suspensão dos voos regionais nos Açores e o cancelamento de três voos no continente — disse à Anop o dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos (SITAVA), José Ávila.

José Ávila precisou que os voos regionais dos Açores, da companhia regional SATA, foram cancelados por razões de segurança.

O mesmo dirigente sindical afirmou que em Faro e Pedras Rubras (Porto) a adesão à greve é de 80 por cento, tendo um voo sido cancelado em Pedras Rubras.

Relativamente à capital afirmou que se regista uma adesão mais fraca, da ordem dos 35 por cento, mas foram já cancelados dois voos, um «charter» para Paris e um voo da TWA para Nova Iorque.

A greve foi decidida para protestar contra o «encerramento unilateral do processo negocial» devido à assinatura de um acordo salarial que prevê aumentos de 11,8 por cento assinado com dois sindicatos.

Entretanto, a empresa pública ANA anunciou que estão a ser tomadas medidas para minimizar os efeitos da greve no funcionamento dos aeroportos de Lisboa e dos Açores.

Em comunicado, a ANA-EP informa que está a desenvolver esforços para, dentro dos padrões normais de segurança, conservar em funcionamento as zonas de informação de voo (FIR's) de todos os aeroportos.

Segundo Eduardo dos Santos

Angola aceitaria ajuda dos EUA para combater a UNITA

O governo angolano aceitaria de bom grado a ajuda norte-americana para combater a UNITA, segundo o presidente José Eduardo dos Santos, citado pela Angop. A agência Noticiosa Angolana precisou que a declaração foi feita por Eduardo dos Santos ao ser entrevistado por um grupo de jornalistas norte-americanos. Instado por estes jornalistas a dizer se aceitaria ajuda militar dos Estados Unidos, o presidente angolano respondeu afirmativamente, precisando que aceitaria «ajuda militar em armamento, equipamento e munições para combater os bandidos da UNITA».

O chefe de Estado disse ainda que «uma coisa não está relacionada com a outra», quando interrogado sobre se Angola seria obrigada a recorrer à ajuda militar adicional soviética e ao reforço da presença militar cubana, no caso de a administração Reagan continuar a ajudar a UNITA.

«Nós realizamos o nosso esforço de defesa recorrendo a recursos económicos nacionais», afirmou, para acrescentar que os cubanos não são pagos por Angola nem estão no país para combater a UNITA, mas sim para «ajudar o governo angolano a defender-se de ataques de envergadura das forças racistas da África do Sul

e, sobretudo, quando a invasão ultrapassa uma linha convencional no Sul de Angola». «O combate contra a UNITA, é feito pelas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola», declarou o presidente, considerando «útil» toda a ajuda à defesa de Angola e «bem-vinda até mesmo a ajuda dos Estados Unidos».

De acordo com José Eduardo dos Santos, as forças cubanas sairão de Angola quando «cessarem as agressões e todas as ameaças de agressão» contra o país, o que só considerou possível quando «o regime da África do Sul deixar de desestabilizar, quer política quer

militar e economicamente os países da África Austral».

Respondendo a outras perguntas, o presidente afirmou que as forças angolanas não têm atravessado a fronteira com o Zaire para perseguir elementos da UNITA.

No entanto, disse, a fronteira comum de mais de 2.000 quilómetros, pela sua extensão, tem permitido a infiltração daqueles elementos no território angolano. Este contexto, referiu haver elementos que «saem do território Zaire e atacam algumas localidades da província de Cabinda», que não tem fronteira com a África do Sul ou com a Zâmbia.

«Nós temos transmitido essas preocupações, informações ao governo zaireense», prosseguiu, salientando que «de facto, há utilização do território zaireense pela UNITA e, pensamos, com a ajuda da África do Sul».

José Eduardo dos Santos, admitiu que a adopção de uma política de perseguição às forças da UNITA em território zaireense dependeria da «dimensão» dessa utilização.

O presidente angolano afirmou, por outro lado, que no Norte do país foram integrados nas forças armadas mais de mil ex-combatentes da FNLA, programa que vai ser alargado ao Sul, numa política que «não foi ditada do estrangeiro» mas sim «concebida pela direcção angolana para resolver problemas angolanos».

A «dita política de reconciliação nacional», defendida «pela administração americana e pela África do Sul», declarou José Eduardo dos Santos, significa negociações com vista a «salvaguardar interesses estranhos aos interesses do povo angolano» e por isso é rejeitada.

Por outro lado, o embaixador de Angola em Cuba declarou em Washington que o seu país mantém «uma porta aberta» para as negociações com os Estados Unidos — segundo a mesma agência.

Manuel Pacavira esteve na América do Norte a participar numa conferência sobre a situação em Angola e em Moçambique, organizada pela Fundação Mundial da Paz.

Dissidente refere maus tratos nas prisões cubanas

Um conhecido dissidente cubano, que foi libertado depois de 21 anos de prisão, disse em Madrid que quase ficou cego de um olho, devido aos maus tratos na prisão.

Eloy Gutierrez Menoyo, que chegou a Espanha no domingo, afirmou em conferência de imprensa que o presidente cubano, Fidel Castro, mentiu ao negar que os detidos são maltratados nas cadeias do país.

«Estive perto de perder a vida e ao ser levado para o hospital havia uma ordem directa de Castro para não ser tratado», acrescentou.

O antigo companheiro de armas do chefe de Estado cubano sublinhou que «não há um único detido que escape a espancamentos nas prisões».

Gutierrez Menoyo, que atingiu o posto superior de «comandante» ao lutar ao lado de Castro antes da revolução de 1959, foi condenado à morte em 1965 sob a acusação de tentar derrubar o Governo.

A sentença foi comutada para prisão perpétua.

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, assegurou a sua libertação durante uma visita oficial a Havana em Novembro.

Cabo Verde recusa extradição de cidadã guineense

O governo de Cabo Verde recusou um pedido de extradição de uma cidadã guineense apresentado pelas autoridades de Bissau, soube a ANOP junto de fonte próxima do governo da cidade da Praia.

Filomena Furtado Mendonça, que se encontra em Cabo Verde, é acusada pelas autoridades de Bissau de deli-

tos económicos quando era funcionária do Banco Central do país.

A mesma fonte adiantou que, para além dos motivos de ordem jurídica invocados pelas autoridades cabo-verdianas para recusar o pedido de extradição de Bissau, o governo da Praia também «não vê com bons olhos os maus tratos a que são subme-

tidos os presos na Guiné-Bissau».

O facto de o presidente guineense Nino Vieira não ter escutado o pedido de clemência apresentado pelo chefe de Estado cabo-verdiano, Aristides Pereira, para Paulo Correia e cinco outros presos fuzilados em Julho, contribuiu para o agravamento das relações entre os dois países, disse a mesma fonte.

Detido na Nicarágua

Norte-americano diz desconhecer quem lhe pagou para espiar

O norte-americano, Sam Nesley Hall, disse aos jornalistas que estava a tentar obter informações sobre as instalações militares na Nicarágua quando as autoridades sandinistas o prenderam.

Hall, de 49 anos, disse que tinha trabalhado para três homens que utilizaram nomes de código, mas que não sabia quem eram.

Hall, que é irmão de um representante norte-americano, Tony

Hall, do Estado do Ohio, foi detido por agentes de segurança, a 12 de Dezembro, numa zona restrita perto da base aérea de Punta Huete, cerca de 20 quilómetros ao Norte de Nicarágua.

Interrogado sobre o destinatário e o objectivo da sua recolha de informações, Hall respondeu: «Não tenho ideia.»

O capitão, Oscar Loza, funcionário do Ministério do Interior, mostrou aos jornalistas có-

pias de mapas anotados à mão por Hall.

O preso revelou também que em 1984 assistiu a uma reunião no Pentágono e que teve no mesmo dia um encontro nos escritórios da CIA em Langley no Estado da Virgínia, mas que estes encontros não tinham levado a nenhuma decisão.

Hall declarou ainda que tinha sido contratado para a Nicarágua a 8 de Dezembro e que tinha recebido 12 mil dólares.

24 HORAS

Armas para o Chile

O governo espanhol proibiu a venda de armas e munições ao Chile, revelou o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Francisco Fernandez Ordoñez. Desde Agosto que as empresas espanholas foram proibidas de exportar armamento para o Chile, explicou Ordoñez, falando perante a Comissão de Política Externa do Parlamento. Trata-se, segundo o ministro, de uma medida adoptada apenas em Espanha, sem acordos internacionais, como acontece em relação à África do Sul ou com a Comunidade Económica Europeia no caso da Líbia.

Situação em Xangai

As autoridades chinesas afirmaram que a tranquilidade voltou hoje a Xangai e que os estudantes foram às aulas depois de vários dias de manifestações em reivindicação de mais democracia. As autoridades acrescentaram que a Polícia começou a dismantlar barricadas na cidade portuária, erguidas ontem para reforçar uma proibição da Câmara relativamente a manifestações públicas. O «Diário do Povo» de Pequim, embora não se referindo directamente aos protestos, advertiu sobre o perigo que poderia levar «algumas pessoas» a manifestarem-se.

Assaltante rende-se

O assaltante que retinha cinco pessoas como reféns numa sucursal da Caixa de Pensões de Montcada, em Barcelona, entregou-se à Polícia após um cerco de mais de seis horas. Julian José Alonso Ramirez entregou à Polícia uma espingarda de canos serrados e uma pistola de calibre 22, com que se encerrara na sucursal. Os cinco reféns não sofreram qualquer lesão — revelaram fontes policiais.

Incursão sul-africana

As Forças Armadas angolanas rechaçaram na passada quinta-feira tropas mistas da África do Sul e da Unita, na estrada Xangongo-Mongua, província do Cunene — anunciou a agência Angop. Segundo fontes militares citadas por aquela agência, as forças angolanas causaram numerosas baixas ao grupo inimigo e apreenderam uma viatura de transporte de tropas pertencente ao Exército da África do Sul.

«Médicos sem fronteiras»

Moçambique autorizou a organização internacional Médicos Sem Fronteiras a desenvolver actividades no país. O acordo entre Moçambique e aquela associação foi assinado no Ministério da Cooperação Internacional, em Maputo — informou a agência noticiosa moçambicana AIM. O acordo prevê acções da organização nas zonas afectadas pela guerra e pela seca.

Os incidentes no Cazaquistão

Pelo menos 15 estudantes morreram durante os incidentes da semana passada na República Soviética do Cazaquistão — declararam estudantes estrangeiros que naquela altura se encontravam em Alma Ata. O número de baixas não pôde ser confirmado oficialmente e a situação na capital do Cazaquistão ainda não é muito clara. Crê-se que a agitação foi contra o novo dirigente partidário russo colocado no Cazaquistão, Gennadi Kolbin, em substituição de um natural da própria república em questão, Dinmuchamad Kunajev.

Negociações nas Filipinas

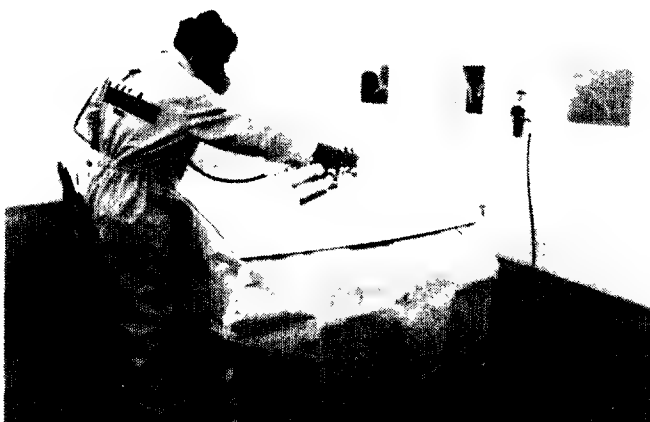
REPRESENTANTES do Governo das Filipinas e da Frente Nacional Democrática (FND) anunciaram que tem início hoje uma segunda série de negociações, na sequência do cessar-fogo de 60 dias, assinado em 27 de Novembro. As negociações têm por objectivo encontrar uma solução política para quase 18 anos de conflito armado no país. O antigo jornalista e porta-voz da FND, António Zumel, sublinhou em conferência de imprensa que os dois temas principais das conversações são a reforma agrária e as relações com os Estados Unidos.

Robbialac acelera no desporto automóvel

No vasto complexo fabril da Robbialac, em Vale de Lide (Sacavém) foi agora inaugurado um Centro de Formação Profissional especialmente dirigido para o sector automóvel, possibilitando ainda a instrução de cursos em outras áreas de actividade que utilizam tintas fabricadas pela Robbialac.

A Comunicação Social teve ensejo de visitar o novo Centro e constatar da grande actualização sobre os avanços tecnológicos registados na indústria, compreendidos num vasto leque que vai da preparação e aplicação de tintas até à técnica de vendas.

Comandante no mercado nacional de tintas, a Robbialac tem possibilidade de produzir 20 milhões de litros de tinta por ano: segundo a mais moderna estatística, cada português utiliza anualmente 1,6 litros de tinta



A estufa para pintura e secagem de veículos

daquela marca. Aliás, a Robbialac cobre, com os seus produtos, os mais diferentes ramos de actividade: construção civil, indústria naval, indústria de embalagens

metálicas (para alimentação e cosmética), indústria de mobiliário ou de tratamento de madeiras e, especialmente, o campo automóvel.

"Réveillons" no Hotel Sol e Mar



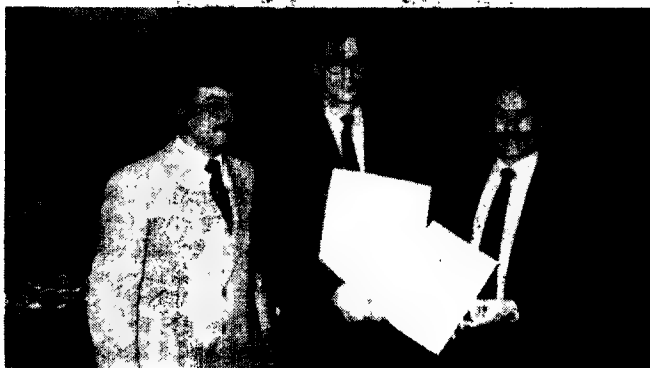
Contratados em exclusivo por Fernando Barata, os Joy — famoso grupo austríaco de música moderna — vêm a Portugal no final deste mês como atracção principal dos «Réveillons» do Hotel Sol e Mar e da Sol e Mar Disco, de Albufeira. Recorda-se que, depois dum primeiro êxito a nível internacional com «Hello», os Joy estiveram, em 1985, no «top» britânico e, depois, no português durante largo tempo, graças à canção «Touch by Touch».

Artistas privativos da Polygram, Andy Schweitzer, Freddy Jaklitsch e Manfred Temmel apresentam-se na Sol e Mar Disco não só na noite de 31 de Dezembro mas, também, na de 1 de Janeiro e aproveitarão esta curta estada, ainda, para promover no nosso país o seu novo sucesso «Japanese Girl».

Concursos de "cocktails" no Hotel Auramar

Com impecável organização da Delegação do Algarve da Associação Barmen de Portugal e perante muito público, decorreram, em 30 de Novembro, no Hotel Auramar, de Fernando Barata, em Albufeira, de manhã, a Fase Regional do VI Concurso Nacional de «Cocktails» (modalidade de «short seco») e, na parte da tarde — com o patrocínio da Sileno e colaboração da Silenagarve e do Grupo Fernando Barata — a Fase Regional do Festival Nacional Vodka Smirnoff («Long Drinks»).

Disputado por 43 profissionais de bar, e de acordo com as rigorosas normas da International Bartenders Association (IBA), o Concurso de «short seco» — que apurava para a final nacional do Concurso de «Cocktails» marcada para Abril próximo e da qual sairá a representação portuguesa ao Concurso Mundial a realizar



Da esq. para a dir.: Abílio Marques, presidente dos «Garmek» algarvios, Lino Lopes, subdirector do Auramar (ex-director do Hotel Sol e Serra de Castelo de Vide) e José Mesquita, sócio-gerente da Sileno

na Itália, dentro de um ano — teve Abílio Dias, do Hotel Montechoro, como 1.º classificado, José Avelino (Vilalara) como 2.º e Raimundo Bacalhau (Apartamentos Minichoro) como 3.º.

Quanto ao festival de «Long Drinks» Smirnoff — certame

particularmente interessante por permitir aos concorrentes uma liberdade e criatividade maiores — o vencedor foi Henrique Sequeira (Hotel D. João II), logo seguido de José Rodrigues (Hotel Delfim) e Carlos Dias Furtado (Bar Hera).

Ao fim de quase sete anos de exílio interno

Sakharov regressa a Moscovo pedindo liberdade para os presos políticos

O dissidente soviético Andrei Sakharov, que regressou hoje a Moscovo após cerca de sete anos de exílio interno, pediu liberdade para a União Soviética nas suas primeiras declarações à imprensa.

O físico e Prémio Nobel da Paz afirmou aos cerca de 200 jornalistas que o esperavam na estação ferroviária de Yaroslavlsky que continuará a lutar pelos direitos humanos e a desenvolver a sua actividade científica «na medida em que as minhas forças me permitam».

Sakharov criticou a política soviética no Afeganistão, à semelhança de atitudes por ele assumidas antes de ser enviada para Gorky, a 400 quilómetros a este de Moscovo, em Janeiro de 1980. O caso do Afeganistão «é a mais dolorosa parte da nossa política externa», declarou.

Falando em russo e utilizando ocasionalmente algu-

mas frases em inglês, Sakharov, 65 anos, sorriu para os jornalistas e comentou: «Estou muito contente por regressar a Moscovo».

Enquanto o físico falava com os jornalistas, sua mulher, Yelena Bonner, 63 anos, sentou-se junto de alguns amigos soviéticos que os aguardavam na estação e recusou-se a fazer quaisquer comentários.

Sakharov foi libertado na sequência de um telefonema efectuado, na semana passada, pelo líder soviético Mikhail Gorbachev que o autorizava a regressar a Moscovo para retomar as suas funções na Academia de Ciências.

Yelena Bonner, que foi condenada a cinco anos de exílio, em 1984, sob a acusação de «difamação anti-soviética», foi perdoada.

Sobre a libertação de Sakharov, os dirigentes soviéticos afirmam dever-se a «razões humanitárias», além

do cientista ter pedido para regressar à capital.

No entanto, Sakharov disse acreditar que a sua libertação se deu por «pressões internacionais».

Questionado sobre notícias que diziam ter apelado a Gorbachev para a liberdade dos presos políticos na União Soviética, Sakharov disse: «Quero liberdade para todos».

Referindo-se a Gorbachev, Sakharov comentou estar «muito interessado no que se passa agora no país» e não afastou a hipótese de se vir a encontrar com o número um do Kremlin, embora tenha afirmado que tal não depende de si.

O casal Sakharov vai regressar agora ao seu apartamento de duas assoalhadas na estrada «Garden Ring» que circunda o centro de Moscovo. Quanto ao seu novo trabalho, o pai da bomba H soviética limitou-se a dizer que se vai dedicar à investigação espacial.

Irão ameaça divulgar documentos sobre a venda secreta de armas

O Irão ameaçou divulgar documentos sobre a venda secreta de armas norte-americanas que eventualmente comprometeriam o presidente Ronald Reagan no escândalo. A notícia foi dada pela agência noticiosa iraniana que citou o presidente do Parlamento, Hashemi Rafsanjani, o qual, ao contrário de Reagan, afirmou que os contactos dos Estados Unidos com o Irão tiveram como objectivo a libertação de reféns norte-americanos detidos no Líbano.

Com efeito, o presidente do parlamento iraniano disse

que o seu país serviria apenas de mediador para assegurar a libertação dos reféns, se os Estados Unidos descongelssem interesses iranianos.

Rafsanjani adiantou que pode fornecer documentos acerca da visita secreta ao Irão do antigo conselheiro de Segurança Nacional, Robert McFarlane, nomeadamente cópias dos passaportes dos assessores que o acompanharam.

Entretanto, em Washington, os dois homens apontados como responsáveis pelo escândalo mantêm a sua

recusa em depôr perante a Comissão de Serviços Secretos do Senado. O líder democrático da Câmara dos Representantes, Jim Wright, declarou a este respeito que Ronald Reagan deveria perdoar John Poindexter e Oliver North, ex-membros do Conselho Nacional de Segurança, para que se pudessem descobrir a verdade sobre a operação Irão-contras.

O porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, respondeu ontem a Wright, afirmando que Reagan excluiu o perdão a North e Poindexter.

TRIBUNAL CIVIL DA COMARCA DE LISBOA

14.º JUÍZO

ANÚNCIO

FAZ-SE saber que pela 2.ª Secção deste Tribunal, FICA o réu VITOR MANUEL VALENTE, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Travessa da Conceição da Glória, n.º 7-3, apartamento 34 em LISBOA, para comparecer neste Tribunal no próximo dia 14 de JANEIRO de 1987, pelas 14.30 horas, a fim de se realizar uma Tentativa de Conciliação nos Autos de Acção Especial de Despejo n.º 8.122 que lhe move Américo Rodrigues de Sousa e mulher Julieta Cândara da Costa e Sousa, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, sendo ainda advertido de que a falta de alguma ou de ambas as partes não é motivo de adiamento, pelo que no caso de a Tentativa de Conciliação se frustrar, deve contestar, querendo, a referida acção, no prazo de 10 dias a contar daquela data, decorridos que sejam os ditos de 30 dias, podendo, ainda, deduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnização a que se julgue com direito, sob pena de não contestando, ser condenado no pedido.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito

a) Joaquim Maria Ferreira Pascoal

Pe'l'o Escrivão

a) Ilda Dias

«DL» 23/12/86 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DR. JOÃO ANTÓNIO VALENTE TORRÃO, JUIZ DE DIREITO DO PRIMEIRO JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que na acção com processo comum-Sumário, n.º 21/85, pendente nesta 2.ª secção com o n.º 21/85, movida pela autora MARIA DE FÁTIMA SILVA MEDEIROS ALMEIDA, porteira, residente na Av.º Afonso III - n.º 38, contra MARIA EMÍLIA DOS SANTOS ROGÉRIO MOREIRA DOS SANTOS, com última residência conhecida na Av.º de Roma, n.º 29-4, porta 3 em Lisboa, é esta ré CITADA, para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de OITO DIAS, que começa a correr depois de finda a diligência de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido que a autora deduz naquele processo, cuja cópia se encontra à disposição da ré nesta Secção.

Para constar se lavrou o presente anúncio e outro de igual teor que depois de lido e achado conforme vai ser devidamente assinado. Lisboa, 17 de Novembro de 1986.

O JUIZ DE DIREITO DO 1.º Juízo

João António Valente Torrão

Pe'l'o ESCRIVÃO DE DIREITO, Maria da Luz Reis Braz Silva Lourenço do Prado

(DL - 23/12/86 - 2.ª Pub.)

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

14.º JUÍZO 1.ª SECÇÃO PROC.º N.º 14/86-CIT-S.

O DOUTOR: — FERNANDO JOSÉ LEAL LOUREIRO PIPA, Juiz de Direito do 14.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa.

Faz saber que pela 1.ª secção deste juízo e, nos autos de acção com processo comum sumário que Laurinda de Jesus Cabral move contra JOAQUIM FERNANDES FERREIRA SIMÕES, com última residência conhecida na Rua António Pedro, n.º 66-2.º Dt.º em Lisboa e, actualmente em parte incerta, corre editos de trinta dias (30), citando o referido réu, para, no prazo de oito dias (8), findos que sejam os dos editos, que começaram a contar da segunda e última publicação deste anúncio, querendo, contestar a referida acção sob pena de ser condenado no pedido, bem como para contestar o pedido de concessão de Assistência Judiciária concedido à A.

O duplicado legal encontra-se na secção onde poderá ser solicitado.

Do que para constar se lavrou o presente anúncio e outro de igual teor que vão ser devidamente publicados nos lugares que determina a lei. Lisboa, 27 de Novembro de 1986.

O Juiz de Direito,

Fernando José Leal Loureiro PIPA

O Escrivão Adjunto,

António José Ferreira Miguel

«DL» 23/12/86 - 2.ª Pub.

Mário Soares felicita hoquistas

O Presidente da República, Mário Soares, dirigiu as «mais calorosas felicitações» à selecção nacional de hóquei em patins juvenis pela revalidação do título de campeã europeia, conquistado no domingo.

Mário Soares também felicitou a Federação Portuguesa de Patinagem em telegrama, no qual elogia o trabalho que o organismo tem desenvolvido. No telegrama que enviou à selecção de hóquei juvenil, o presidente refere-se ao «agradável encontro» que teve com os jogadores antes da prova para reiterar o seu apreço pelo mérito, «que tanto dignifica a juventude portuguesa» e o desporto português.

Mário Soares, no telegrama que dirigiu à federação, afirma: «o vosso apoio a todos os praticantes deste desporto tem obtido resultados que são o mais eloquente reconhecimento do vosso trabalho».

Os melhores da Associated Press

Diego Maradona e Martina Navratilova foram eleitos os desportistas do ano pelos editores desportivos europeus da Agência «Associated Press».

O futebolista argentino recolheu 70 pontos, quase o dobro do segundo classificado, o pugilista norte-americano Mike Tyson, com 41.

Já no sector feminino o equilíbrio foi a nota dominante. A tenista norte-americana totalizou apenas mais cinco votos (58-53) que a segunda, a atleta alemã-democrática Heike Deschler.

Eles

1.º, Diego Maradona, Argentina (futebol), 70 pontos; 2.º, Mike Tyson, EUA (pugilismo), 41; 3.º, Ivan Lendl, Checoslováquia (ténis), 38; 4.º, Greg Norman, Austrália (golfe), 37; 5.º, Sergei Bubka, URSS (atletismo), 35; 6.º, Greg Lemond, EUA (ciclismo), 34; 7.º, Alain Prost, França (automobilismo), 25; 8.º, Boris Becker, RFA (ténis), 19; 9.º, Said Aouita, Marrocos (atletismo), 12; 10.º, Daley Thompson, Grã-Bretanha (atletismo) e Matt Biondi, EUA (natação), 8.

Elas

1.ª, Martina Navratilova, EUA (ténis), 58; 2.ª, Heike Deschler, RDA (atletismo), 53; 3.ª, Ingrid Kristiansen, Noruega (atletismo), 49; 4.ª, Fátima Whitbread, Grã-Bretanha (atletismo) e Jordanka Donkova, Bulgária (atletismo), 33; 6.ª, Kristin Otto, RDA (natação), 22; 7.ª, Jeannie Longo, França (ciclismo), 19; 8.ª, Maria Walliser, Suíça (esqui) e Steffi Graf, RFA (ténis), 16; 10.ª, Chris Evert Lloyd, EUA (ténis), 15.

Tacadas de ouro

O espanhol Severino Ballesteros foi o jogador de golfe que mais dinheiro ganhou na Europa em 1986, nos 14 torneios da Ordem de Mérito em que participou ou noutras provas com prémios monetários.

Ballesteros, que no total das 14 provas da Ordem de Mérito onde alinhou fez 127 pancadas abaixo do par, ganhou oficialmente em 1986 259 275,22 libras esterlinas (cerca de 55 744 contos), mais 22 000 contos do que o segundo classificado, o seu compatriota e revelação do ano, José-Maria Olazabal.

O jogador espanhol, melhor da Europa e um dos melhores do «ranking» mundial, ganhou o troféu «Harry Vardon», e será convidado em 1987 para participar nas três principais provas a realizar nos Estados Unidos: «Masters», «Open» e Circuito do PGA norte-americano.

Os torneios da Ordem de Mérito Europeia distinguiram este ano em prémios monetários 4 333 178 libras esterlinas (cerca de 931 600 contos).

A PGA (Professional Golf Association) europeia distribuiu agora a classificação final da sua Ordem de Mérito, onde Ballesteros figura em primeiro lugar e o inglês Nick Job em 206.º e último, com uma receita de 520 libras (111 800 escudos).

Na Ordem de Mérito Europeia figuram jogadores de todo o mundo que tenham participado nos torneios pontuáveis realizados na Europa, mas nenhum dos cerca de 40 profissionais portugueses conseguiu obter até agora o cartão de acesso, devido ao baixo índice técnico.

Matthaeus continua no Bayern

Lothar Matthaeus renovou o contrato que o liga ao Bayern de Munique, por mais três anos e passará a ser um dos jogadores mais bem pagos da Alemanha Federal.

Matthaeus (de 25 anos) estava a ser pretendido pelo Inter de Milão, Turim e Roma, mas o Bayern fez-lhe uma proposta tentadora que levou o jogador a manter-se nas suas fileiras.

O vencimento anual de Matthaeus deve rondar os 225 mil dólares, segundo foi revelado.

Recorde-se que Matthaeus ingressou no Bayern em 1984 que pagou pela transferência ao Borussia de Moenchengladbach, 1,2 milhões de dólares.

Humberto Coelho na corda bamba

Cartaxo "turva" bracarenses

A direcção do Sporting de Braga decidiu nomear um grupo de quatro pessoas com plenos poderes para tomar as medidas que entender convenientes na resolução da crise da sua equipa de futebol.

A reunião da direcção do clube bracarense surgiu na sequência da eliminação inesperada do Braga frente ao Cartaxo por 2-1 em jogo da terceira eliminatória da Taça de Portugal no passado domingo.

No final da reunião, o presidente do clube, Mesquita Machado, revelou ter sido criada uma comissão composta por Nuno Cunha, João Gomes, Rui Cunha e Ângelo Rodrigues (este último vice-presidente do clube) com vista a tomar medidas que ponham cobro à situação que se está a verificar neste momento em relação à equipa orientada pelo técnico e antigo internacional Humberto Coelho.

Mesquita Machado escusou-se a fazer qualquer comentário sobre a permanência ou não de Humberto Coelho à frente da equipa de futebol, tendo aquele dirigente insistido que as decisões pertencerão à referida comissão que reunirá hoje para analisar o problema.

O Braga encontra-se actualmente no 11.º lugar do campeonato nacional da primeira divisão, com 10 pontos.

Traoré regressa às origens

Na sequência de atitudes que determinaram a instrução dum processo disciplinar, do qual resultou (inicialmente) a suspensão de toda a actividade desportiva, o futebolista zairese Traoré vai ser remetido às origens porquanto o Sport Clube de Braga acaba de anunciar ir proceder ao seu despedimento.

Taça de Portugal

Sorteio dividiu valores

A principal curiosidade registada no sorteio dos próximos encontros a contar para a Taça de Portugal (4.ª, eliminatória) consistiu no facto de não colocar frente a frente clubes da divisão principal. Teremos, deste modo, uma luta entre «pígeus» e «gigantes», o que, se por um lado a lógica (nestes casos muito falível) poderá provocar o afastamento dos mais modestos, continuando a luta entre os mais credenciados, por outro, tem a particularidade de continuar a «grande festa» em várias localidades. E assim sucederá no Cartaxo (aos ribatejanos coube a proeza de «sacudir» o Braga da Taça) com a visita do Benfica, em Marvila estará presente o Sporting a recordar jornadas inesquecíveis dos anos 50, em Fafe estará o vizinho Vitória, num embate de

João Luís já assinou e Houtman vem a caminho

No final da tarde de ontem, cumpriu-se o preceito legal que vincula o futebolista brasileiro João Luís ao sporting por quatro temporadas, enquanto é anunciado por fontes próximas ao executivo sportinguista que as conversações tidas ontem na Holanda entre o dr. Rogério Beatriz (dirigente do clube) e os responsáveis do Groningen chegaram a bom termo, já que McDonald terá aceite a sua ida para aquele clube holandês por troca com Houtman. Quanto a este é aguardado hoje em Lisboa e, naturalmente, dentro de horas, o contrato será rubricado pelas partes interessadas.

Meade não vai a Guimarães

Em virtude do «amarelo» que lhe foi mostrado no encontro com o Beira-Mar implicar o castigo de dois jogos de suspensão, o inglês Raphael Meade estará fora do elenco que Manuel José levará para Guimarães.

Benfica: momento eleitoral

O início da campanha eleitoral para os corpos gerentes do Benfica, ainda estão algo distanciados no horizonte temporal, simplesmente, é notória a movimentação que se vive entre os associados, com o constante anúncio de candidatos aos diversos cargos dos órgãos sociais.

Como certas parecem estar já as candidaturas do dr. Marcel de Almeida — que poderá integrar nomes, como José Gomes Machado, Gaspar Ramos, Arons de Carvalho, Adriano Afonso, Júlio Campos, Gilberto Cardoso entre outros — e do eng.º Cavaleiro



Sporting e João Luís assinam compromisso

Madeira — que parece contar com o apoio do doutor José Mara Gaspar (para presidente da Assembleia Geral), Aristides Mendes, Ribeiro da Silva, Rui Cunha, Vasco Rodrigues e António Fernandes (pelouro do futebol).

Quanto a Jorge Fausto Figueiredo, que na última assembleia geral informara ser «certa» a sua entrada na corrida, parece não reunir grandes apoios porquanto os benfiquistas não lhe perdoam que, em tempo recente, tenha provocado vigorosa sangria no hóquei em patins do clube, ao levar para Cascais, Piruças, Leste, José Carlos e Fernando Pereira que integravam a equipa principal do clube. No que respeita às eventuais candidaturas de Ferreira Gomes (antigo dirigente), Manuel Barbosa, Raul Martins e Roberto Gulbenkian nada indica que possam «materializar» a ideia, no entanto...

Freamunde: chicotada

Mais um treinador acaba de ser «despedido». Coube agora a vez a Joaquim Teixeira que foi forçado a deixar o lugar que desempenhava no Freamunde. E vão 34...

«Keeper» agride árbitro

O árbitro do encontro Lagoa — «11 esperanças», disputado no sábado, foi agredido pelo guarda-redes da equipa visitante, tendo a audiência do caso, marcada em processo sumário para ontem, em Lagoa, sido adiada por doença do réu.

O jogo, a contar para o campeonato distrital da primeira divisão da A.F. de Faro, foi suspenso pelo juiz António Palma aos 83 minutos, quando o Desportivo de Lagos já vencia por 9-0 e, no momento, da expulsão do quarto jogador dos «11 esperanças», José Manuel, que reagiu contra o árbitro da partida, agredindo-o.

O clube visitante protestou o jogo acusando o árbitro de, com uma «actuação desastrosa», haver enervado os jogadores, levando-os ao descontrolo, para além de haver cometido vários «erros técnicos».

As duas equipas em confronto ocupavam o 7.º lugar da tabela classificativa, com 6 pontos, sem grandes ambições no campeonato, que é comandado pelo Sport Lisboa e Fuzeta, agora com 13 pontos.



Ribeiro de Magalhães (FC Porto) tira a botulha do Samora Correia (de Meirim)



A natação portista e a «Mike Davis» de braço dado

FC Porto: natação ganha novo impulso

No decorrer de uma reunião com a Comunicação Social, que teve lugar nas instalações do Estádio das Antas, foi confirmado que, pela 3.ª época consecutiva, a «Mike Davis» colabora com a natação portista, apoiando os jovens nadadores campeões nacionais que representam os «dragões».

Neste encontro com os jornalistas, falaram Jorge Nuno Pinto da Costa (presidente do FC Porto), Ireneu Pais (director de publicidade da «Mike Davis» e eng. Luís Fernandes (director portista para a natação). Estiveram também presentes outros responsáveis pela natação azul-branca (Má-

rio Cerejo, Lino Pinheiro, Manuel Pires, Alexandre Oliveira e Vítor Agostinho) para além do corpo técnico principal (Lucien Pirson, Lima Santos, José M. Borges e Jenny Pirson).

Desde Alexandre Leal e Mabilio Albuquerque, de Rui Borges a Alexandra Silva, de Teresa Figueiras e Carla Ortigão e José Meinedo são perto de cinco mil os atletas que praticam natação no clube das Antas: um ramo de muito prestígio da colectividade, que, na época desportiva, somou 123 títulos nacionais. Uma bela conquista!

Reconhecido pela própria RTC

Futebol: a maior audiência entre toda a programação!

António Rolo Duarte continua a comandar a «RTC Notícias», revista de excelente qualidade gráfica e literária, que a Rádio Televisão Comercial, Lda. edita mensalmente, com distribuição incidida nos publicitários.

Com uma bela carreira como jornalista (iniciada na saudosa «Flama» e prolongada em diversos outros Órgãos de Comunicação Social) Rolo Duarte enveredou depois pela carreira publicitária, sempre ligada a uma actividade na RTP que o tornou figura preponderante na realização de concursos que atingiram alto nível e na colaboração prestada a programas que lograram os melhores índices de audiência: o lógico corolário da sua qualidade. Daí que não espante um facto inofensivo: «RTC Notícias» é o espelho real de um braço televisivo da mais cotada preponderância, não apenas contribuindo para melhor se entender o trabalho e esforços dos nossos técnicos publicitários mas (simultaneamente) para se poder apreciar

aquilo que o público gosta, face a inquéritos conduzidos com a maior honestidade. Nestas páginas congratulamo-nos pela confirmação de que «o Desporto», com particular destaque para o futebol, ocupou durante todo este ano um lugar privilegiado na programação-TV, particularmente quando as transmissões do 'mundial' conquistaram todos os primeiros lugares do 'ranking' das maiores audiências (...). Os elevados índices atingidos pelo futebol, não só no 'mundial' como também, por exemplo, no Porto-Benfica (Agosto) deixam no ar a seguinte interrogação: se a RTP, tal como algumas das suas congéneres europeias, transmitisse semanalmente, em directo, o principal jogo (ou os principais jogos) do campeonato nacional, teríamos sempre o futebol nos primeiros lugares do 'top' de audiências?

A interrogação, bem judiciosa, é da própria RTC. Mais

uma achega para se entender que, no mundo actual, pesem embora todas as condicionantes que regem a vida, com imensos problemas sobando permanentemente sob as nossas cabeças, com o universo esfrangalhando-se em lutas hegemónicas que fazem correr o sangue e prolongam a dor, há sempre um instante em que tudo esquece: basta que o desporto (sejam olimpíadas ou grandes debates de futebol) surjam no imediato calendário. Daí, portanto, que esteja perfeitamente justificado o espaço quotidianamente conferido ao fenómeno desportivo nos «media» dos cinco continentes.

Não há sombra de dúvida e a própria RTC está ao nosso lado: vale mais uma proeza desportiva que milhares de palavras discursadas por figuras da governação. Por isso nos batemos numa trincheira visoriosa. O leitor tem o direito de estar informado daquilo que lhe interessa. Tentemos cumprir esse objectivo.

N. de S.

Modalidades

BASQUETEBOL: As selecções de basquetebol de iniciados masculinos de Faro, Setúbal, Évora e do Funchal, participam na primeira fase do campeonato nacional «Cadetes 89» a disputar no Pavilhão Gimnodesportivo de Olhão.

A competição que se inicia sábado, prorroga-se até segunda-feira, abrindo com o encontro Setúbal - Funchal, seguindo-se o jogo Faro - Évora.

Moçambique e o Zaire discutem o título africano de basquetebol sénior feminino, em jogo da última jornada da competição, a decorrer em Maputo.

Ambos os países contam por vitórias os três jogos disputados no XI Campeonato Africano que envolve cinco selecções.

Na jornada de ontem Angola derrotou o Quênia por 80-46, assegurando o 3.º lugar.

O Zaire, por seu turno, venceu os Camarões por 87-53.

VELA: O velejador Hugo Rocha (GNO) venceu a prova mais participada, com 19 «optimist's» entre 32 embarcações, do «Convívio de Natal», realizado na Ria Formosa, ao largo de Olhão.

Na competição, disputou vento fraco, participou a selecção nacional da classe «optimist» e se encontra a estagiar no Algarve (Vilamoura) vista à sua presença num torneio em Nápoles (Itália) nos dias 2, 3 e 4 de Janeiro.

Classificaram-se a seguir ao vencedor, os velejadores Martinho Fortuna (SAD), Guilherme Costa (CDPA), Ricardo Mergulhão (GNO) e Camilo Oliveira (GNO).

em cadetes, triunfou a dupla Custódio Martins / Sérgio Agostinho (GNO), seguidos de Carlos Mendes / Filipe Antunes (GCN) e João Dinis / Miguel Vieira (CVT).

António Quintas / M. Trigueiros (GNO) triunfaram em «Snips», Luís Rocha (GNO) em Europeu, tendo os velejadores do núcleo juvenil de Vila Real de Sto. António, João Félix e João Capucho, ganho, respectivamente, as competições de 470 e de laser.

Jogos de Seul: «Arena» à frente

A «Arena», marca internacional especializada em artigos de natação, foi designada como licenciada oficial, da sua área, nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. A nomeação sucede à de 1984 (nos jogos de Los Angeles) e à de fornecedor oficial em Moscovo (1980).

No próximo ano, a «Arena» vai promover (por sua conta, os campeonatos da Europa de natação) na cidade francesa de Estrasburgo, onde está localizada a sua sede. As quatro piscinas escolhidas para a natacão, os saltos, os pólo-aquático, e a natacão sincronizada

encontram-se já operacionais. O comité organizador ocupa-se agora das instalações para a imprensa os atletas e os dirigentes. Os campeonatos realizam-se de 16 a 23 de Outubro de 1987.

A «Arena», que nunca esteve representada em Portugal, vai (pela 1.ª vez) lançar directamente no nosso país as suas linhas principais, no decorrer do próximo ano.

No princípio do Outono, esta marca patrocinou a vinda a Portugal de Mark Spitz, o norte-americano que continua a ser uma legenda viva dos Jogos Olímpicos, depois de ter

conseguido a proeza de obter sete medalhas de ouro, em Munique.

Noah mais «galo»

Yannick Noah, que ocupa a 5.ª posição no «ranking mundial de ténis, renovou o contrato com a «Le Coq Sportif»: o compromisso prolongar-se-á por três anos. O novo contrato com Yannick Noah estipula que o campeão do ténis terá uma participação acrescida na concepção de diversas linhas de «sportswear» da «Le Coq Sportif».

Bibliografia desportiva

Viegas Gomes: «Regionalização e descentralização desportiva»

«Livros Horizonte» tem sido uma pedreira no charco da escassa bibliografia desportiva deste País à beira-mar plantado. Todavia, mercê do seu esforço, 16 volumes já foram lançados nas estantes, valorizando (enriquecendo) o nível de conhecimentos de todos nós, contribuindo (em decisiva medida) para quebrar um marasmo que se prolongou anos a fio.

Agora é a vez de Viegas Gomes rubricar «Regionalização e Descentralização Desportiva»: uma obra que se tornava obrigatória. Com a maior propriedade, escreve o autor: «Tentámos, sobre-

tudo no processo da sua feitura, uma outra abordagem da fenomenologia do desporto português: a do seu desenvolvimento do quadro macro, donde todos os aspectos sectoriais dependem. Para isso analisámos, numa perspectiva sociológica, as grandes dependências e interligações do desenvolvimento desportivo».

E é isso que sucede, ao longo do dissecar de um tema que Viegas Gomes (um homem da Informação, com textos que se espalham por vasto leque de ramos da Comunicação Social: «O Seculo», «República», «Luta», «Jornal da Educação», «O Jornal»,

«Mundo Desportivo» e «Gazeta dos Desportos») já colocara «Sociologia Política do Desporto Português».

Mas, falemos de «Regionalização e Descentralização Desportiva»: tem capítulos que mereciam divulgação ainda mais ampla, casos do «Hábito e Quotidiano Desportivo», «Conceito de Desenvolvimento Desportivo», «Adaptação Orgânica ao Desenvolvimento», «Os Movimentos Regionais Desportivos» e planos a vários ângulos (nacional, regional, municipal e metropolitano), «Formação de

Quadros», «Gestão e Política Financeira do Desporto», «Envolvimento do Desporto». Enfim: um somatório de análises, conceitos e ideias que implicam leitura calma e atenta, com um debruçar sobre factos e situações da mais diversa índole.

Contributo bonito e (digamos) precioso, que muito fica a marcar a nossa biblioteca. É urgente que se saude Viegas Gomes e se envolva no mesmo aplauso o prof. A. Melo de Carvalho, responsável pela colecção «Horizonte» de cultura física. Que não abran-dem na marcha: o melhor que colocamos como nosso voto.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 14.º JUÍZO ANÚNCIO

Pela 3.ª sec. deste Juízo, correm editos por 30 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo, CITANDO o Réu EDUARDO RIBEIRO DE CARVALHO, actualmente ausente em parte incerta, mas com última residência conhecida no Pátio da Picheleira, n.º 4-r/c em LISBOA, para, no prazo de 20 dias posterior ao dos editos, contestar, querendo, a Acção Ordinária n.º 4091 que lhe é movida pelo Autor ANTONIO JOAQUIM MENDONÇA FERREIRA, com o fim de obter o pagamento da quantia de Esc. 2.302.020\$00, proveniente de letra de câmbio de que o Autor é portador e aceite pelo Réu citado, bem como dos juros de mora vencidos e vindos até integral pagamento.

Lisboa, 16 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito,
(a) ANTONIO PEDRO F. FERREIRA DE ALMEIDA
O Escrivão Adjunto,
(a) JOSE MANUEL RIBEIRO DA CRUZ

«DL» 22/12/86 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 5.º JUÍZO ANÚNCIO

Processo n.º 7446. Execução Ordinária. 3.ª Secção. Exequente — TOCAN — Sociedade de Tomate da Canha, SARL. Executada — B. MARTINS & AMARO, LD.ª sita na Rua Cláudio Nunes 58, 1.º C em Lisboa. O Doutor Juiz de Direito do Tribunal do Quinto Juízo Cível, Terceira Secção, da Comarca de Lisboa, faz saber que no dia 5 de Janeiro de 1987 pelas 10 horas, à porta deste Tribunal nos Autos supra indicados, há-de ser posto em praça pela segunda vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima da quantia de esc. 850 000\$00, o direito de trespasse e arrendamento do estabelecimento sito na Rua Cláudio Nunes n.º 58, 1.º C em Lisboa, penhorado à execução.

Lisboa, 5 de Dezembro de 1986

O Juiz de Direito,
(legível)
O Escrivão Adjunto,
(legível)

«DL» 22/12/1986

SIORTO

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE ORTOPEDIA, LDA.

Deseja à Exm.ª Classe Médica e Amigos

FESTAS FELIZES

Avenida Almirante Reis, 173, r/c., Esq.ª LISBOA

Distinções, prendas e... um peru



«STROMP» PARA O «ZÉ DA EUROPA»: o Sporting está em festa. Naturalmente que não é pelos «sete-um» do passado dia 14, mas porque se comemora mais um ano (80) na vida da prestigiosa colectividade. Entretanto, os «Stromps» relativos a 1986 foram entregues a atletas, dirigentes e associados que mais se notabilizaram, e, entre os «eleitos», esteve José Travassos o popular «Zé da Europa» que é de forma inquestionável uma glória do clube.



DRAGÃO PARA ANDRÉ: entre os distinguidos pela colectividade portista, para assinalar mais um aniversário da sua orgulhosa existência, contou-se o futebolista André, ao qual foi entregue o símbolo (dragão) da colectividade, naturalmente a celebrar a dignidade com que o valoroso atleta se comportou no desempenho da sua actividade profissional.

Enquanto os federativos o afastam, os portistas acarinham-no. Significativo não é?



BENFICA DEU PRENDAS aos filhos dos seus atletas, técnicos e demais funcionários durante a festa natalícia recentemente realizada. Na foto, cabe à prole de José Luís — acompanhado da sua gentil esposa — o momento de receber os «regalos».



PERU DE SANTARÉM: para quem e com que intenção? Seria para Silvino aquele bonito bichinho trazido por gentes de Santarém até ao Estádio da Luz, onde o deixaram? Os milhares de assistentes ao encontro entre o União e o Benfica fixaram a cena (simpática e isenta de maldade) e interrogaram-se quanto ao destinatário, mas pelas bancadas era visível uma certa inveja...

Para que conste

Recursos aos tribunais civis pode implicar exclusão da FIFA

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) ameaçou a Confederação Brasileira de Futebol de sanções e excluir o Brasil das provas internacionais em 1987, se continuar a não cumprir os seus regulamentos de futebol.

A advertência foi feita por João Havelange, que é de nacionalidade brasileira, a um grupo de dirigentes da CBF, que incluía o seu presidente Octávio Pinto Guimarães, durante uma reunião informal realizada este fim-de-semana nos arredores do Rio de Janeiro.

O presidente da FIFA manifestou aos dirigentes da CBF a sua preocupação pela forma pouco séria como estão a decorrer os campeonatos nacionais e estaduais de futebol no Brasil, onde alguns clubes recorrem à justiça desportiva e mesmo à ordinária, para evitar a sua eliminação, segundo afirmaram fontes da própria CBF.

Havelange, numa clara alusão às decisões do Conselho Nacional de Desportos (CND), recordou que **a CBF, como filiada da FIFA, tem os seus próprios regulamentos e é o organismo máximo do futebol no Brasil, não podendo aceitar a intervenção de organismos de Estado ou judiciais.**

O presidente do CND, Manuel Tubino, aceitou em Setembro a decisão judicial favorável ao clube Joinville, que evitou assim a sua eliminação da segunda fase da taça e do Atlético de uritiba, campeão do Brasil, que foi eliminado e exige agora nos tribunais a sua reintegração na prova.

Havelange lembrou que estas decisões não se coadunam com a capacidade de decisão da CBF, e por isso **a FIFA pode suspender o Brasil da participação em jogos internacionais**, «enquanto não tiver a casa em ordem».

Há já um precedente na América Latina, quando a FIFA castigou a Venezuela ao retirar-lhe o voto em decisões internacionais devido a problemas desportivos internos. Esta sanção impediu a Venezuela de votar nas eleições para a Confederação Sul-Americana de Futebol, onde o paraguaio Nicolas Leoz derrotou peruano Teófilo Salinas.

A concretizar-se a ameaça da FIFA, o Brasil, tricampeão mundial e erceiro classificado o Campeonato Sul-Americano de Juniores de 1986, não poderá participar neste torneio em 1987, a disputar nos Estados Unidos, nem na Taça Libertadores da América, entre outras provas.

A actual direcção da CBF atravessa uma grave crise, que se iniciou no princípio do ano após a vitória de Pinto Guimarães nas conflituosas eleições do organismo, seguindo-se a eliminação do Brasil nos quartos de final do «Mundial» do México e as polémicas decisões, que põem em causa o **regulamento dos torneios brasileiros.**

A advertência da FIFA à CBF provocou grande preocupação aos adeptos no Brasil, onde o futebol é uma das principais paixões, apesar da «sombra» da violência dentro e fora dos estádios, registada este ano e provocada pelo fanatismo dos espectadores e pela agressividade dos próprios jogadores, que resultou em dezenas de feridos.

É a segunda advertência feita este ano ao Brasil por João Havelange. A primeira registou-se durante o «Mundial» do México, e seguiu-se às declarações do futebolista Sócrates, ao afirmar que a FIFA é mais um organismo empresarial do que desportivo.

Já em S. Paulo

Luís Horta prepara-se para a S.Silvestre

Luís Horta obteve duas vitórias em provas no Brasil na sua preparação para a corrida de S. Silvestre de São Paulo.

Domingo, na terceira corrida Rustica Gravatal, na distância de 9000 metros, impôs-se a Evilásio Silveira por um minuto e 29 segundos, gastando o tempo de 26 minutos e 15 segundos e na véspera ganhou a corrida Rústica Laguna na extensão de 10 500 metros, cobrindo a distância e 30.43 minutos e batendo o brasileiro Walmir Carvalho creditado com 31.22 minutos.

Luís Horta também participou na sua qualidade de médico numa conferência em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, sobre os problemas da saúde e desporto.

Entretanto, é esperada dia 27, em São Paulo, a atleta Rosa Mota que vai procurar ganhar a corrida pela sexta vez consecutiva.

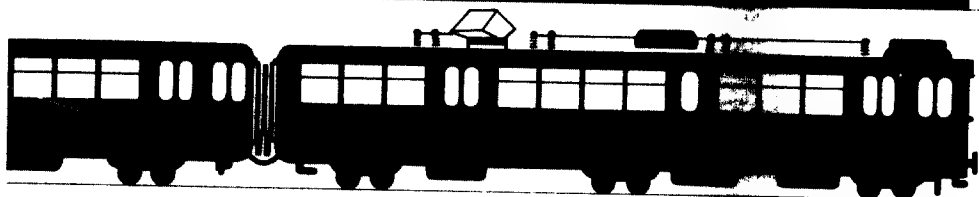
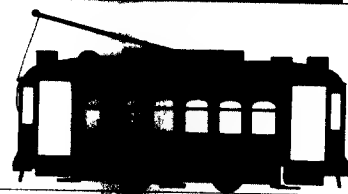
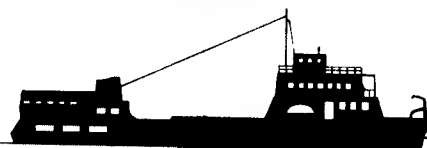
Na sua agenda

Hoje há hóquei

Realiza-se hoje a 10.ª jornada do campeonato nacional de hóquei em patins que compreende os seguintes confrontos: FC Porto-Oliveirense, Sanjoanense-Juventude de Viana, Ferpinta-Valongo, Óquei de Barcelos Famalicense, Benfica-Pareda e Sesimbra-Sporting.

Recorde-se que a classificação é liderada pelo FC Porto com 25 pontos seguindo-se o seu opositor desta noite (Oliveirense) com 24, enquanto o Benfica ocupa o 3.º posto com 22 pontos. Na cauda classificativa situam-se o Valongo e Famalicense com 13 pontos.

**À VENDA NA CP
PASSE SOCIAL
UM MUNDO DE TRANSPORTES
AO SEU SERVIÇO**



Combóio, a opção dinâmica

Sapateado e lugares-comuns

Carlos Porto

SAPATEADO, de Richard Harris. Trad./Adapt.: César de Oliveira e Barry Scray. Encenação: Varela Silva. Cenografia: Octávio Clérigo. Coreografia: Marilyn Clark. Int.: Florbela Queiroz, Manuela Maria, Luísa Barbosa, Maria Tavares, Rosa do Canto, Manuela Carlos, Fernanda Oliveira, Mara Abrantes, Magda Cardoso, Octávio de Matos. Pianista: Artur Rebocho. Produção: Vasco Morgado. Estreia: Teatro Villaret, 20.12.1986.



Afinal foi ingenuidade pensar que o teatro comercial tinha dado um salto qualitativo com o sucesso que foi «Pouco Barulho!» e mesmo com o «Super-Silva». Agora, «Aqui Há Fantasma», de Henrique Santana, receituário elementar de riso coceguento, e este «Sapateado», com outras pretensões, mas de um vazio e de uma chateza consideráveis, vieram demonstrar que, afinal e infelizmente, nesta área continua tudo como dantes.

Provavelmente não se trata de um problema do nosso teatro mas de toda a produção teatral europeia e norte-americana, sendo crível que coisas como «Pouco Barulho!» não passem de achados demasiado raros. Aliás, a peça de Richard Harris que se estreou no Villaret teve, em Londres, o prémio da melhor comédia de 1984 e está há três anos em cena, factos que confirmam o que se escreveu. Também em Inglaterra, pelos vistos, a comédia está em crise. Isto mesmo tendo em consideração o facto de a passagem da peça, com as características que a definem, de Inglaterra para Portugal, poder ter sido de tal maneira prejudicial que tivesse ficado reconhecível, o que não é tão provável como isso.

Nesta versão portuguesa, que é a que nos interessa, «Sapateado» é de facto um texto e um

espectáculo insossos, mais supérfluos do que cómicos ou minimamente inteligentes e subtis. A ideia, no entanto, podia ser interessante: algumas pessoas de idades diversas encontram-se uma vez por semana numa escola de sapateado de segunda ordem que lhes serve como recurso terapêutico (consciente ou inconsciente) de descarga das tensões do dia-a-dia, mais do que como lugar de formação artística. Cada uma das frequentadoras e o frequentador da escola, a professora e a própria pianista vão revelando ao longo do espectáculo os seus problemas, os seus traumas, as suas carências, sobretudo afectivas, os seus temperamentos. O problema da peça consiste, pelo menos nesta versão, em que, por um lado, as personagens não chegam a ser credíveis como tal, ou seja, não passam de silhuetas sem verdadeira dimensão humana; e, por outro lado, os problemas que as afligem, porventura respeitáveis, surgem tão estereotipados que acabam por não passar de lugares-comuns sentimentais tão desinteressantes como os de uma qualquer foto-novela. Embora o autor tivesse o cuidado de colocar em cena personagens por si só despoletadores de conflitos (caso de haver um homem apenas entre nove mulheres; caso de uma delas ser de cor), esses conflitos não chegam a assumir qualquer energia

cénica, qualquer risco humano, nem sequer sob a uma forma cómica, tão amorfas e pobres são as personagens. Além da professora (Magda Cardoso), que ora está grávida, ora não está, e da pianista (Luísa Barbosa), personagem do «contra» como a idade convencionalmente implica, há uma jovem que se preocupa, bastante tontamente, com tontos problemas sociais (o problema do Parque Eduardo VII poder ser transformado numa vala comum se houver um ataque nuclear!) e a quem o marido, pelos vistos, espanca e que tem um caso com o único homem presente, o que parece incrível (Manuela Carlos); há o caso da antiga prostituta (mal) metamorfoseada em senhora «queque» cujo amante é notoriamente amante da filha jovem (Maria Tavares); o caso da senhora casada com o super-macho (Manuela Maria); o caso da jovem que quer mesmo ser bailarina (Rosa do Canto); o caso de outra jovem que não se sabe o que quer (Fernanda Oliveira); o caso da outra que tem o marido desempregado (Florbela Queiroz), etc.

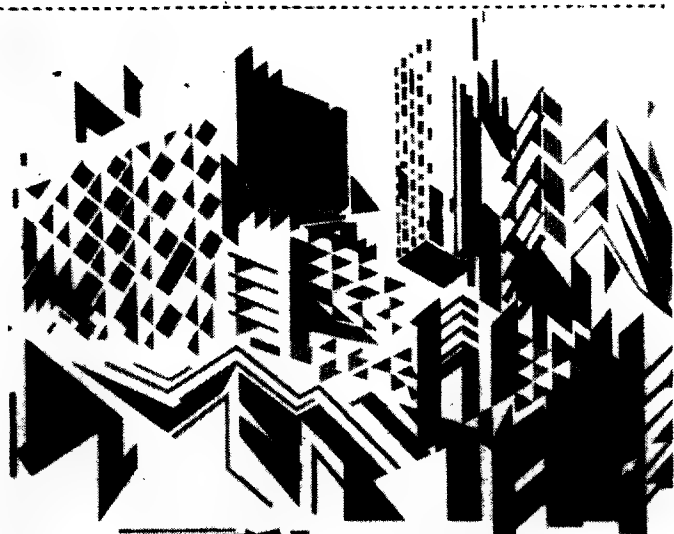
Os desníveis sociais, as tensões de grupo, as possíveis paixões e portanto os possíveis conflitos, podiam ajudar a transformar a peça e o espectáculo numa comédia altamente divertida e até entremostrando uma visão crítica do mundo. Pelos vistos o dramaturgo não teve unhas para isso, e os adaptadores portugueses que trouxeram a peça para uma Lisboa pequeno-burguesa, também não. Resultado: uma pecinha demasiado desinteressante, uma sensaboria.

Em relação a este espectáculo, como em relação a outros, existe um equívoco que convinha desfazer. É que ao contrário do que encenadores e actores pensam, pelos vistos, um intérprete não deve ser desajeitado, incapaz, não deve revelar falta de gosto nem exteriorizar outras incapacidades, ou seja, não deve ser amador, no péssimo sentido da palavra. Ao actor, obviamente, compete mostrar o mau gosto, a palermice, a falta de jeito das suas personagens. Ora, isto é bastante diferente. Para isso, deve dominar tão perfeitamente a técnica e a arte que o espectador entenda esse truque básico do seu trabalho. Veja-se, por exemplo, o esforço feito neste espectáculo para as intérpretes e o intérprete sapatearem. O espectador sabe que aquelas personagens não são profissionais de dança, que são pessoas como outras quaisquer que não têm a pretensão de se exprimir artisticamente mas que tentam apenas libertar-se das suas angústias. Mas o espec-

tador não deve saber que as próprias intérpretes e o próprio intérprete são incapazes de ultrapassarem um excessivo amadorismo técnico. E o truque utilizado acaba por mostrar um grande rabo de fora. O truque consiste nisto: tudo no espectáculo é feio (cenários e fatos), de acordo com o pressuposto infeliz de que tudo tem de ser realista (aquela moldura no prosa-cénio, com os fios que o prendem, é horrível); tudo no espectáculo é desajeitado e quase sem graça, para se obter um efeito espectacular no último quadro (deveria ser o de um espectáculo apresentado pelo grupo). Mas como o que devia ser deslumbrante é pelintra, como o que se quer à maneira da Broadway é, portuguesamente, à maneira de Paio Pires (sem ofensa), o resultado não podia deixar de ser desastroso. Pelo que se disse, já se entendeu as dificuldades das actrizes e do actor em darem alguma substância a uma peça como esta. Se Florbela e Octávio Matos utilizam máscaras que têm mais a ver com as suas próprias máscaras do que com as das personagens, já com Manuela Maria as coisas são diferentes, e o seu talento permite-lhe dar um mínimo de densidade à sua personagem: Mara Abrantes procura explorar o lado cómico da personagem vítima de preconceitos raciais (mas em Inglaterra e em Portugal não existem tensões diferentes?) embora nos pareça que haja naquelas ambiguidades algo de teor racista; Manuela Carlos, com uma personagem demasiado inconsistente, é evidente não saber o que fazer com ela, embora procure dar-lhe alguma autenticidade; o que se poderá dizer de Rosa do Canto e de Fernanda Oliveira. Maria Tavares compõe a sua personagem com alguma energia, com alguma emoção, embora sem conseguir dar-lhe um tom de coerência teatral satisfatório; merece bem que a saudemos por este regresso. Magda Cardoso prejudicada por uma voz sem matizes que o seu profissionalismo de bailarina procura colmatar. Luísa Barbosa utilizando, com alguma graça, um boneco convencional.

Esperávamos muito mais do trabalho de Varela Silva que dirigiu este espectáculo sem ritmo nem unidade de interpretação. Quem viu, «Pouco Barulho!» não pode deixar de se sentir decepcionado.

Deste «Sapateado» entre outras, uma lição se pode tirar: é que, pelos vistos, na Inglaterra da Sr.^a Thatcher nem no Portugal do Sr. Cavaco não há ninguém feliz. É uma lição bastante triste.



Cidade de Niterói, RJ

Nadir Afonso em Lisboa

Nadir Afonso está em Lisboa. Chegou há dias de Chaves, mais a jovem companheira e o filho varão de quatro anos. Motivo: uma nova exposição sua de óleos e gouaches, parte dos anos setenta e a maioria dos oitenta, patente até fins de Janeiro na galeria Bertrand, ao Chiado.

Calmamente organizado, desde há vinte anos (altura em que optou definitivamente pela pintura), na terra natal, onde leva vida austera e prática alimentação naturalista, o ex-arquitecto e ex-colaborador de Le Corbusier e de Niemeyer, só abandona Chaves por breves dias e, geralmente, para inaugurar as suas exposições.

Admiradores, amigos e jornalistas, viram-no há dias, na abertura desta mostra, falar discreta, mas apaixonadamente, do que pensa da Arte e dos críticos.

«Os críticos—lamentou Nadir—têm muita dificuldade em compreender ou sentir os mecanismos da Arte». Para o prestigiado pintor, também com obra teórica de reconhecido valor, a Arte «obedece a leis naturais». A natureza—sublinhou—vai o esteta buscar os valores de evocação, originalidade e perfeição que, acompanhados da quarta qualidade, a harmonia, configuram o objecto da criação artística.

E do diálogo entre qualidade de fonte geométrica existente na Natureza («a lei de integração e desintegração dos espaços elementares») e a faculdade do espírito em entender, ao nível da sensibilidade e da pré-consciência, esses princípios naturais, que se afirma—considerou Nadir para o atento auditorio—«a única característica própria da Arte».

Dá também a conclusão de Nadir de que Estética, como ciência da obra de arte, continua ligada aos primitivos cultos, «envolta em «magia» e «mistério», em estado de revelação e de completa incompreensão das regras que a regem e caracterizam».

Que me perdoem os leitores se esta conversa vai já longa e «misteriosa». Mas se derem uma mirada, breve que seja, aos fabulosos (no preço e no encanto) óleos e gouaches de Nadir, talvez entendam o «mistério»...

E.A.

Na Covilhã, dia 27

Associação Regional do Alto Zézere organiza debate sobre a paz

Representantes das organizações juvenis dos partidos políticos com assento na Assembleia Municipal da Covilhã participam, no dia 27 deste mês, num painel sobre «A Juventude e a Paz».

Promovida pela ARPAZ — Associação Regional de Progresso do Alto Zézere — a iniciativa conta com o apoio da Câmara Municipal, do FAOJ, da Rádio Clube da Covilhã e do Conselho Nacional da Juventude e é patrocinada pela Progurtel/Logurte Iophil.

A partir das 14.30 horas, no Cine-Centro, será exibido o filme «Reacção em Cadeia» de Mike Nicols, com Meryl Streep no principal papel, uma abordagem cinematográfica das relações entre o poder, a comunicação social e a comunidade científica e por onde perpassam situações como uma fuga de radioactividade e os problemas decorrentes da actividade sindical. Depois do filme, cada painelista intervirá sobre o tema e, no fim de todas as comunicações, ha-

verá um período de debate aberto ao público.

Para os organizadores, «a ideia nada tem de novo, mas acentua a necessidade de juventude, através das suas organizações, debater, franca e despretensiosamente, questões importantes com o objectivo de provocar o sentido crítico não só dos jovens mas de toda a população».

«O Ano Internacional da PAZ — disse o dr. José Joaquim Antunes, da ARPAZ — chegou à província apenas pelos relatos da imprensa: raros foram os acontecimentos locais organizados para estudar e analisar o complexo conjunto de problemas relacionados com a paz, ou melhor, com o desejo universal de vivermos, cada um e cada povo, o futuro. Este painel não preenche tão grande vazio, mas é uma boa oportunidade para estudantes, operários, enfim, jovens e menos jovens falarem da guerra e da Paz com o entusiasmo, a abertura e a tolerância próprias da juventude».

Letra corrida



Paris, 1970: a Polícia acaba de meter na «viúva» Sartre e Simone de Beauvoir, concedendo-lhes assim um dos poucos galardões que honram intelectuais

Sartre

Ernesto Sampaio

Uma filosofia viva exprime as tendências da sociedade da época em que surgiu e é o meio que unifica os indivíduos dessa sociedade e dessa época.

Ao descobrir-se e objectivar-se a si próprio, o filósofo transcende-se e leva ao mesmo tempo os outros homens seus contemporâneos a tomar a consciência possível de si próprios, que é sempre projectada para o futuro (não a do que são, mas a do que poderão ser), e portanto não a da classe dominante na sua época, mas a da classe em vias de suplantar-la. Se, como Sartre escreveu (em *Questions de Méthode*), em cada época «só há uma filosofia viva», tal vitalidade depende não só da permanência da prática que a engendrou, da eficácia com que directa ou indirectamente consegue justificar, esclarecer e guiar essa prática, mas também de deter, exclusiva e incontestavelmente, a totalização do saber da época.

Esse saber conhecerá o mesmo destino dos saberes anteriores: será contestado e destruído quando, em vez de acelerar, travar o movimento social; em vez de polarizado pelo futuro se considere concluído, virando-se para o passado; em vez de dinâmico, for inerte, mero elo na cadeia sem fim da história das ideias.

É tão verdadeira a identificação de uma filosofia é «ultrapassada», nunca o horizonte cultural deixa de ser balizado por ela, enquanto o próprio movimento histórico não a ultrapassar.

Por isso mesmo que a pretensa «ultrapassagem» do marxismo se tem revelado um absurdo ou, retomando as palavras de Sartre (op. cit.), «na pior das hipóteses um regresso ao pré-marxismo, na melhor a redescoberta de um pensamento já contido na filosofia que se julgou ultrapassar».

O marxismo, filosofia da necessidade, só pode ser substituído por uma filosofia da liberdade, mas «o reino da liberdade», di-lo Marx em *O Capital*, «só começará de facto quando acabar o trabalho imposto pela necessidade e pela finalidade exterior; encontra-se, portanto, para além da esfera da produção propriamente dita». Sartre tira a conclusão: «O marxismo chegará ao fim dos seus dias quando existir para todos uma margem de liberdade real para além da produção da vida. (...) Não dispomos ainda de nenhum meio, nenhum instrumento intelectual, nenhuma experiência concreta que

nos permita conceber essa liberdade e essa filosofia» (op. cit.).

Mas uma filosofia não é um catecismo: é um método que evolui a esquemas transitórios, a atitudes que perdem o sentido de uma geração para outra, a explicações, estratégias, tácticas que, à força de se tornarem impessoais, se tornam equívocas, contraditórias, sem qualquer função real.

Quando os conceitos abertos de uma filosofia se fecham, fetichizando-se, e as sínteses produzidas pelas análises são substituídas por «verdades» a priori, quando o idealismo voluntarista substitui os esquemas interpretativos e força ou desnatura o significado dos factos e acontecimentos, o saber torna-se escolástica e deixa de mediatizar a experiência social e histórica. Aconteceu isso aos conceitos burgueses e o mesmo acontecerá ao marxismo se os que dele se proclamam persistirem em constituir-lo como um saber já totalizado, como um todo que não se procura através das partes, mas que as afasta e elimina se o contradizem.

Em *Critique de la Raison Dialectique*, Sartre explica-nos isto e demonstra-nos também os motivos por que em cada época «só há uma filosofia viva», espécie de humus que alimenta todas as ideias, quaisquer que sejam, mesmo as que se lhe opõem.

«Os factos particulares», escreveu Sartre, «não significam nada; não são verdadeiros nem falsos enquanto não relacionados, através de diferentes totalidades parciais, com a totalização em curso (totalização que incessantemente se totaliza)».

A sombra da filosofia, florescem as ideologias que começam por se lhe opor e depois ou morrem ou se integram nela. Para Sartre, o existencialismo é uma destas ideologias, uma «visão do mundo» enraizada no puro vivido, que é duma capacidade inultrapassável e não se desvanece no saber.

O saber tem, na verdade, limites: é incapaz, por exemplo, de transformar o sofrimento ou a paixão. Mas o saber consiste primeiro em perdermo-nos nas coisas, depois em dissolvê-las e, finalmente, em incorporá-las em nós, num processo cujo primeiro tempo é a alienação e o segundo a recuperação enriquecida do que se alienou.

Sabemos e somos sabidos; somos, como diz Sartre, «integrados vivos na totalização suprema». O saber atravessa-nos e situa-nos, antes de nos dissolver.

A partir de 5 de Janeiro

RTP vai transmitir telenovela "Cambalacho"

«Cambalacho» quer dizer, em bom português, troca ardisosa e com dolo. Ou ainda, golpe ou trapaça de importância menor.

Leonarda Furtado e Jerónimo Machado, protagonistas desta telenovela contratada com a Globo, são dois «cambalacheiros» por opção e necessidade. Vivem disso. São pobres e não conseguem arranjar dinheiro para sobreviver.

Leonarda é a mulher que sofre com o problema dos menores abandonados por isso resolve criar sete crianças, além de uma filha legítima que mantém na Suíça. E é justamente para ajudar as suas crianças que, acompanhada de Jerónimo, faz cambalachos.

Jerónimo tem a vida tão complicada como Leonarda pois é responsável pelo sustento de sua cunhada Lili Bolero. Moram ainda com ele sua filha Ana, que trabalha como operária mecânica numa oficina e Tina, filha de Lili, que trabalha no «Physical», um centro de ginástica da empresa de Amanda.

Amanda é advogada e esposa de Rogério, o advogado e amigo do milionário Antero Sousa e Silva. O sonho de Antero é conhecer o paradeiro da filha que ele abandonou na infância. Na esperança de a encontrar antes de morrer, Antero pede a Rogério que o ajude nas buscas.

Wanderley, cunhado de Antero, homem extremamente supersticioso e pouco amigo de trabalhar, não hesitou em se dirigir à Rua da Ponte, 47. Ali, esperava encontrar «madame Narda», uma cartomante que era, nem mais nem menos, a nossa já conhecida «cambalacheira» Leonarda Furtado. Impressionado com os «poderes» da madame Narda, Wanderley contou tudo o que sabia sobre a filha do velho Antero, deixando mesmo um papel com o desenho do sinal de nascença da rapariga, um segredo que poucos conheciam.

Passou-se o tempo até que apareceu a Antero uma mulher com o mesmo sinal e a mesma idade da filha. O seu nome: Leonarda Furtado. Nem todos aceitavam o «milagre», mas Antero acreditou. E isso é que era importante. Por outro lado Andreia, a jovem e ambiciosa esposa de Antero, resolveu pôr fim ao seu casamento matando o marido num acidente inexplicável.

Antero, no entanto, já tinha feito testamento deixando a sua fortuna aos filhos: Tiago, que recusou qualquer centavo do falecido pai e Leonarda, a filha desaparecida, que reapareceu repentinamente.

Por outro lado Andreia não desiste da fortuna do ex-marido e trama mil armadilhas para provar que Leonarda não é filha de Antero. Apaixonada por Rogério, provoca a separação entre ele e Amanda e contrata-o como advogado na disputa da fortuna.

Amanda, por sua vez, adere a Leonarda e vai defende-la perante a Justiça, conseguindo

sentença favorável à sua cliente.

Leonarda muda-se para casa de Antero e resolve investir as suas acções com um aval de um Banco, montando um espectáculo para Tiago, comprando um circo e criando a Fundação Furtado para 400 crianças abandonadas.

Mas Andreia não desiste de reaver o dinheiro que julga ser seu e continua maquinando planos. Nesta batalha contra Leonarda, Andreia alia-se a Athos, ambicioso corredor de motorcross, que testemunhou a morte de Antero e desconfia que Andreia tenha provocado o acidente.

Com este trunfo, Athos chantageia Andreia tornando-se seu cúmplice e forçando-a a dividir o dinheiro da herança logo que ele for recuperado pela sua «aliada».

Leonarda Furtado dá uma grande festa em honra de empresários com quem se irá associar a fim de continuar os seus empreendimentos beneméritos. Amanda, presente na festa, recebe a visita do advogado do banco, encarregado da venda das acções em Nova Iorque, que lhe revela que estas são absolutamente falsas. Dona Leonarda fica numa cilada porque o banco nega-se a garantir os investimentos. Andreia ignora tudo

isto e persiste na ideia de reaver a sua fortuna.

A partir deste momento trava-se uma batalha entre Leonarda e Andreia. Leonarda, com a ajuda de Rogério e Amanda, procura descobrir o paradeiro das verdadeiras acções, dentro do prazo estipulado pelo banco. Andreia obcecada pela ideia de recuperar a fortuna continua arquitetando planos com a ajuda do seu aliado Athos.

E, na verdade, quem deveria ficar com esse dinheiro? Andreia que é a legítima herdeira mas tem um péssimo carácter e que até cometeu um assassinio? Ou Leonarda, que é uma farsante, mas tem óptimas intenções como demonstrou até agora? O pior é que tudo pode acontecer drasticamente modificado com a súbita vinda da verdadeira e desaparecida filha de Antero. Mas será que ela vem?

Cuidado com qualquer julgamento precipitado. No fundo estão todos a mentir por alguma razão e esta história ainda tem muito «cambalacho» pelo meio.

Produção e realização da Rede Globo, transmitida em 1986. Contratada pela RTP para emissão no horário do programa «AS DEZ», a partir de 5 de Janeiro de 1987, em 174 episódios de meia hora.

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300

UMA PESA SOBRE A
POLÍCIA, JÁ SE SABE QUE
TEM DE SER
ENGRACADA!

OS POLÍCIAS
DE

2.º MÊS

MROZEK

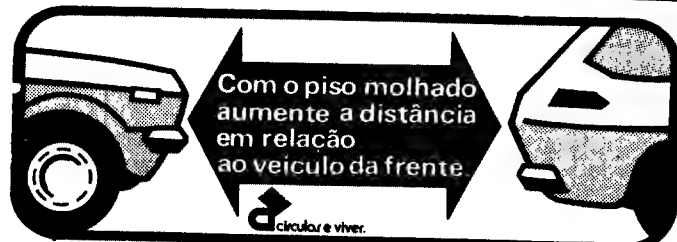
com

António Gomes, João Azevedo
José Carretas, Luís Tomar, Teresa Faria

3.ª a Sáb. - 21.30 h
Sáb., Dom. - 16 h

3.ª e 4.ª Feira — Descontos de 50% para jovens e sindicalizados. Descontos para grupos.

DIRECÇÃO: HELDER COSTA



diário
de Dostoievski

O primeiro dos chamados «Cadernos da Sibéria», escritos por Dostoievski durante o degredo naquela região foi, finalmente, decifrado. A sua publicação é um projecto a concretizar a breve prazo.

Condenado a cinco anos de trabalhos forçados na Sibéria, pena pela qual o czar Nicolau II lhe comutou, no último minuto, a condenação à morte, Dostoievski ficou proibido de escrever. A restrição foi levantada quando baixou à enfermaria do hospital de Omsk.

As notas que o escritor russo redigiu sobre o que foram os anos em que trabalhou extenuantemente de grilhões nos pés, experimentou a humilhação permanente, conviveu com assassinos e salteadores e sofreu os primeiros ataques de epilepsia eram, em grande parte, apenas legíveis para o autor. No manuscrito encontravam-se, por exemplo, citações em latim, incompletas, de autores clássicos como Horácio.

A publicação do primeiro caderno siberiano é resultado de um longo trabalho de pesquisa desenvolvido por Ornatskaia, do instituto de Literatura Russa, de Leninegrado, e por Vladimirtsiev, da Universidade de Irkutsk.

A vida de deportado é descrita por Dostoievski em «A Casa dos Mortos» mas a tortura de um prisioneiro, nas condições infra-humanas dos campos de trabalhos forçados siberianos, reflecte-se em todos os romances criados posteriormente. «Humilhados e Ofendidos» chamou-se a primeira novela criada logo a seguir a ter cumprido a pena, mas a esses dedicaria, a partir daí, toda a criação literária. Como ele próprio escreve: «Quantos tipos e caracteres eu não trouxe dos trabalhos forçados!... Chegarão para volumes inteiros.»



Natália Luísa e Francisco Pestana numa foto de ensaio

"Novo Grupo" prepara "O Jardim das Cerejas"

Depois do êxito alcançado com «Mãe Coragem e os Seus Filhos», de Bertolt Brecht, espectáculo produzido juntamente com o Teatro Nacional de D. Maria II, o Novo Grupo de Teatro ultima já com os preparativos para a sua próxima estreia, a primeira desta temporada. Trata-se de «O Jardim das Cerejas», de Anton Tchekov — a última peça escrita por este autor — que

está em cena, muito brevemente, no Teatro Aberto.

«O Jardim das Cerejas», de Anton Tchekov, um dos maiores autores da dramaturgia mundial cujos textos têm servido de base a grandes espectáculos em quase todos os países, constitui mais uma aposta que o Novo Grupo assume, iniciando a temporada com uma peça de reconhecida qualidade.

«O Jardim das Cerejas», peça escrita em 1904, continua tão actual como naquela época, retratando uma sociedade em convulsão, em transformação, determinada pela ascensão de grupos sociais em detrimento de outros; pela «ascensão social» de certos grupos à custa de outros que se mantinham, até então, no vértice da pirâmide social.

Estrelas da música rock ajudam Universidade da Paz

Vedetas «rock» britânicas e norte-americanas partilharam o palco com colegas da URSS, África e Japão, este fim-de-semana, para angariar fundos destinados à compra de um computador que ligue informações sobre actividades pacifistas em todo o mundo.

«Hurricane Irene» (Furacão Irene), assim se denominou o concerto de 15 horas

em dois dias, dedicado à deusa da paz grega, juntou músicos da mais vasta área geográfica de sempre, disse a estrela «rock» britânica, Peter Gabriel.

Os participantes incluíam o músico «rock» soviético Stas Namin, que já vendeu 30 milhões de cópias dos seus discos na URSS e Europa de Leste, Little Steven, Nona Hendryx e Lou Reed,

dos Estados Unidos, Youson N'Dour, da África Ocidental, e Yoshihiro Kai, do Japão.

Os fundos obtidos com o concerto serão entregues à Universidade da Paz, uma instituição académica da ONU com sede na Costa Rica, a Universidade das Nações Unidas, instalada em Tóquio, e a Associação UNICEF do Japão.



A dr.ª Rosa Castanho, grande impulsionadora da Cultura figueirense e o eng. Aguiar de Carvalho, presidente da Câmara

Figueira da Foz está em Lisboa

Até 6 de Janeiro está patente ao público, no Centro Comercial das Amoreiras (Lisboa), a exposição «Isto é Figueira», mostra das potencialidades industriais, turísticas, gastronómicas e culturais do concelho da Figueira da Foz. O certame engloba a participação das colectividades locais (que vão tendo a seu cargo a animação), artistas plásticos e principais unidades do sector secundário (nomeadamente celulose, madeiras, construção civil, têxtil, hotelaria, instituições bancárias, seguros e artes gráficas). Também estão presentes os órgãos de Comunicação Social

local, a Câmara Municipal (que vem divulgando um estudo relativo à caracterização do concelho), Museu e Biblioteca.

Uma programação especial acompanha a «Isto é Figueira»: já se efectuaram dias dedicados à Comunicação Social, ao Turismo/Investidor e às Embaixadas. Hoje, no cartaz, o Dia da Força Aérea, seguindo-se (a 2 de Janeiro) o Dia do Exército e (a 6 do próximo mês) o Dia da Armada.

Durante esta mostra figueirense, em três restaurantes das Amoreiras funcionará o Mês da Gastronomia da região, em que prevalecem os pratos de peixe.

Δ Na Galeria R75 -Rua Castilho, 75 C- uma exposição de óleos de Rui Filipe. Patente ao público até 9 de Janeiro, das 14 às 19,30 excepto aos domingos.

Δ No Clube 50- R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º - Ana Galvão e Albertina de Sousa expõem, respectivamente, Gravura e Pintura. Até 14 de Janeiro, de terça a sexta das 17,30 às 20,30, aos sábados das 15 às 20.

Δ No Museu Nacional do Traje, Ana Silva e Sousa expõem esculturas com o título «Viagem da Boa Esperança», para comemorar o 6º centenário da viagem de Bartolomeu Dias. Parente até 15 de Março.

Δ Na Palma-Galeria de Arte, na Calçada da Palma de Baixo, 6, uma exposição de Escultura de António Coello de Portugal sob o tema «Cavalos e Caça», de segunda a sábado das 14 às 20, até 30 de Dezembro.

Δ No Espaço Poligrupo-Renascença, Rua Ivens, 14, «Arte Portuguesa Anos 80», de segunda a sexta das 9 às 20, sábados das 9 às 13. Trata-se de uma exposição organizada por Alexandre Melo e João Pinharanda, que no Verão passado esteve integrada na V Bienal de Vila Nova de Cerveira. Trabalhos de Pedro Calapez, Pedro Cabrita Reis, José Pedro Croft, Rui Sanches, Rui Sanches, Dacosta, Gerardo Burmester, Pedro Tudela, Marrucho, Pedro Portugal, Pedro Proença, Xana, Pedro Casqueiro e Jorge Molder, entre outros. Até 10 de Janeiro.

Δ Na «Fazarte» - Rua de S. Pedro de Alcântara, 63-1º - uma mostra de artesanato: trabalhos de cerâmica, gravação de vidro, metais e trapologia realizados por um grupo de artesãos de Lisboa e Madeiras. Até fins de Dezembro.

Δ Na Galeria EMI - R. Cruz dos Poiais, 111 - uma exposição com o título «As Viagens de Gúliwer» com trabalhos de Ângelo de Sousa, Pedro Calapez, Jorge Martins, Victor Pomar, Alberto Carneiro, José Pedro Croft e Zulmira de Carvalho, entre outros. Até 24 do corrente.

Δ Na Galeria Almada Negreiros - Av. da República, 16 - «Cinco Anos de Arqueologia», uma exposição organizada pelo Instituto Português do Património Cultural, patente até 31 de Dezembro.

Δ No Museu Nacional do Traje, até final do mês, Escultura de João Cutileiro. Todos os dias, excepto segundas-feiras, das 10 às 13 e das 14,30 às 17 horas.

Δ Na Galeria «A Monumental» - Campo dos Mártires da Pátria, 101-3º - João Queiroz expõe Pintura até dia 29, de terça a domingo das 15 às 20.

Δ Na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Piso 01, «Fantasmagoria», uma mostra de micro-fotografias da autoria de Gil Monalverne.

Δ No Museu de Etnologia -Av. Ilha da Madeira, ao Restelo, «Painted Words» até 19 de Janeiro. Noventa trabalhos artísticos, históricos e contemporâneos sobre a arte pictográfica criada pelos índios das grandes planícies da América. Inclui ainda pinturas de R. Lee White.

Δ No Instituto Franco-Português - Av. Luís Bivar, 91 - «Petits Yeux, Grandes Images» - evolução das imagens nos livros franceses para crianças do século XX. Até 31 de Dezembro.



Um óleo de Rui Filipe, na Galeria R 75 até 9 de Janeiro

Alfas Triplex

— T. 806496

A MISSÃO

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)

15.00, 18.00, 21.00, 00.15 h

TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

RATO BASÍLIO

(falado em português)

(m. 6 anos)

13.30, 17.30, 19.30 e 24.00 h

Alfa Club

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)

15.00, 18.00, 21.00 e 24 h

E.T. — O EXTRA TERRESTRE

(para todos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

A MISSÃO

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

HOWARD E O DESTINO DO MUNDO

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

O RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER

(maiores 12 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Avila

— T. 539930

LABIRINTO

(m. 6 anos)

c/David Bowie
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

A MINHA MULHER AGRADA-TE... ADORO A TUA

(Int. m. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

E.T. — O EXTRA TERRESTRE

(para todos)

14, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «O PASSAGEIRO DA NOITE», realizado por Alan Rudolph, Genevieve Bujold e Keith Carradine e música de Teddy Pendergrass. Filme de qualidade em exibição no cinema Quarteto

Capitolio

— T. 372358

A FLORESTA DO PRAZER

(Int. m. 18 anos)

15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

— T. 530194

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO

(m. 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebloco

— T. 556824

POR FAVOR MATEM A MINHA MULHER

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

OS COMANDOS DE S. MAJESTADE

(n/acons. a m. 13 anos)

24.00 h

Cinebolso

AS NOITES QUENTES DE DALLAS

12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

— T. 324194

REGRESSO DA SELVA

(m. 16 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

KARATÉ KID-MOMENTO DA VERDADE

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

COBRA — O BRAÇO FORTE DA LEI

(m. 16 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sines

ÁFRICA MINHA

(m. 16 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

EM BUSCA DO TESOURO PERDIDO

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O JOGO DO FALCÃO

(maiores 18 anos)

23.45 h

Condes

— T. 322523

ALLIENS — O REENCONTRO FINAL

(m. 16 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

KADILOR — A LENDA DO TALISMÃ

(m. 12 anos)

14, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ENCONTRO NA ESCURIDÃO

(m. 16 anos)

14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

JOHN & MARY

(n/acons m. 13 anos)

Ciclo Dusty Hoffman
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

DIÁRIO DE EDITH

(m. 12 anos)

15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

ABSOLUTE BEGINNERS

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR

(m. 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)

14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

ROLLING STONES

(m. 13 anos)

19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

ALIENS — O RECONTRO FINAL

(m. 16 anos)

14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

ANA E AS SUAS IRMÃS

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

LABIRINTO

(m. 6 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

ALLIENS — O REENCONTRO FINAL

(m. 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM

(m. 12 anos)

14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

AVENTURAS DE JACK BURTON NAS GARRAS DO MANDARIM

(m. 12 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A MISSÃO

(m. 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)

15, 18 e 21 h

Nimas

— T. 574362

O RATO BASÍLIO

(m. 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

OS DESTRUIDORES IMPLACÁVEIS

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia

— T. 325309

A ESTUDANTE SEXY

A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathe

— 821933

GENTE GIRA II

(m. 12 anos)

14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

— T. 326305

EMMANUELLE 4

(Int. 18 anos)

14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

BETTY BLUE - 27 - 2.º DE MANHÃ

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

HISTÓRIA DE UMA TRAIÇÃO

(m. 16 anos)

23.45 h

E.T. — O EXTRA TERRESTRE

(m. 6 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

DESESPERADAMENTE PROCURANDO SUSANA

(m. 16 anos)

23.30 h

Sala 3

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(m. 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

AMERICAN GNATITI

(m. 16 anos)

23.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «Duelo Imortal», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Um Vagabundo na Alta Roda», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia

— «Gente Gira II», às 14, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h (m. 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

— «Academia de Polícia 2», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby

— «Comandos da Noite», às 21.30 h (m. 16 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme

— «O Rato Basílio», às 15.30 e 21.30 h (para todos)

Lisboa — PERMANENTE
— ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL**: São Miguel, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA**: Cortez, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **BELEM - ALTINHO**: Gomes, Sucursal, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **ENCARNAÇÃO**: Zira, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS**: Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA**: Central da Lapa, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUMIAR**: Patuleia, Al. das Linhas de Torres, 262-B (T. 790332); **LUZ** - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DE DEUS**: Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **PICHELEIRA**: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO**: Conflança, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **SÃO SEBASTIÃO**: Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **BRANDÃO - AMADORA**: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **CARNAXIDE**: Central de Carnaxide, Av. de Portugal, célula 13-B, bloco 1, lote B; **ODIVELAS**: Gonçalves, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO**: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE**: Sá, Av. da Igreja, 31-C (T. 875021); **ARCO DO CEGO**: Arraial Semblano, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS - CHILE**: Brasil, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 546843); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA**: Benfca, E. de Benfca, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE**: Almeida, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **CHELAS**: Almeida Vaz, R. Luís Cristino Silva, lote 248, loja 92, zona n.º 2, R. Pardal Monteiro (T. 855673); **MARQUÊS DE POMBAL**: Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA**: Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **SANTOS**: Marcos Nascimento, C. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 664238); **BURACA - AMADORA**: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 2-A (T. 2750076). Permanente; **COVA DA PIEDADE**: Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **COSTA DE CAPARICA**: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO**: Oliveira Sérgio, R. dos Alamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO**: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 1042016). Até às 19 horas; **BARREIRO**: Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA**: Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS**: Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU**: Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 19 horas; **TORREDA MARINHA**: Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 2211132). Até às 22 horas; **MONTIJO**: Giraldes,

R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA**: União Molitense, Av. Dr. Teófilo Braga 94, 259025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE**: Naves, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL**: Tavares da Silva, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel, L. Batalha Viso**, lote 68 (T. 21677). Permanente; **Lisboa, R. Dr. Paulo Borba**, 70 (T. 22248). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA**: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES**: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECE**: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firming Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS**: Mourão Vaz, Av. de Moçambique, 17-C (T. 2437196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS**: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADEIRA**: Grincho, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **SASOIEIROS**: Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE**: Imami, lote 7-B, Hena (T. 2852121); **MADORNA**: Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA**: Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Suíça, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS**: Cascais, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Melo, P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Permanente; **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 4932210). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ**: Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Até às 22 horas; **CAMARATE**: Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CAJÉM**: Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS**: Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA**: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA**: Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A (T. 9232747). Permanente; **COLAREI**: S. Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B.º 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670). Até às 22 horas; **SACAVEM**: Soares, R. José L. Mouras, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES**: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

Coimbra — ESTÁDIO: R. do Brasil, 348, r/c, ao Calhazé (T. 712710); **RODRIGUES DA SILVA**, R. Ferreira Borges, 32 (T. 24348); **OLIVAIS**, R. Bernardino de Albuquerque, 159 (T. 712904).

TEATROS

AIR

Parque Mayer — Tel. 36 57 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Hialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Marganda Carpinteiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho e Alexandra Solnado, entre outros.

Teatro Mirta Casimiro

Av. Fausto Figueiredo Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sáb., às 21.30, sáb.ºs e dom.ºs, às 16 h

«GALILEU GALILEI», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação: João Vasco, Paulo B., Ana Paula e Antónia Marques, entre outros.

Comuna — Sala 2

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«AS CADEIRAS», de Ionesco. Interpretes: Ana Themes, Augusto Portela, José Carlos Monteiro e Graça Afonso.

Teatro de Teófilo Braga

Todas as noites às 21.30, 5.ª, 6.ª e sábado às 16.00. Domingos e feriados às 15.00 e 17.30.

CIRCO CHEN

Teatro Villaret

Tel. — 36 19 97

Todas as noites da semana, às 16.00 e 21.30; domingos e feriados, às 14.30, 17.30 e 21.30; dias de Natal e Ano Novo, às 14.30, 17.30 e 21.30

CIRCO DO NATAL

Marta Natos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.00 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«ISTO É MARIA VITÓRIA», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Interpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha e Marina Mota, entre outros.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

6.ª e sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT», de Fassbinder. Interpretes: Elisa Lisboa, Fernanda Alves, Isabel de Castro, Lia Gama, Maria José Pascoal e Sara Lima. Cenografia de Dalton Asseff. Pelo Grupo Teatro Hoje.

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00 e 21.30

«SAPATEADO», de Richard Harris. Versão portuguesa de César de Oliveira e Barry Scray. Encenação de Varela Silva. Interpretes: Florbela Queiroz, Octávio de Matos, Manuela Maria, Mara Abrantes, Maria Tavares, Magda Cardoso, Luísa Barbosa, Manuela Carlos, Rosa do Canto e Fernanda Oliveira.

Teatro O Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De 5.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«MEMÓRIAS DE UM CORPO», de José Figueiredo Martins. Encenação de Cunha Carvalho. Interpretação de José Figueiredo.

Porto — Teatro dos Modestos

R. Gonçalves Cristóvão, 190 — Tel. 20 412

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«O JOGO DO AMOR E DO ACASO», de Mari-vaux. Pelo Grupo «Os Comediantes». Encenação: João Paulo Costa. Interpretes: Eduardo Gomes, João Cardoso, João Paulo Costa, Oscar Branco, Rosa Quirga e Teresa Nunes.

Teatro Alzoum — Carlos Labruñes

R. Poais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Vallada.

Circo Cardinali

P. de Espanha

Todos os dias, às 21.30; 5.ª e sábado, às 16.00; domingo e 2.ª, às 15.00 e 17.30

Circo português, 14 atrações internacionais.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«OS POLÍCIAS», de Lronack. Encenação de Hélder Costa. Interpretes: António Gomes, João Azevedo, José Carretas, Luís Tamar e Teresa Faria.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

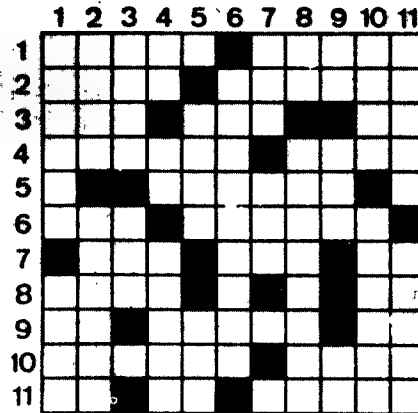
«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Interpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santana, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 915

HORIZONTAIS:

- 1 Cadáver. Educam.
- 2 Tempo do verbo ir. Enfermo.
- 3 Em as. Piedosas. Clima.
- 4 Luz intensa. Tosta.
- 5 Do urso ou a ele referente.
- 6 Espádua. Diriges em certa direção a proa do navio.
- 7 Anel. Acrescentando uma vogal é palmeira da Amazônia. Duas vogais desiguais.
- 8 Doutor (abrev.). Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- 9 Pátria de Abraão. Nome de um peixe do Brasil. Nome de letra.
- 10 Repisas. Palmeira da Amazônia.
- 11 Carta de jogar. Nota musical. Pronome demonstrativo.



VERTICAIS:

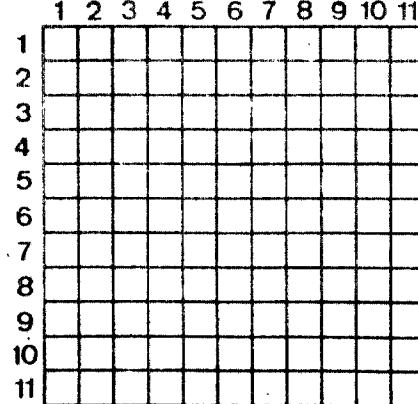
- 1 Aro onde se aperta e espreme o queijo. Rija.
- 2 Verbal. Dês marradas.
- 3 Rasoira. Agora.
- 4 Post scriptum. Ruténio (s.q). Restos mortais.
- 5 Preposição. Terceiro.
- 6 Nome de frutos.
- 7 Filtra. Cólera.
- 8 Rénio (s.q). Tarados.
- 9 Prefixo de negação. Ecoa. Átomo.
- 10 Prendes. Eternamente.
- 11 Simples. Superfície plana delimitada.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 744

HORIZONTAIS:

- 1 Pequenas lâminas. Duna na Suécia.
- 2 Transfere para outro dia. Antigo título do imperador da Turquia.
- 3 Em as. Desmontaram.
- 4 Preposição. Causa amou a.
- 5 Engano. Observar.
- 6 Irei para fora. Vossa alteza.
- 7 Transferir para outro dia.
- 8 Samário (s.q). Fedor.
- 9 MANDARAS.
- 10 Detestadas. Lés.
- 11 Sádios. Curaís.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Viana do Castelo. Ósmio (s.q).
- 2 Nome de mulher. Batraquio. Costume.
- 3 Infúrnio. Curso de água natural e abundante.
- 4 Duas vogais desiguais. Ferradas.
- 5 Isto e tudo. Erbio (s.q).
- 6 Cortesia grega. esposa de Petros. Em as.
- 7 Transpiem. Membro de ave.
- 8 Desenhista e gravador brasileiro que figurou em exposições do Museu Nacional de Belas Artes em 1946 e no Salão Nacional de Arte Moderna (1953). Clima.
- 9 Impedia.
- 10 Artilharia anti-aérea. Guarneci de as.
- 11 Silhueta. Abreviatura de Santíssimo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 914

HORIZONTAIS:

- 1 A. DEMASIADA.
- 2 Fiaras. Riam.
- 3 Lagarias.
- 4 III. Ias.
- 5 Calcar. Af.
- 6 Asai. Aa.
- 7 Sm. Ba. Rã.
- 8 Cama. Aspar.
- 9 Pêra. Ala. Za.
- 10 Garotas. As.
- 11 Sama. Os. No.

VERTICAIS:

- 1 AFEIÇÃO.
- 2 Ias. CEGA.
- 3 Dalila. Aram.
- 4 Era Cismara.
- 5 Cisma. Má.
- 6 Asa. Rã. Ato.
- 7 Ri. Abalas.
- 8 Irias. Asas.
- 9 Aias.
- 10 Dás. A. RAZÃO.
- 11 Am. Miraras.

PROVERBIO: A demasiada afeição cega a razão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 743

HORIZONTAIS:

- 1 Raposas.
- 2 Ta. Mata. Mot.
- 3 Ama. Odo. Rã.
- 4 Rata. Ma.
- 5 Arame. Mãe.
- 6 Acordar.
- 7 Miara. Cai.
- 8 Sor. Omar.
- 9 Sois. Ara. Em.
- 10 Aos. Diana.
- 11 Ais. Assas.

VERTICAIS:

- 1 Atara. Massa.
- 2 Amara.
- 3 Atacaras.
- 4 Ato. Amara.
- 5 Pao. Fras. Se.
- 6 Otão.
- 7 Sai. Acorda.
- 8 Om. Raras.
- 9 Sm. Amara. As.
- 10 Or. As. Rara.
- 11 Arabe. Mas.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz da solidariedade; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Canções, de Carl Loewe; 16.50: Integrais; 18.00: Sonata, em si menor, de Franz Liszt; 18.40: Música sinfónica; 19.30: Cantatas italianas, de Haendel; 20.40: Solos de órgão, de Torre-lhas e Carlos Seixas; 21.00: 6.º Festival Bach da Madeira; 22.35: Música instrumental; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Alentejo

13.00: Sopa dourada; 14.00: Peça-nos em directo; 15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Grande bazar; 20.00: Ligação à rede nacional.

Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do tempo; 21.00: Música no espaço; 22.00: Vamos aos fados; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Noticiários a todas as horas.



15.40 - Dire Straits e m Wembley
17.30 - The Tubes
2º Programa

18.00 - Sumário
18.05 - Brinca Brincando
«O Inverno Mágico de Roland» e «Os Recados de Maria»

19.00 - «Espirituais» Negros na Terra Santa
2º Episódio: - As Origens Musicais do Gospel

19.20 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.05 - Direito de Antena

«Associação Comercial e Industrial de Coimbra», «Sindicato dos Médicos da Zona Sul» e «Sindicato Nacional dos Quadros Técnicos Bancários».

20.07 - Uma Canção para Si
«Ay Mi Dios»

20.10 - Viver a Vida
27º Episódio

20.50 - Informação Especial
«O Instante da Solidariedade»

21.45 - Dempsey e Makepeace
7º Episódio: - Makepeace vai passar uns dias numa casa de campo com a sua maior amiga, Sarah Hackett, que se casa uma semana depois. Sarah tem de ir a Londres fazer compras e, no caminho para o comboio quase atropela um peão imprudente, John Bates. Mais tarde Sarah aparece morta e violada no comboio. O pai dela, o juiz Hackett, recusa porém que seja a polícia a fazer investigação e não permite a autópsia do corpo.

O juiz declara ainda que não conhece Bates, o principal suspeito, embora se lembre que o pai dele trabalha em sua casa.

E a Spikings, o chefe de Dempsey e Makepeace que o juiz pede ajuda.

Interpretes: - Michael Brandon, Glynis Barber, Ray Smith, John Harsley, Graham Rowe, Sarah Sherborne, entre outros.

Realizador: - Bill Brayne

22.35 - 24 Horas
23.10 - Remate



15.02 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Fama
17º Episódio



Em «Cinema Dois», no 2.º canal às 21.30, pode ver «As Irmãs Brontë»

17.30 - Estádio
Basquetebol em directo de Madrid

19.30 - Os Romanos Entre Nós
«A região romana»

20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão

52º Episódio: - Quatro homens assaltam um comboio e roubam o seu carregamento de barras de ouro. Transportam-na para um subterrâneo e o seu chefe, prepara um anestésico que os vai deixar num estado de hibernação durante 100 anos. Nessa altura, segundo pensam, poderão gastar o ouro sem perigo de serem presos. Um dos assaltantes não sobrevive, devido a um acidente, e os outros três acordam exactamente na data prevista. Mas nas lutas que travam entre si, acabam por morrer mais dois e apenas o chefe fica com vida, embora a morrer de sede, no meio do deserto. Um casal do século XXI, encontra-o e ele oferece-lhe todo o ouro em troca de um golo de água. Uma oferta que deixa o casal perplexo...

Realizador: - Justus Addiss

20.30 - Uma Família às Direitas

27º Episódio

21.00 - Jornal das Nove



No 1.º canal, às 21.55, mais um episódio de «Dempsey e Makepeace»

21.30 - CinemaDois

«As Irmãs Brontë»: - Branwell, irmão de Anne, Charlotte e Emily Brontë, concluiu uma pintura. Nela se retratou a si próprio e às três irmãs. O quadro é recebido com entusiasmo, de tal modo a semelhança é espantosa. Na verdade, Branwell hesita entre a pintura e a poesia e é um amigo, Leyland, que o aconselha a tomar uma opção rápida e esclarecedora. Branwell quer, sobretudo, descrever a verdade objectiva e complexa da vida real. Inesperadamente, porém, será Charlotte a ver o seu talento de poesia reconhecido; é uma surpresa, porque ela confessa escrever «apenas pelo prazer de escrever».

Interpretes: - Isabelle Adjani, Marie-France Pisier, Isabel Huppert, Pascal Greggory, Patrick Magee, Helene Surgere, Jean Sorel, Roland Barthes.

Realizador: - Andre Techine

23.25 - E de Ler

Amanhã



14.45 - A Grande Viagem do Pai Natal

15.15 - Estrelas da Terra

15.55 - Viva o Gordo

17.05 - Natal sem Neve

19.05 - «Espirituais» Negros na Terra Santa

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Mensagens de Natal de S.E. O Cardeal

Patriarca de Lisboa

20.20 - Lotação Esgotada

22.30 - Confraternização Portuguesa de Natal



15.02 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Fama

17.30 - Estádio

19.30 - Os Romanos Entre Nós

20.00 - Notícias

20.05 - 5ª Dimensão

20.30 - Uma Família às Direitas

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Oratória de Natal

00.10 - E de Ler



AOS CONDUTORES

«Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...



Dire Straits em Wembley



CinemaDois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



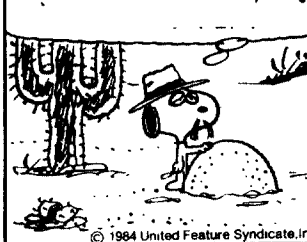
«Viver a Vida»

MARÉS DE HOJE

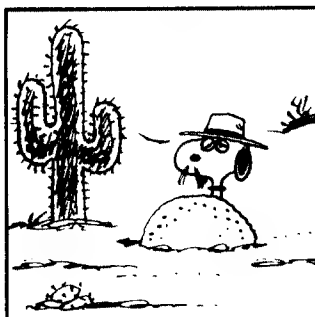
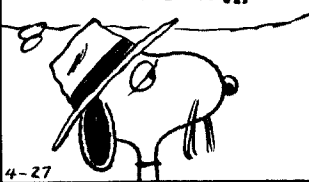
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
07.18 3,60 m	00.38 1,70 m
19.56 3,30 m	13.20 1,70 m
Dia 24	
08.11 3,54 m	01.37 1,80 m
20.56 3,30 m	14.23 1,70 m

BRAGANÇA	-3°
VIANA DO CASTELO	4°
VILA REAL	1°
PORTO	-1°
COIMBRA	4°
CABO CARVOEIRO	8°
CASTELO BRANCO	-
PORTALEGRE	2°
LISBOA	7°
ÉVORA	2°
BEJA	2°
FARO	7°
SAGRES	6°
PONTA DELGADA	13°
FUNCHAL	17°

A REUNIÃO DO CLUBE DO CACTO VAI COMEÇAR!



FOI SUGERIDO QUE ORGANIZASSE UM PASSEIO PARA RECRUTAR NOVOS MEMBROS...



Firmino Miguel quase CEME

O general Firmino Miguel deverá ser nomeado Chefe do Estado Maior do Exército segundo tudo indica. Além de ser apontado como o candidato com mais possibilidades de uma lista de três nomes entregue na semana passada ao CEMGFA e já por este entregue ao ministro da Defesa, Firmino Miguel exerce já o cargo interinamente, apresentando-se como um nome «pacífico» de ser aceite tanto pelo Governo como pelo Presidente da República.

Ao contrário do que tem sido noticiado, a reunião de hoje do Conselho de Chefes de Estado Maior não se destinava a escolher o sucessor de Salazar Braga. Trata-se da habitual reunião semanal destes chefes militares e que esta semana foi antecipada devido ao Natal.

O processo de nomeação do novo CEME já está em marcha e embora nenhuma fonte oficial o tenha confirmado, presume-se que os três nomes propostos sejam Firmino Miguel, Tomé Pinto e Pererira Pinto.

Esta lista de nomes deve ser apresentada pelo Primeiro Ministro e pelo ministro da Defesa ao Conselho de Ministros, sendo o nome escolhido apresentado ao Presidente da República. Se este discordar do nome proposto, o que não deve acontecer, o Primeiro Ministro e o ministro da Defesa poderão propor um outro dos dois nomes, solicitar através do CEMGFA a indicação de mais um nome ou a apresentação de uma nova lista.

Questão com algum interesse neste momento é saber quem será o vice-CEME e que lugares irão ocupar os generais Tomé Pinto e Almeida Bruno que abandonam a GNR e a PSP respectivamente.

Em relação a Almeida Bruno é de admitir que venha a ser colocado na Direcção da Arma de Cavalaria.

Cocaína vinda de Angola apreendida em Lisboa

Funcionários das alfândegas apreenderam no Aeroporto de Lisboa 6,5 quilos de cocaína, avaliados em mais de 100 mil contos, vindos de Luanda, disse hoje uma fonte aduaneira.

A apreensão ocorreu sexta-feira no Aeroporto da Portela, sendo a primeira vez que este tipo de droga é detectado num percurso sem escala em Luanda.

A cocaína era de origem brasileira e estava escondida numa caixa térmica contendo também peixe, marisco e frutas, que fez escala no aeroporto da capital angolana.

A Guarda Fiscal deteve na altura um cooperante português em Angola que alegou que a droga pertencia a um outro cooperante, disseram as mesmas fontes.

Fontes alfandegárias admitem que Luanda, donde sai com frequência liamba, se esteja a tornar uma nova plataforma de escoamento de cocaína da América do Sul com destino à Europa.

As mesmas fontes revelaram que a maior apreensão de cocaína de sempre no aeroporto foi feita no final de Novembro, quando ali foram descobertos 30 quilos do narcótico, abandonados numa mala.

A cocaína, de origem e destino desconhecidos e avaliada em cerca de 600 mil contos, foi abandonada na sala de alfândega no aeroporto pelos seus portadores.

A droga estava acondicionada numa mala de qualidade, embrulhada em ppéis e plásticos tratados com mostarda para despistar a actuação de cães-polícia.

É francês o novo "boss" do FMI

O governador do Banco de França, Michel Camdessus, foi eleito director-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), anunciou a agência France Press.

D/E/C/A/R/A/S/



RIBEIRO TELES apresentou no Parlamento o projecto Lei sobre a política agrícola que defende que «os povos utentes devem continuar a fruir dos baldios» - informou o gabinete de Imprensa do PPM. «Somente quando já não existirem utentes nem potencialidades de os mesmos virem a existir, é que as juntas de freguesias assumirão tal encargo», esclareceu o gabinete de Imprensa, referindo-se ao texto do citado projecto. O PPM - sublinhou o seu gabinete de Imprensa - «lamentava a campanha de desinformação, especialmente levada a cabo junto dos povos utentes dos baldios», fazendo crer que o projecto de Ribeiro Teles «prevê a entrega da gestão dos baldios às juntas de freguesias».

ENRIQUE TIerno GALVAN, antigo professor da Universidade de Salamanca, será evocado em meados de Janeiro, por ocasião do primeiro aniversário da sua morte. A homenagem, a que assistirá do Presidente da República portuguesa, Mário Soares, é prestada pela Universidade de Salamanca, onde exerceu a sua função de docente desde o início dos anos 50. O falecido alcade de Madrid só deixou a sua actividade docente quando por



motivos académicos se mudou para a capital espanhola.

MÁRIO SOARES foi eleito por maioria «Figura Nacional do Ano» numa votação realizada pelos jornalistas da RDP, disse a Direcção de Informação da RDP/Antena Um. O Presidente da República obteve 33 votos, seguindo-se-lhe o primeiro-ministro, Cavaco Silva, com 26 votos. Corazon Aquino, Presidente das Filipinas, foi considerada, também por maioria, a personalidade internacional do ano, com 26 votos dos jornalistas da RDP. O líder soviético Mikhail Gorbachov foi a segunda figura mais votada, com 20 votos.

RINGO STAR tem de pagar à sua ex-mulher uma pensão anual de 70 mil libras (cerca de 15 mil contos), depois de ganhar um recurso que lhe evitou pagar 250 mil libras extra (mais de 54 mil contos). O tribunal de recurso anulou uma ordem de um tribunal que obrigava o ex-Beatle a pagar retroactivos desde Abril de 1979, ficando agora decidido que os mesmos só serão pagos a partir de Abril de 1986, poupando-lhe 250 mil libras. Ringo Star, de 46 anos, divorciou-se da antiga cabeleireira de Liverpool, Maureen, de 39,



em 1975. Desde então tem-lhe pago pensões que oscilam entre 23 mil e 44 mil libras.

«**MAHATMA**» **GANDHI** e a sua imagem continuam a render. Agora foi uma colecção de cartas do líder da independência da Índia que foi comprada pelo governo indiano por 154 mil libras (cerca de 33 mil contos). O Alto Comissariado indiano pagou um preço duas vezes superior ao previsto pela colecção, nunca publicada, a qual ficará guardada nos arquivos do governo da Índia. A colecção, que totaliza 1200 páginas escritas entre 1909 e 1946, inclui cartas dirigidas a Hermann Kallenbach, amigo e discípulo de Gandhi, 15 outras ao seu seguidor Hanna Lazar e ainda uma cópia do seu testamento, entre outras.

ALVARO SALAZAR, chefe de orquestra, apresentou-se com a Oficina Musical, de que é director, no âmbito da I Semana de Música Ibérica, que ontem terminou em Ávila. Do programa do concerto constavam obras de Lopes-Graça, Filipe Pires, Cláudio Prieto e Ramón Barce. Outros participantes portugueses do festival foram a pianista Nella Maissa e o maestro Manuel Ivo Cruz.

Música portuguesa vende no Natal

Mais de 25 mil discos de apenas quatro músicos portugueses foram vendidos nas semanas anteriores ao Natal, o que é considerado um novo «boom» da música rock nacional.

«Rui Veloso», o novo álbum do autor de «Chico Fininho», já é disco de prata por vendas superiores a 15 mil exemplares.

Esgotadas estão igualmente as edições de «Psicopatria» (GNR) e «Macau» (Heróis do Mar). O primeiro vendeu mais de 5 mil exemplares e o segundo 2 mil.

Sérgio Godinho com a sua «Vida Real» vendeu perto de 4 mil exemplares.

Noutro âmbito, o álbum dos Mini Stars, com versões em português de éxitos internacionais, já conquistou um disco de ouro por vendas superiores a 30 mil exemplares, como Nuno da Câmara Pereira e o seu «Mar Português» é disco de prata.

Um livro para crianças

O adivinhão

Adivinhas tradicionais portuguesas seleccionadas e apresentadas por Viale Moutinho, foram publicadas, com ilustrações de João B, por Edições AFRONTAMENTO. O volume cartonado e de bom aspecto gráfico está organizado em duas partes: na primeira as adivinhas, na segunda as soluções. É um divertimento para todos: para as crianças, para os adultos, para os idosos. São 121 adivinhas e as respectivas decifrações.

Animação de Natal frente ao Forum Picoas

O Natal é o tema de uma animação de luz e som montada pelos CTT/TLP frente ao Forum Picoas, em Lisboa.

Trata-se de uma árvore de natal de nove metros de altura, construída em tubos de neon, e de um enquadramento musical adequado ao ambiente das novas tecnologias, de que o Forum Picoas pretende ser um espaço de dinamização.

A musica foi criada especialmente para esta ocasião, com recurso a computadores, pelo grupo Telectu, de Jorge Lima Barreto.

SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO DIÁRIO DE LISBOA. SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1.200 LISBOA. TELEF. 320271/320272. TELEX: 12363



Sakharov

Andrei Sakharov deixou de ser um monstro. E isso aconteceu tão repentinamente e com tanta força que só o príncipe que lhe deu o beijo transfigurador não foi surpreendido.

Também o activista tártaro Mustafá Djemilloy foi libertado de um campo de trabalhos forçados siberiano e autorizado a regressar à sua residência em Tashkent.

A libertação deste último tem o sabor de uma amnistia de Natal. Mas a suspensão do exílio interno de Sakharov em Gorki, o seu regresso e de sua mulher Elena Bonner à casa da rua Chkalova em Moscovo, o convite que lhe é dirigido para que retome funções docentes na Academia Soviética das Ciências, o facto de ser tornado público que, durante um telefonema a Gorbachev, o físico maldito pediu ao dirigente soviético uma amnistia geral para os presos políticos da URSS, tem o sabor de uma reabilitação.

Surpresa no Ocidente? Decerto. Sakharov tornara-se, antes de ser mandado para Gorki por Brejnev, no símbolo da resistência intelectual e dessa «história muda» que só os samizdat contam de modo parcelar e fraccionado. Depois, o exílio interno como que aumentara a dimensão do personagem. Toda a pressão internacional a respeito dos direitos humanos convergia simbolicamente para a defesa do seu «caso». E nem a autorização dada a Elena Bonner, no princípio do ano, para se deslocar ao estrangeiro para aí receber cuidados médicos fazia supor um desfecho tão favorável ao casal como o que agora se verifica.

Por tudo isto, este final provisório do «caso» Sakharov reveste-se de uma carga emocional e política sem precedentes, e cria uma expectativa específica quanto a outros casos, menos publicitados, de «presos de consciência» na URSS contemporânea.

J.M.

A Esquerda como problema e como esperança

A tragédia da Esquerda é que o fim do marxismo como referência dominante parece acarretar a perda de todas as referências e da própria tradição socialista. O novo liberalismo está a tentar aproveitar irreversivelmente essa crise, apresentando-se como uma nova cultura que hegemonize a dinâmica das sociedades. A Esquerda que durante um século se julgou filha e amante da História, destino único da humanidade, tem agora de compreender que a Direita está aninhada no seu próprio coração.

O texto que aqui transcrevemos é a intervenção de Eduardo Lourenço na Convenção da Esquerda Democrática, reunida em Lisboa no início de Dezembro. Pela sua importância pela natureza das questões que aborda, pelo questionamento radical que propõe, decidimos publicá-lo no Sete Ponto Sete, permitindo assim a todos quantos não participaram na Convenção o contacto directo com uma matriz de reflexão que temos por axial.

Ao contrário do que costuma pensar-se, a tragédia não resulta de um conflito entre o bem e o mal, mas do conflito entre duas ordens de bens

Hegel

NÃO se pode ganhar uma partida de xadrez sem que o adversário cometa erros. Esta máxima não é apenas verdadeira para o mais subtil e cruel dos jogos que os homens inventaram. Se neste momento a Esquerda europeia está, ou parece estar, numa situação particularmente melindrosa, é talvez apenas por ter imaginado que os erros ou pecados políticos, sociais e económicos só poderiam ser cometidos pela Direita, ou talvez melhor, que a Direita é a expressão, nessa ordem, da História como pecado. Consciente e convicta — não sem fundas razões, que convém repensar — de representar a consciência aguda da injustiça, da opressão, do privilégio inaceitável, a Esquerda viveu-se, durante os quase dois séculos da sua manifestação histórica — justamente aquela que se materializou na *Convenção* como primeiro movimento revolucionário moderno — como se fosse imune, por princípio, ao erro, ao desvio, à desfiguração, ou até à traição ao idealário transparente com que se definiu.

A Imaculada Esquerda

Quando erros, desvios ou horrores demasiado gritantes afectaram esta ideia imaculada de si mesma, a Esquerda tinha sempre a possibilidade de os inscrever na categoria do *accidental*, do mal necessário, da inexperiência, ou de considerá-los como resposta à violência nunca extinta ou ao maquiavelismo ingénito de um adversário, descrito, de uma vez por todas, como anti-História. Este comportamento voluntarista, necessário para fazer face a essa Direita, expressão afectiva de um poder discriminatório, dispensado de fornecer as suas credenciais, simples emanção das forças hegemónicas no domínio da produção, do seu usufruto social, legitimado ao nível do simbólico e do cultural por uma ideologia que não precisava de se exprimir, a tal ponto se confundia com a natureza da

vida social, acabou por perverter aos poucos, e por enfraquecer por dentro a razão de ser de uma Esquerda que nascera como consciência crítica e legítima desse poder.

É necessário e urgente, numa Europa ao mesmo tempo transbordante de riqueza, de ciência e tecnologia de ponta, e em crise, que a Esquerda, tal como nasceu da sua história implacável, recupere, não a *inocência* e a *transparência* de sonho com que se pôde teorizar e existir enquanto a Direita era, nela, a expressão inegável de desigualdades sociais, de violência económica, social e política palpáveis e visíveis a olho nu, mas a sua expressão crítica, a sua realidade de contrapoder, de antipoder mesmo no Poder, num momento em que, sob roupagem mais sedutora, servida por efeitos especiais dignos de um super-Spielberg, uma Direita repintada, repensada, eficaz, regressa ao palco da História contemporânea como a solução inevitável, quase inelutável, do nosso Destino.

Crise de um ideal

Como foi possível que, num século, aquilo que para a inteligentia hegemónica da Europa era o *espectro*, ou o somatório político e social de uma visão alienante ou conservadora da sociedade, se tenha transformado, não apenas num dado sofrido como um mal menor, mas numa perspectiva dinâmica, em sintonia com o ritmo imprevisível e fantástico de uma criatividade científica e tecnocrática de um género novo, recuperando, num passe de mágica, a referência mesma da *Liberdade* e do empreender, do imaginar, de surpreender sem fim — que é hoje glosada em todos os tons pelos arautos de um *Liberalismo* proclamado como a exércia mesmo da Modernidade? Que sentido tem ainda o conceito e a realidade da *Esquerda* num mundo que parece uma imensa máquina desejante, sem autêntico sujeito, num mundo que pro-



duz o espectáculo do seu presente com as cores do fantástico distribuído ao domicílio? Que vazio pode preencher o ideal, tradicionalmente exigente e ascético de uma Esquerda preocupada pela solução das misérias do mundo, quando esta Direita europeia ou accidental dos fins do nosso século tem os instrumentos e os poderes de converter até essa mesma miséria em distração e espectáculo?

O limbo ibérico

Não é apenas na ordem económica e na ordem política que a imagem de marca da Esquerda, e em particular do *socialismo*, aceites e imaginados ainda há vinte anos como os mais adequados a uma solução histórica e social conciliadora da Modernidade e da Liberdade, sofrem neste momento um eclipse manifesto no Ocidente europeu. Se na Península Ibérica isso se sente ou se vê menos, talvez o devamos à distância que nos protege do centro do ciclone neodireitista, ou simplesmente porque o Sol de Lisboa já não bate de chapa no nosso rosto. Onde estávamos habituados a vê-lo brilhar sem problemas, onde a Esquerda era escrita ou inscrita na História, a sua luz empalideceu e alguns já a festejam como extinta. Não apenas os adversários de sempre, a eterna e nunca defunta *direita orgânica*, que teorizou a

contra-revolução, mas até aqueles que há uma dúzia de anos consideravam honroso rotularem-se de *sociais-democratas*, se passaram com armas e bagagens para, na aparência, irreduzível liberalismo. Quer dizer, mesmo na sua incarnação mais suave, de tigre doméstico, a Esquerda em geral, desde o social-democrata àquele que não renega a sua vocação socialista, vive horas difíceis.

Exceptuando a sempre excepcional Suécia e pondo de parte aquelas áreas de subdesenvolvimento económico e tecnológico ou de herança não superada de desenvolvimento tardio, como ainda em países da Ásia ou da América Latina, a perspectiva de esquerda democrática de tipo europeu, sobretudo na forma *socialista*, ou não existe, ou existe sob formas tão caricaturais que nem é preciso ser reaccionário para as recusar como soluções económicas, ideológicas, políticas e culturais sem um mínimo de futuro, ou, pelo menos, de aplauso e aceitação.

O Império Soviético

É a perspectiva de uma *esquerda democrática* realmente uma ilusão consoladora, um mito sem viabilidade histórica neste fim do século XX?

A sessenta anos de distância compreende-se hoje melhor, ou de outra maneira, a famigerada fórmula estalinista do *socialismo num só país*, que encerrava, ao menos, a evidência de que, como projecto universal, como revolução plausível das estruturas capitalistas do mundo mais desenvolvido, era *inviável*. Conhece-se, ou imaginamos conhecer, o preço histórico do famoso socialismo num só país, que aliás era (é) mais que um país, um continente potencial onde pôde ser levado às últimas consequências uma *escolha* que, se não mudou (ainda) a face da História, a modificou e deslocou para horizontes imprevisíveis. Maldito, inaceitável, contestado ou contestado em função de uma outra tradição europeia de tipo socialista ou liberal, esse *socialismo* tem o mérito de existir como referência ideológica e caução histórica de uma potência mundial que nestes últimos anos se constituiu como um Império perto do qual o da Roma antiga ou da Inglaterra moderna forma uma construção bucólica. Todas as Helenas d'Encausse, todos os Emmanuel Todd, mesmo o general Alexandre Zinoviev, poderão batalhar os defeitos visíveis ou invisíveis dessa *potência oficialmente*

Continua na pág. 4



Monstros II

Chaké Matossian

Ponto de origem de todo o saber

N A medida em que mostra e é mostrado, o monstro representa o ponto a partir do qual tem origem todo o saber. O desejo de conhecer, como sublinhava Aristóteles na sua Metafísica, não pode dissociar-se do prazer oferecido pelas sensações visuais. O ver abre o caminho do saber. Ora, para que uma coisa seja vista, é preciso que ela «chame» o órgão da visão, que se demarque dos objectos que habitam o cenário visual costumeiro. Esta demarcação é o que é próprio do monstro.

A primeira característica do monstro, a razão por que o mostram ou ele se mostra, é a sua diferença que provoca o espanto. No artigo «monstro», a *Enciclopédia* de Diderot e de D'Alembert põe em evidência o choque visual que a própria palavra evoca: «se não houvesse senão uma diferença ligeira e superficial, se o objecto não se distinguisse com espanto, não daríamos o nome de monstro ao animal em que ela se encontrasse» (1).

Os Enciclopedistas assimilam a diferença visível a uma diferença quantitativa, a uma diferença que se torna como que no resultado de uma operação aritmética afastando qualquer utilização possível do cálculo infinitesimal do séc. XVII. Recusa da pequena diferença, do «quase nada», da franja, do pouco definido. Conta-se e enumera-se: o monstro exhibe o excesso, o aquém ou o além, o demasiado ou o insuficiente: «uns têm de mais, ou não têm que baste, certas partes, assim, por exemplo, os monstros

de duas cabeças». A *Enciclopédia* mantém-se, nisto, fiel a posições mais antigas, a de um Empédocles, por exemplo, que também reenviava a monstruosidade para a ordem do qualitativo. No entanto ele explicava o excesso ou a falta de partes corporais pelo desregulamento sobrevivendo não apenas na quantidade de semente, mas também no seu movimento. O monstro é a história de um desvio na trajectória dos espermas: «estes monstros provêm do excesso ou da falta da semente, ou de uma perturbação do seu movimento ou da divisão em várias partes, ou de que ela se desvia» (2).

O desvio interno e invisível engendra a imagem em que se dá a ver, uma imagem do excesso ou da falta, uma imagem que chama a atenção. A imagem.

Uma simples palavra, na definição que citámos da *Enciclopédia*, indica a distância que separa as concepções do século XVIII e cartesianas do monstro na

sua relação como o saber. A palavra «espanto». O espanto integra a categoria de uma paixão primitiva, a admiração, à qual, no entanto, ele se opõe. Com efeito, a admiração procede do prazer ocasionado pela perfeição de um objecto que chama a nossa atenção, enquanto o espanto está ligado à pena que nasce à vista duma disformidade pouco comum, e em particular ao horror que causa a vista de um vício ou de um crime extraordinários» (3).

A admiração encontra-se, aqui, dividida entre um pólo positivo que respeita à perfeição e um pólo negativo, o espanto, que inclui a monstruosidade física e moral. Esta distinção arrasta consigo consequências quanto à concepção do saber, visto que a *Enciclopédia* reconhece à admiração a capacidade de abrir caminho ao conhecimento. Desde logo, portanto, o saber encontra-se moralizado, canalizado em direcção ao bom, ao belo, ao perfeito. A novidade, princípio motor da admiração

e do espanto, aparece como marcada, de imediato, pelo bem e pelo mal. Aqui, a moral antecede a visão, determina um lugar ao objecto.

Outra é a posição de Descartes, para quem o conhecimento tem origem na diferença, a partir do diferente puro, do diferente neutro. A admiração, que se revela sinónimo de espanto, é a primeira das paixões pela boa razão de que «ela sobrevem antes de que conheçamos de algum modo se este objecto nos é conveniente ou se o não é» (4, art. 53).

O objecto chama a nossa atenção, surpreende-nos, porque é raro e porque a apreensão da raridade se situa para além do bem e do mal. O próprio corpo é disto testemunha, ele que não experimenta, nesta paixão, qualquer mudança nem no coração nem no sangue: «ora a razão é que, não tendo por objecto nem o bem nem o mal; mas apenas o conhecimento da coisa que se admira, ela não tem qualquer relação com o coração e o sangue, dos quais depende todo o bem

do corpo, mas apenas com o cérebro, onde estão os órgãos dos sentidos que serve, para esse conhecimento» (4, art. 71).

Mais longe, Descartes (art. 75) insiste ainda na neutralidade do objecto admirado, que se torna necessário definir como objecto raro e que, por causa dessa raridade, pode mostrar-se útil ao conhecimento. Admiramos o raro ou o extraordinário porque «o ignoramos, ou até porque ele é diferente das coisas que sabemos; porque é essa diferença que faz com que o chamemos extraordinário».

O diferente, o que sai do ordinário, desperta o homem para a sua humanidade, para o que o constitui enquanto homem e o diferencia dos animais: o pensamento. Para além do bem e do mal, o diferente dirige-se ao cérebro, deixa o seu sinal na superfície virgem da memória.

Do mesmo modo que o pensamento e, portanto, que a humanidade, não pode ser negado aos loucos nem aos mudos visto que eles fazem uso dos sinais, também o diferente não pode tornar-se, para Descartes, em objecto de exclusão.

Notas

- (1) *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné...*, Neuchâtel, 1765, t.X
- (2) Tannery, P., *Pour l'histoire de la science hellène*, Paris, Gauthier-Villars, 1930, p. 334
- (3) *Encyclopédie...*, t. XII
- (4) Descartes, *Passions de l'âme*, Paris, Gallimard, 1953.

Fotografia Ponto Zero

Modo mecânico de produção de imagens em vias de se tornar numa técnica vetusta, a fotografia já não necessita combater tão arduamente como antes para garantir a sua aceitabilidade como objecto estético exigindo uma contemplação esclarecida, nem como o objecto de uma teoria da fotografia que não aceita ficar-se pela explicitação das suas possibilidades técnicas. Num certo sentido, o seu prestígio está longe de dever ainda ser ganho.

Várias circunstâncias concorreram para este estado de coisas, desde a lenta constituição de um mercado internacional para as fotografias «coleccionáveis» até à consolidação de uma crítica fotográfica que cada vez mais veio a reivindicar-se de uma estética do fotográfico e que remonta, se aceitarmos ater-nos às suas manifestações mais radicais na sua exigência de especificidade, à autêntica explosão artística da fotografia de que se fizeram acompanhar as primeiras décadas deste século, pelos olhos e pelas mãos, pelas imagens e pelos escritos de fotógrafos como Laszlo Moholy-Nagy, Man Ray, Alfred Stieglitz ou Anton Giulio Bragaglia.

Mas se esse «boom» da fotografia que se quer a si mesma artística não deixou de brindar os nossos olhos com imagens para as quais alguns não se cansam de olhar, ele também não deixou de provocar, pelo menos em certos círculos pretensamente esclarecidos, um desprezo manifesto por aqueles domínios em que o dispositivo fotográfico é chamado a cumprir as suas vocações mais utilitárias. Menos nobres porque aparentemente maculadas de um modo mais directo por aquele aspecto vil que, pelo menos para al-

guns espíritos retorsamente aristocráticos, inevitavelmente acompanha a submissão ao cumprimento de uma tarefa, essas imagens que a utilidade tornava diminuídas puderam assim esquivar-se aos olhares de muitos e ao interesse de alguns.

Nos últimos anos, no entanto, tem vindo a assistir-se a um acréscimo de interesse por estes outros horizontes do fotográfico, até há pouco desleixados com alguma inconsciência pelos apólogos — tanto na imagem como na escrita — da fotografia artista. Recentramento do olhar sobre a fotografia que tem permitido a exumação de insólitos arquivos, autêntico iceberg da iconografia moderna — médica, psiquiátrica, criminal e, em geral, científica — que tem ajudado a comprovar, pelo interesse não apenas histórico ou teórico mas também genuinamente estético que ele se revelou capaz de suscitar, que os limites de uma estética fotográfica se revelam muito menos fixos e determinados do que à primeira vista eles podem parecer ser.

O que acabou de dizer-se constitui talvez a melhor razão que pode invocar-se para fazer valer que uma exploração dos modos de ser da imagem fotográfica deve preceder e esclarecer uma história das práticas ou dos estilos, exploração essa que aceite elucidar o conteúdo das promessas do dispositivo fotográfico antes de procurar compreender as suas dádivas. Deveria por esse processo chegar-se a um leque reduzido mas não mínimo de determinações potenciais do dispositivo, que este seria capaz de actualizar diferentemente em cada complexo determinado em que acontece uma fotografia. Nesse sentido, por exemplo, se é verdade que a fotografia pode

proporcionar-nos um analogon suficientemente exacto do real, a impressão fotográfica que o constitui corresponde sempre a um levantamento operado sobre o mundo, à captura mecânica de uma «efígie fotograficamente real» das coisas que pode bem ser menos do que elas mas que é, também, seguramente mais do que uma ficção. Esse fragmento recortado do visível é para sempre um aspecto exilado no tempo ou, para utilizar a feliz expressão de Max Kozloff, um «refugiado do seu momento» (1). Frequentar este refugiado, privar com ele, apenas pode ser para nós olhar para trás, para um momento já passado em que alguma coisa esteve presente à objectiva que dele capturou o aspecto de que a emulsão sensível se impregnou. Ora, importa dizer que é perfeitamente possí-

vel pensar situações limite em que tanto a semelhança como a atestação fotográficas, muito embora podendo estar presentes na impressão, não funcionam como determinantes: teremos tempo de discutir as hierarquias respectivas destas duas determinações mas para já digamos que, se é verdade que no abstraccionismo fotográfico de certos fotogramas as semelhanças tendem a dissolver-se, também não o é menos que, por exemplo, nas célebres séries de «Equivalents-Songs from the sky», fotografias de nuvens executadas por Stieglitz, a atestação parece sofrer um curto-circuito.

Mas também é possível pensar que

aquilo que as essenciais da fotografia são insuficientemente fortes para garantir, um privilégio fundamental da

referência assertiva em relação à semelhança, a história venha a acabar por instituir: com efeito, face às novas imagens sintéticas, capazes de se libertarem soberanamente das aparências do mundo, mas também cada vez mais capazes de mimarem a semelhança que durante tanto tempo foi apanágio da «mais exacta técnica» (2), pode bem ser que a fotografia cada vez mais se venha a transformar numa espécie de piedade do real...

Pedro Miguel Frade

Notas

- (1) Max Kozloff, *Photography and fascination*, Addison House, NY 1979.
- (2) Walter Benjamin, *Petite histoire de la photographie*, in *Essais I*, Denöel — Gonthier, Paris 1983.



Incisão linear no olho, dr. A. de Montreja, França, impressão de albumina, retocada, 1871

LER, ESCRIVER

Quinta-feira, 25, dia de Natal, não se publica o «Diário de Lisboa». Por esse motivo o Ler/Escraver não sai esta semana.

A Música Portuguesa em debate

Decorreu a semana passada, na Fundação Gulbenkian, um Colóquio Internacional subordinado ao tema: «Portugal e o Mundo — Processos Interculturais na Música». É sem dúvida o maior acontecimento até hoje ocorrido no âmbito da musicologia em Portugal.

Durante cinco dias (de 15 a 19 deste mês), 27 investigadores — 8 dos quais portugueses — estiveram reunidos em torno de uma problemática comum: a música portuguesa. «Trata-se de examinar alguns dos processos e produtos musicais que resultaram do contacto estabelecido entre Portugal e alguns dos povos da Europa, África, Ásia e América Latina desde o século XV. Os trabalhos incluem-se num enquadramento histórico-cultural geral do Colóquio e contemplam a transmissão musical oral e escrita.»

São palavras de Salwa El-Shawan Castelo Branco, Coordenadora do Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa e actual representante de Portugal no International Council for Traditional Music (ICTM), organização internacional ligada à UNESCO que se encarrega de estudar, documentar, preservar e divulgar a música tradicional das várias culturas musicais do mundo.

Eoi precisamente no âmbito das actividades do ICTM, responsáveis, entre outras coisas, pela organização de importantes Colóquios Internacionais, que foi possível realizar-se em Portugal, a partir de uma proposta de Salwa Castelo Branco, «um debate em que estão presentes alguns dos mais conceituados musicólogos e etnomusicólogos a nível mundial, como os professores Anthony Seeger, Gérard Béhague, Dieter Christensen, ou Gerhard Kubik, para citar alguns. Isto possibilita uma troca de ideias, de experiências e um diálogo muito frutuoso para o futuro da musicologia em Portugal.»

O Papel de Portugal na Música do Mundo

«Em que rosa dos ventos há um caminho português?»

Miguel Torga (1)

A epopeia dos descobrimentos e das conquistas quinhentistas, o nosso passado expansionista, são constantemente (re)memorados. Reivindicase a paternidade de terras e povos, outrora sob a égide de lusos patronos e faz-se eco de uma certa poesia heróica do século XVI: «Jentes nouas escondidas / que nunca foram sabidas / soam a nos tam conhecidos / como qual quer natural».

Se este contacto «in loco» com gentes disseminadas pela América, África e Ásia — «homens brancos e pretos e de mui diferentes qualidades» (3) — se envolve num salto significativo na evolução da cultura portuguesa a partir de então, tal facto é extensivo a toda a Europa, representada por um targar de horizontes e pelo enriquecimento cultural propulsor do paulatino ruir do chamado «europocentrismo».

Posteriormente a colonização, com os seus emblemáticos processos de aculturação, torna indissociável do devir dos povos «conquistados», traços culturais distintivos dos «conquistadores».

O intercâmbio cultural — extra como inter-europeu — apresenta-se assim como um intrincada evolução de sistemas sociais, políticos e económicos concatenados.

Demarcar desta rede de relações

uma área específica — a música — não é cercar o complexo histórico geográfico (4) circunscrevendo-o à medida dos seus interesses; é antes autonomizá-la como manifestação artístico-cultural com exigências científicas que impliquem metodologias, técnicas e instrumentos de investigação determinados pela sua própria topologia de interesses.

Ao constituir-se como ciência, a musicologia não pretende apartar-se de uma certa atitude historicista, porquanto deve à história aquele relativismo por ela assumido como «interprete provisória de uma evolução inacabada (5). Ademais, quando o seu objecto de estudo o exige, a musicologia logra de processos técnicos e operacionais que a história coloca ao seu dispor, aquando da ordenação e avaliação das fontes — a heurística, a hermenêutica e a crítica, bem como alguns princípios de ordem metodológica que lhe permitem articular perspectivas sincrónicas e diacrónicas, contrapor as noções de estrutura e conjuntura, «perceber no tempo contínuo a perpétua mudança» (6).

A Musicologia no Quatro das Ciências Humanas

«A análise do facto musical é interminável»

Jean Molino (7)

O percurso de legitimação da musicologia como disciplina científica autónoma é similar àquele percorrido pela maioria das ciências humanas — «na unidade da sua multiplicidade» (8).

No século XVIII assiste-se ao dealbar de uma certa corrente musical revivalista, interessada em descortinar um pouco do acervo de partituras de um passado ainda próximo. Datam dessa altura as primeiras manifestações sociais decorrentes dessa revalorização da música de épocas imediatamente anteriores, objectivada no repertório dos concertos, que passa a incluir obras cuja produção se não restringe já apenas ao limite da sua própria contemporaneidade.

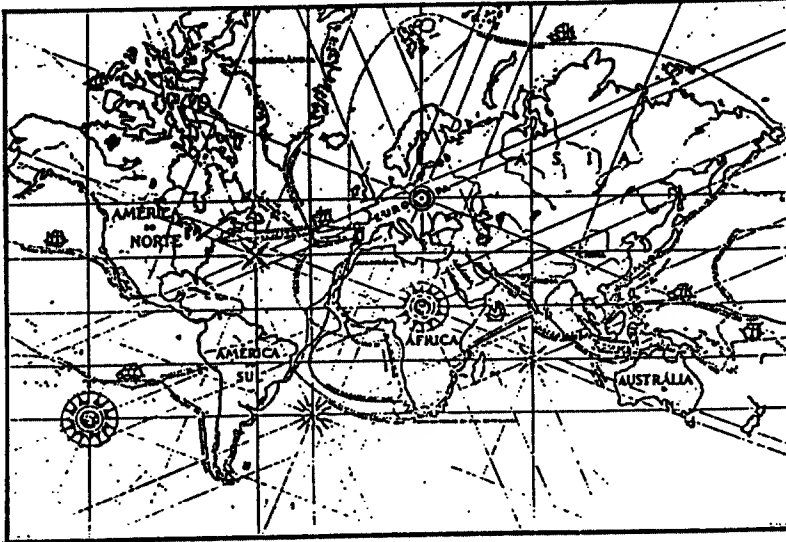
Os românticos, na sua corrida genética para averiguar as raízes pristinas de um poder que querem legitimar, acentuam a individualidade nacional, glorificando a Pátria e a Revolução.

Ao acordar do seu letargo a produção musical medieval (ou aquela que tomavam como tal), os músicos estavam mais preocupados em servir um certo culto passadista, moldado em arquétipos classicistas, do que em questionar as fontes escritas a que acorriam para tal. Ficou assim a partitura relegada à justaposição de figuras ritmo-melódicas, que a objectivação prática transcendia, confiando na musicalidade indómita do intérprete. Este usufrui, por seu turno, do progresso técnico dos instrumentos, em benefício de uma certa espectacularidade.

O positivismo de Comte vem pôr termo às transgressões da efervescência romântica, afirmando-se uma crescente erudição, personificada na crítica da providência, atenciosidade e exactidão das fontes.

Um público burguês cada vez mais vasto tem acesso a edições fidedignas e transcrições impressas com o emblemático aparato das notas infrapaginadas.

Uma musicologia propedéutica que se vinha assumindo com trabalhos esporádicos ao longo do século XIX culmina



com a divisão metodológica de Guido Adler, que distingue uma musicologia histórica (contextual) e outra sistemática (estética musical, psicologia da música, acústica, etc.) postulando a inter-relação entre as duas atitudes. (9)

Esta clivagem se por um lado resultou, do ponto de vista quantitativo, na recuperação filológica de um enorme espólio musical, fvorceu, por outro, a perspectiva historizante que redundou, por vezes, na erudição desmedida — alheia a essa capacidade impar da música de se distanciar do registo de representação, que domina, por decorrência semântica, as outras artes.

Mais uma vez, paralelamente ao decurso do processo de afirmação de grande parte das ciências humanas, também a musicologia, com alguns anacronismos em relação a elas (defensáveis, no entanto, pela peculiaridade do seu objecto) atravessa agora uma encruzilhada de tendências dispare, que contribuirão, decerto, para o devir da sua maturidade.

A Etnomusicologia

«A Etnomusicologia tem o poder de criar uma revolução no mundo da música e do seu ensino».

John Blacking

Ao postular uma etnomusicologia que «ultrapasse os domínios de um ramo da musicologia ortodoxa, confinado à problemática das músicas ditas populares e exóticas», J. Blacking — prestigiado musicólogo americano que, aliás já esteve entre nós — é arauto das reivindicações pugnant por esta disciplina nos últimos 30 anos.

De facto, se a etnomusicologia começou por circunscrever-se à investigação do fenómeno musical nas culturas extra-europeias e nas tradições folclóricas ocidentais, a partir dos anos 60 o seu ideal multívolo é expresso por Alan Merriam como o «estudo da música na cultura» (10).

Este alargamento do campo de acção vem denunciar um certo etnocentrismo patenteado em trabalhos anteriores além de, e sobretudo, delir a radical compartimentação existente da música ocidental (de cujo sistema participamos) e o da tradição oral, ambos estudados nas suas dissemelhanças e inter-relações.

Assim, assistiu-se, neste quarto de século, a um deslocamento do objecto de análise da etnomusicologia, tomado não segundo categorias musicais incluídas ou excluídas, ou o contexto onde a música foi ou é divulgada, mas sim, analisado como o que M. Mauss chamou um facto social total, a um tempo económico, político, cultural, estético, etc. (11) O fenómeno musical tomado assim como uma unidade glo-

bal incorre na convergência de múltiplas metodologias, técnicas e domínios de investigação das várias ciências humanas.

Em decorrência desta amplitude analítica o espectro do universo etnomusicológico abarca fenómenos musicais tão distintos, como o da música ligeira e/ou música de massas, vários subconjuntos da migração musical (rural/urbana, colonizadores/colonizados, etc.), o impacto dos mass-media na produção e consumo de certas categorias musicais, entre uma infinidade de outras problemáticas passíveis de análise.

Esta visão dinâmica da realidade musical permite pôr em causa a conceptualização extemporânea que ainda vigora em Portugal de música tradicional, música folclórica e tantos outros rótulos em nome dos quais se constroem especulações demagógicas.

Musicologia e Etnomusicologia

«As bandas musicais mataram as chulas. (...) Este engodo, com doze vinténs de música bem bufada por serpentes de metal oxidado, tem dado cabo daquelas ruidosas, festivas e nacionalíssimas chulas da nossa infância.»

Camilo Castelo Branco (12)

Tanto a musicologia como a etnomusicologia em Portugal, encontram-se numa fase de investigação embrionária, decorrente do seu estado ainda incipiente como domínio científico. Esta anacronia em relação aos outros países do mundo deve-se, entre muitas coisas à inexistência, até 1980, de uma instituição académica capaz de formar especialistas nestes domínios. Este problema será colmatado, a breve trecho, em decorrência do então criado Departamento de Ciências Musicais, na Universidade Nova de Lisboa, responsável, até agora, por inúmeras e importantes actividades na área da musicologia.

A maioria dos trabalhos de investigação até agora realizados, de carácter filológico ou propedéutico, em grande parte dos casos, atestam uma grande vontade e profissionalismo por parte de alguns entusiastas, quase sempre autodidactas, que se têm debatido com constantes dificuldades. O nosso espólio musical, disseminado por lugares conhecidos e desconhecidos, ainda não foi submetido sequer às operações básicas de restauro, identificação, taxinomia, catalogação, etc. Pelo que, qualquer pesquisa musicológica exige dos investigadores esse trabalho filológico

de descrição bibliográfica das fontes, crítica e transcrição. A posterior inserção contextual do fenómeno estudado também, não raro, apresenta obstáculos ao estudioso, já que para tal ele deveria recorrer a estudos fidedignos do nosso panorama histórico-cultural, abordados sincrónica e diacronicamente. Os trabalhos com estas características, rareiam, não só os de índole histórico-social propriamente dita, como também os estudos sociológicos e antropológicos, para se não exigirem ainda investigações no âmbito da psicologia, da estética, etc.

Se estes problemas são mais flagrantes numa certa musicologia histórica, a pesquisa actual não deixa também de sentir-se desamparada. O levantamento estatístico de dados pertinentes está por fazer, a informatização desses mesmos dados está longe de ser concretizável; a bibliografia mínima indispensável ao estudo de determinada problemática não só é de difícil acesso, como, às vezes, completamente desconhecida. À parte de tudo o que foi dito, falha também a interdisciplinaridade de que faz falta a musicologia actual e a abertura a novos campos do saber, como a psicanálise, a psicossociologia e a semiótica, uma vez que, segundo alguns estudiosos, «as ligações estabelecidas pelas diversas ciências humanas permanecem superficiais: elas não podem, na abstracção dos seus respectivos domínios, dar-se conta das relações que unem o fenómeno total — o facto musical» (13).

Esta interdisciplinaridade, por um lado, e a criação de subdisciplinas musicológicas para questões analíticas por outro ajudarão os musicólogos a afastarem-se daquela imagem já caricaturalmente descrita por Aquilino: «Um dia veio à quinta de Gerifaldo (...) um músico de nomeada. Era, simultaneamente, um curioso, um investigador de velharias, e bugiarias doutras. Foram a Sarçal, à quinta do Sancho Guedes, que ele espiolhou de cima a fundo, depois à igreja, donde lhe aconteceu ir dar ao presbitério.» (14)

Maria da Graça Ramos

NOTAS:

- (1) TORGA, Miguel — *Diário XII* — 2.^a ed. 1977
- (2) VELHO, Diogo — *Cancioneiro Geral (de Garcia de Resende)*, V, 179
- (3) NUNES, Pedro — *anexo do Tratado da Eufonia*, 1537
- (4) GODINHO, Vitorino Magalhães — *Ensaio Sobre a História de Portugal* — Ed. Sá da Costa, Lisboa 1968
- (5) HALKIN, Leon — *Initiation à La Critique Historique* — Armand Collin, Paris, 1973
- (6) BLOCH, Marc — *Introdução à História* — Pu. Europa-América, Lisboa, 1976
- (7) MOLINO EN JEU, n.º 17 — Paris, Seuil, MOLINO, Jean — *Facto Musical e Semiologia da Música*
- (8) CORVISIER, André — *Sources et Méthodes en Histoire Sociale* — Paris, S.E.D.E.S., 1980
- (9) ADLER, Guido — *Umfang, Methode und Ziel der Musikwissenschaft*, 1985
- (10) BLACKING, John — *How Musical is Man?* — Faber and Faber, London, 1973
- (11) MAUSS, Marcel — *Sociologie et Anthropologie*, Paris, PUF
- (12) BRANCO, Camilo Castelo — *Ecos Humorísticos do Minho* — Labirinto, Lisboa, 1980
- (13) mesmo do (7)
- (14) RIBEIRO, Aquilino — *Casa do Escorpião* (novelas) — Bertrand, Lisboa, 1963.

A Esquerda, problema e esperança

Continuação da pág. 1

socialista sem que tal Império se perspective como **éclaté**, ou em vias de deslocação interior ou exterior.

É no interesse dos seus limites, nas fronteiras das suas próprias possibilidades histórico-militares, políticas e económicas, que esse **socialismo imperial** ou esse **imperialismo socialista** encontrou ou encontra os seus obstáculos e a sua **utopia**, geradora de monstros e de monstruosidades que aos poucos se corrigem ou adoçam, mas sem dar mostras de se querer conformar com aquele modelo democrático que é co-essencial à tradição e ao projecto do socialismo e da esquerda na sua versão ocidental. Está, este, condenado a **estiolar-se** entre a figura ultra-sofisticada do capitalismo e o martelo rude do comunismo?

Derrocadas culturais

Se a versão socialista na sua incanção **soviética** ou **para-soviética** perdeu realmente a sua capacidade de fascínio e de exemplo, se no Ocidente, e em particular na expressão cultural hegemónica que lhe dava sentido, tal versão se converteu no símbolo do **inaceitável** e todo o Ocidente politicamente organizado e culturalmente significativo se encontra mobilizado, noite e dia, para a recusa, refutação ou conter nos seus limites orientais, o paradoxo é que um tal **descrédito** não redundou em reforço da versão **não-soviética** ou **anti-soviética** do socialismo ocidental. Podemos — e devemos — lamentá-lo, mas do que não há dúvida é de que o **socialismo à europeia**, o celebrado «socialismo de rosto humano» não suscita hoje aquele entusiasmo ou pelo menos aquela esperança que era ainda comum nos anos 60, que emprestou a sua dinâmica a Maio de 68, e de algum modo ajudou a jovem democracia portuguesa nos anos 70 a imaginar que um tal **socialismo** era o seu óbvio e salutar destino. Tudo se passa como se a derrocada **cultural** da referência marxista tivesse também **ferido de morte** o outro socialismo, ou pelo menos o tivesse deixado sem **alicerce teórico** convincente. E esta é, afinal, a **tragédia** da esquerda, a nossa tragédia, aquela que não devemos esconder mas, ao contrário, expor em plena luz, para lhe encontrar o remédio e lhe insuflar um **espírito autónomo**, uma alma, sem a qual, por mais razões que nos assistam, essa Esquerda, esta que estamos revisitando, será sempre uma **perspectiva frágil**, vulnerável, vivendo mais daquilo que recusa do que daquilo que propõe como solução histórica à altura dos tempos que vivemos, como disse Ortega y Gasset.

O que está em causa

Com efeito, não se creia que o crepúsculo da ideia e da prática socialistas em países altamente desenvolvidos do Ocidente como a Inglaterra, a Alemanha, a Itália ou a Áustria, é um mero acidente de ordem **política**, ao fim e ao cabo natural no quadro de democracias onde a alternância no poder é uma instituição. O que está em crise não é o socialismo apenas como aposta política ritualizada nesse horizonte de real pseudo-alternância (a direita europeia **nunca** aceitou tal alternância, que é uma ideia de esquerda e nem de toda...).

O que está em causa nem é sequer o socialismo como utopia ou perspectiva mais ou menos irrealista na ordem económica e, em especial, na da **economia-mundo**, completamente **revolucionada**, da esfera ocidental.

O que está em causa é a **ideia** mesma do Socialismo — ou de uma certa **tradição socialista** — e não vale a pena supor que iniciativas tão necessárias, tão urgentes e tão vitais como aquela que aqui nos congrega possam ter um começo de sucesso sem o exame radical dessa crise da **ideia** e do **ideal** socialistas no Ocidente. Sem esse exame, sem a reformulação a que fatalmente dará lugar, não será possível mobilizar a fundo e não apenas no quadro empírico da mera política a prazo, milhões de homens e mulheres — todos nós — condenados a viver passivamente uma outra espécie de **crise** — a crise estrutural de uma sociedade em mutação vertiginosa — para a qual, durante mais de um século, imaginámos, e no fundo com razão, que o socialismo seria ao mesmo tempo a leitura adequada e a solução histórica inevitável, razoável, racional e **libertadora**.

Invejo, não só por isso, mas também por isso, os meus camaradas socialistas que vivem em Portugal. Nem sempre estar na margem desta Europa onde sempre imaginámos que a História com maiúscula se fazia (ou escrevia), em especial a da luta nunca desmentida por uma sociedade onde as relações de classe fossem mais igualitárias ou menos injustas do que na Península, é uma desvantagem.

O sonho doméstico

Talvez que nem os mais bem informados dos portugueses — e todos o somos muito — tenham uma ideia realmente exacta da **degradação**, por assim dizer semântica, da ideia, do modelo, da própria esperança com as cores do **socialismo** nesse país de onde alguns (entre eles eu mesmo) esperavam, a partir de 1981, que a **versão europeia do socialismo** ecoasse ou reforçasse as forças de esquerda que se reclamam do mesmo ideário. Em Portugal (...) nós temos o privilégio de viver ainda o nosso estatuto de homens de esquerda ou de **socialistas**, numa espécie de felicidade semelhante à dos sonhos.

A nossa Revolução serviu realmente para alguma coisa de universal, mas não é possível crer cegamente que a nossa posição relativamente confortável de homens de esquerda e de socialistas — refiro-me à nossa recuperação da dignidade cívica, à nossa força política, à esperança de poder intervir com êxito no campo social — possa manter-se sem vigilância extrema e renovação profunda neste cantinho, preservado de uma Europa que neste momento é não só pouco socialista, mas militante e determinadamente **anti-socialista**.

O ecrã espanhol é ilusório. A alacridade do «socialismo espanhol», o seu sucesso político, com tudo o que significa de positivo processo de auto-democratização, só existe em função de um acordo tácito de todas as forças do país vizinho de fazer de conta que é **socialista** a sábia versão de democracia social no registo mínimo, que a Espanha teve o bom-senso

de adoptar. Só não há crise do **socialismo europeu** onde nunca houve, nem há, um mínimo de mudança social inspirada no ideal socialista ou no que, até hoje, passava por sê-lo.

Nesses países nunca foi preciso meter o socialismo na gaveta porque nunca lá tinha estado.

Como muitos de vós certamente, mas com a liberdade que me dava a minha irresponsabilidade militante, indignei-me quando o antigo secretário-geral do PS e actual Presidente da República empregou a fórmula tão famosa. Era apenas um gesto profético, ou uma intuição justa dos ventos da História que já não sopravam a favor do Socialismo e não mudaram muito desde então.

É a Europa inteira — esta Europa que inventou a noção de **socialismo** e o sonho que nela existe — que tenta rejeitar o socialismo europeu ou, para sermos justos, que empurra o que resta dele — e é considerável — (esperamos que momentaneamente) para o célebre caixote do lixo da História.

Não me atrevera a tão escandalosas alusões aos avatares recentes e deprimentes do socialismo como linha de fuga da Esquerda, se não pensasse que uma outra dimensão mais séria, mais preparada, apesar das aparências contrárias, do socialismo, não constituísse ainda, nesta sociedade, uma ideologia, uma prática de análise e de intervenção social e uma leitura da aventura humana, susceptível de credibilidade, de renovação e de inventividade. Em suma, para além da sua óbvia expressão política, uma **cultura** e sobretudo uma **aventura**, quer dizer, uma opção sobre o imprevisível.

Arcaísmo, ferida mortal

Quero dizer, sobretudo, que é possível inverter totalmente a actual imagem que a Direita modernista conseguiu com algum sucesso dar da Esquerda: a de um socialismo, como solução, ferido de morte pelo seu **arcaísmo**. Nenhum argumento é hoje utilizado com maior sucesso em certos países e em particular em França, mãe de todas as novas, do que este do **arcaísmo**, do envelhecimento de uma proposta que, segundo ela, nada diz nem pode dizer a uma juventude que mal tem tempo para fruir, explorar e explodir a sua energia desocupada num mundo que se oferece como um **presente** inesgotável, mundo (ocidental) na aparência **aprometido**, em que as energias e as necessidades vitais das gerações anteriores parecem postas entre parêntesis, e por isso mesmo tudo quanto é da ordem **ideológica** resulta sem interesse nem função.

Tudo se passaria como se a essência mesma da cultura ocidental, enquanto **cultura do espectáculo e do jogo**, ou mesmo como cultura de uma civilização potencialmente do não-trabalho não pudesse sintonizar-se com o antigo perfil da exigência socialista de luta por uma sociedade mais racional, mais justa e, pensava-se, mais livre.

Espectacular confiscação

Mas a **liberdade**, na sua forma imediata de **não-responsabilidade**, de expressão mágica da pulsão jovem, é o que as novas gerações encontram, por assim dizer, no berço, mau grado a angústia latente ou pesado adiado da não-inserção social futura, que, consciente ou inconscientemente, os pode

trazer para a rua, numa festa apolítica de um género novo, como recentemente em Paris e Madrid. É o que explica que a paixão mítica, o sinal de baptismo da esquerda europeia e do socialismo na sua origem — a **luta pela liberdade** — tenha sido recuperada por esse pretensão liberalismo que ainda há cinquenta anos a Igreja condenava como expressão da violência histórica de um capitalismo sem fé nem lei atentatório da dignidade humana.

Esta espectacular confiscação da própria razão de ser da Esquerda seria um mistério ou uma mistificação — o que também é — se a única incarnação do socialismo que conhecemos não tivesse alargado ao máximo a contradição entre o ideal de justiça social e o de liberdade, sem que mesmo o sacrifício deste último servisse de contrapeso ao sucesso do primeiro. No contexto da **neutralização** e apagamento da ideia de liberdade no interior de um sistema vinculado à ideia do socialismo de expressão marxista, a **superioridade ética**, a eficácia cultural do discurso da Esquerda herdado do século XIX tinha fatalmente de perder o seu condão e a sua magia.

Primeiro sob a forma violenta ou sarcástica da ideia — mesma de liberdade (reduzida a um conceito formal ou vazio) como no fascismo e no totalitarismo, e hoje como arma — boomerang contra essa Esquerda que se julgava identificada com ela para a eternidade.

Foi fácil ser Esquerda

É o Socialismo e a Esquerda em geral uma ideologia historicamente esvaziada, desconsiderada pelos seus efeitos e culturalmente morta, indefensável? As revistas de luxo do liberalismo triunfante celebram, todas as semanas, pelas plumas ágeis dos émulos dos Pauwels indigentes e à la page, dos próprios tenores da antiga ultra-esquerda convertidos pelos seus inimigos, os Glucksman e companhia, o descalabro, o fim da hegemonia cultural da Esquerda. Isto mostra, ao menos, até que ponto era natural — e talvez demasiado óbvio e fácil — desde os bons tempos de Michelet, de Hugo, de Tolstoi, de Brecht, de Thomas Mann, até aos de Malraux, Sartre ou Gunter Grass, para não falar dos nossos Herculano, Antero, Eça, Oliveira Martins e Sérgio, **não ser de direita**, tão flagrante era então a injustiça social, a arrogância de casta ou de classe, a loucura colonialista e guerreira da classe dirigente da alta burguesia europeia.

Mesmo os grandes homens de «direita» na ordem política, os Chateaubriand, os Balzac e os Proust, eram de esquerda na sua visão impiedosa da sociedade inumana que os cercava. As excepções contam-se pelos dedos.

Alguma vez teria de chegar o tempo em que homens de esquerda se arrenderiam de o ser depois de um «namoro» político com a Direita, acabando por se tornarem nos dignos barões de uma **nova cultura**, apostada na demolição da mitologia cultural da Esquerda e, sobretudo, da tradição socialista.

O Estado como Asilo

Estes últimos cinco anos, naquela mesma terra que foi a de origem dos **ideais** socialistas e terra de eleição das primeiras tentativas de inscrição prática na vida social — 1848, Comuna, leis sociais de 1936, nacionalizações do pós-guerra — assistimos a uma autêntica **contra-revolução política e cul-**

tural, a uma demolição que se deseja irreversível, não só de uma certa mitologia cultural da Esquerda, mas contra as conquistas mais exemplares e de irradiação universal, que desde há um século trazem a marca inequívoca do combate ideológico e social da Esquerda. Escola laica gratuita, ensino secundário e universitário acessível, em princípio, a todos, conquistas sindicais e sociais que pareciam irreversíveis, tudo tem sido passado no crivo e na crítica eufóricos de um **liberalismo** modelo USA, de súbito revestido das cores adoráveis da **liberdade**, da defesa do indivíduo e da sua criatividade em todos os domínios, ficando para a Esquerda o culto fúnebre do Estado como **asilo** ou **caixa de previdência** contra os riscos da nova existência digna de ser vivida, máquina niveladora por baixo, Estado-Providência pago com bilhetes de prisão voluntária, resumo e explicação para um **socialismo** decadente que, depois de ter dominado e explorado o universo, quer dormir nos lençóis do baixo império da droga na rua, ou da cultura como droga de luxo obrigatória e alibi supremo da **irresponsabilidade social** e da total permissividade.

Sejamos justos: algumas destas críticas a um modelo de sociedade, mal ou bem designado de social-democrata ou coberto com a referência de esquerda, não são totalmente infundados.

Fim do erotismo histórico

Por generosidade excessiva, por utopismo, a Esquerda tem muitas vezes tendência a imaginar que se pode ir de «**wagons-lit**» para um futuro com as cores do socialismo. Durante um século, a Esquerda como cultura teve tendência a identificar-se com a História, a pensar essa **história sua** como destino transparente e óbvio da humanidade, e a conviver com ela como se fosse sua amante complacente ou até criada de quarto.

Não é de todo mau que acordemos desse **erotismo histórico e ideológico**, desta ilusão de que natural e fácil **ser Esquerda**, quando o contrário é que é exacto: é **difícil**, não é natural e por não ser nem fácil nem natural é que a Esquerda não é filha, nem a amante querida, da História, mas a luta, mais que milenária, para que a História que não existe senão como sombra das lutas e dos combates humanos se torne cada vez mais humana.

A Direita «natural»

É a Direita, nas suas históricas razões, que é **natural**, ou que se pensa como conforme à Natureza, como expressão de uma vontade de poderio, de triunfo da força sobre a fraqueza, como fazendo corpo com os privilégios de toda a espécie, sejam de nascimento, de fortuna, de casta, de raça, de cor, ou mesmo de valores positivos como o da inteligência, do talento, do génio ou da beleza, ms reclamados e vividos como formas de **privilégio social** e linha de separação da humanidade entre si.

A Esquerda, a Direita faz sempre, nos seus expoentes máximos, o processo do **ressentimento**, da inveja, da tentativa de inversão da **desigualdade natural dos homens**, mas é a **Direita o lugar histórico da Divisão humana**, é ela a instauradora dos antagonismos e das barreiras, o lugar do **Poder** por direito divino ou seus avatares humanos, é ela a **guerra** instalada no corpo social, e é contra essa pretensão que a Esquerda se construiu ao longo dos séculos, demolindo uma a uma as barreiras puramente históricas. nada naturais, que a humar-i-

Continuação da pág. 4

dade, nas sua dupla face, foi admitindo dentro de si.

Se é a isto que se chama Utopia, a Esquerda é utópica, só poderá deixar de o ser quando a Direita deixar de se considerar a *natureza social*, o natural da sociedade.

Que nos distingue

Ao lado da boa consciência ou da mitologia cultural que a Esquerda efectivamente gerou, à medida que o seu combate cultural e político modificava a realidade social e a face da História, a da Direita é uma montanha maciça, inexpugnável. No fundo, o que realmente separa, histórica, ideológica, política e metafisicamente a Direita da Esquerda — apesar dos esforços que a Esquerda fez ao longo de séculos para *unir em si como um destino único a História humana* — é que a Direita é uma realidade sociológica, uma expressão histórica e política da humanidade que *não se pode realmente pensar sem pôr em causa os fundamentos da sua boa consciência e da sua legitimidade*.

Por isso podem ser vão todos os esforços, todas as astúcias, mesmo as mais sofisticadas, para outorgar uma *dignidade teórica*, uma respeitabilidade social à nova cultura, ao novo discurso não-direitista, pseudoliberal, que imagina reenviar para um *passado* sem futuro plausível da História da Esquerda, e a Esquerda como História.

A Direita em nós

O único inimigo que a Esquerda tem, nas suas diversas inviabilidades, é ela mesma enquanto inconsequente, en-



quanto esquecimento da sua própria aventura, que nunca foi fácil nem mãe de facilidades, mas exigente, dura, contraditória, enigmática, até porque a *Direita*, quer dizer, a tentação do poderio, a ilusão de deter, com a verdade que tem, a Verdade toda, com a cultura que é, o monopólio da Cultura, *está também aninhada* no seu coração.

A luta pela Esquerda é também a luta contra essa Direita em nós. A *Outra*, a que nos combate por ser essa a sua fatalidade, por mais sinistra ou sedutora que se apresente, nem sequer devia ser o

objecto principal das nossas ocupações e preocupações.

Nesse sentido, e profundamente, como da Igreja disse um dia João XXIII, **a Esquerda não tem inimigos**. Ela é o lugar histórico da *tolerância*, a vitória lenta mas constante do diálogo imposto aos que não querem ou não precisam do diálogo, ela é, ou deve ser, o **lugar da máxima transparência** de que uma sociedade é capaz e, se por graça dos deuses aqueles que se dizem de *Direita* ou são de Direita partilham deste espaço de diálogo, são também, saibam-no ou

não, **povo de esquerda**. Mas isso é problema deles e não nosso.

A esperança histórica

O nosso, aqui, de homens assumidamente de **esquerda democrática**, num tempo na aparência pouco propício, é o de lembrar que esse espaço de diálogo intra-humano é o da **esperança**, não apenas meramente conjectural e política, mas de uma **esperança histórica** de uma solução plausível para um mundo de paz armado até às estrelas, para uma humanidade dividida em duas pela presença, numa delas, dos espectros me-

dievais da fome, da ignorância e da repressão, e na outra pelo triunfo de uma Disneyland de pacotilha, onde já não distinguimos com um mínimo de senso o que nos perde e o que nos salva.

O que se espera de um modesto encontro como o nosso, não é que **salvemos o mundo**, que parece ninguém estar com intenções de salvar. O que se espera é que pensemos e repensemos a Esquerda portuguesa na sua virtualidade dialogante e conciliadora, **unificando-nos por dentro**, antes de nos oferecer, desarmados, unânimes sem unidade possível nem desejável. Se aqui começarmos esse trabalho de Penélope, herdeiro do mais antigo e sempre inacabado combate do **povo de esquerda** através da História, ou simplesmente do **Povo** na sua definição de simples e quotidiana humanidade em busca de si mesma, não teremos perdido nem o nosso tempo nem o tempo de todos.

Lisboa, 7 de Dezembro de 86

Eduardo Lourenço

Nota:

O texto desta intervenção de Eduardo Lourenço na Convenção da Esquerda Democrática foi fixado a partir do original manuscrito, distribuído sob a forma de fotocópia. É admissível que, antes de publicação por ele avaliada, o autor introduza, neste texto, modificações de forma ou conteúdo que, aqui, não se encontram contempladas. Mantivemos o seu título original, «A Esquerda como problema e como esperança»: os subtítulos são da responsabilidade do Sete Ponto Sete.

A Esquerda fala para os jovens que havia dantes

Ainda há «jovens de Esquerda», ou já só há «velhos jovens de Esquerda», que passam a vida a recordar nostalgicamente Maio de 68, e que não entendem porque é que a juventude se tornou «irresponsável» ou «conservadora»?

A crise da militância de Esquerda entre os jovens aparece, aos militantes mais velhos, como algo de enigmático, ou mesmo de misterioso. Paulo Pedroso tenta explicar que, para a sua geração, **fazer** se tornou mais importante do que **reclamar que se faça**. Além disso, põe em causa os fantasmas paternalistas e quarentões sobre o que é ser jovem, e afirma que a Esquerda tem sido mais nociva para a juventude do que certa Direita.

ALGUÉM manifestou perplexidade por a esquerda não ser jovem... Os autores deste discurso esquecem-se frequentemente de que, se eram jovens os estudantes que fizeram as greves estudantis de 62 e 69, se eram jovens muitos dos que tiveram uma intervenção muito forte no período de 1974-75, são esses mesmos jovens, muitas vezes, os dirigentes políticos da esquerda de hoje.

Estes «velhos jovens», por assim dizer, habituaram-se a pensar uma participação política da juventude que passava pelas greves, pelos levantamentos, pelas RGA's. Habitaram-se a dizer que a juventude existe quando desce à rua com duas ou três palavras de ordem.

Isto pode notar-se quando pretendem ver Maio de 68 por todo o lado, quando pensam ouvir ecos do «queremos o futuro, hoje».

Existe uma incapacidade de perceber que esta geração é outra. São incapazes de ouvir dizer a um jovem que o 25 de Abril não lhe diz nada,

de o ouvir dizer que nunca leu Marx nem Lênine, sem pensarem uma de duas coisas: ou que estamos diante de uma juventude **irresponsável**, ou diante de uma juventude **conservadora**.

Contudo, ao mínimo sinal de agitação, dizem, com um sorriso entre o saudoso e o paternalista, que, afinal, ainda há jovens.

Para percebermos porque é que estes jovens são diferentes, menos barulhentos, deveremos talvez tentar perceber porque é que esta geração se torna mais precocemente **responsável** que as anteriores.

É que, hoje, não é possível, à generalidade dos estudantes, passar 6, 8, 10 anos para fazer um curso superior. É que hoje, provavelmente, mais de metade dos estudantes do Ensino Superior têm de trabalhar enquanto estudam, para poderem sobreviver, porque um quarto em Lisboa custa 8, 9, 10 contos, a alimentação, mesmo nas cantinas, custa 6 contos, e para se ter a bolsa mínima é preciso ter uma capitação inferior a 15 contos.

Contudo, seria reducionista dizer que é por viverem estas dificuldades que os jovens são, por assim dizer, autistas quanto à participação política.

É bom não esquecer que hoje ninguém entra no Ensino Superior com média inferior a 15 valores, e que, para a ter, vemos muitos jovens passarem o importante período entre os 15 e os 18 anos numa feroz competição contra o companheiro do lado, num período em que seria muito importante criar uma consciência da solidariedade.

Também em parte por isto, os jovens de hoje são mais sós, mais solitários e talvez menos eufóricos.

Mas os estudantes não são, e muitas vezes esquecemo-nos disso, a maior parte dos jovens; para os jovens trabalhadores, a situação é ainda mais grave: ou pura e simplesmente não têm emprego, ou quando o têm são os destinatários da triste figura jurídica dos contratos a prazo.

Um discurso de esquerda, que não seja mais um discurso sobre os jovens, mas seja um discurso sobre o jovem, tem de aperceber-se de que a «contestação» da juventude passa, hoje, mais, pela realização das muitas coisas que dão prazer, passa hoje por ficar em casa com os amigos a ouvir música, passa por fazer amor mais do que por vir para a rua proclamar

o direito a fazer amor, por fumar haxixe mais do que por vir para a rua reclamar a despenalização das drogas leves, por transformar-se a si mesmo mais do que por vir para a rua dizer que o mundo tem de mudar.

Que uma prática destas não muda o mundo, dir-me-ão. Mas respondo que também não o mudaram os mais inflamados dos discursos de há vinte anos.

Para além de tudo, também não é fácil aos jovens ser de esquerda quando foi um governo do PS que fabricou o decreto de gestão que acabou praticamente com a participação dos jovens nas escolas, quando foi um governo em que estava o PS que aprovou a lei dos contratos a prazo, quando foi o PS que permitiu que, nos governos em que esteve em coligação com o PSD, estes fossem sistematicamente entregues à direita.

Não é fácil ser de esquerda quando o único responsável governamental capaz de tomar posições de força nesta matéria vem do PSD, quando é no seio da JPSP que surge a mais consistente crítica de um Plano Energético Nacional pró-nuclear feito sob a égide de um ministro socialista, quando não se sabe se o PS é claramente a favor ou contra o nuclear e quando o PCP, depois de

Chernobyl, ainda fala em defender a utilização pacífica dessa opção energética.

Muitas vezes, os partidos de esquerda preferiram ter organizações de juventude dominadas por *yes-men*.

Quero eu dizer que a Esquerda não sabe o que é a juventude, tem tido um discurso sobre a juventude que fala para jovens que existiram há 20, 15, 10 anos mas não existem mais, e depois se desilude com os jovens que existem...

Quero com isto dizer que a Esquerda tem tido uma prática em relação aos jovens pior do que certa direita.

Quer isto dizer que a geração que tem hoje 20 anos não esperou que a esquerda se transformasse, não esperou pelo mundo novo, começou já, e, para utilizar uma imagem querida ao referencial da esquerda, se a esquerda quiser vir, que venha, e traga um amigo também...

Paulo Pedroso

O texto desta intervenção de Paulo Pedroso nos debates da Convenção da Esquerda Democrática foi fixado a partir do seu original manuscrito. O «Sete Ponto Sete» admite que o autor o venha a rever, em eventual edição escrita que ele acompanhe.

Agenda de um teatreiro em Paris

Um festival internacional da China aos EUA

Talvez pudéssemos começar hoje por um balanço. Já alguns espectáculos estão esquecidos, vamos deixá-los assim. Mas não Bérénice, de Racine, da Comédie, de que falámos na última crónica. Gostaria de voltar ao assunto só para assinalar que o espectáculo foi apresentado sem intervalo o que podemos considerar uma proeza por parte do encenador, o alemão Michael-Klaus Gruber. É que os franceses são, de facto, apreciadores do intervalo (um pelo menos) que lhes serve para uns minutos no bar com bebidas e conversinha mole, ou para se escapulirem sem dar muito nas vistas. Espectáculos sem intervalo, a não ser em grupos mais ou menos marginais, não são muito frequentes, ainda por cima um clássico e na Comédie.

Visto a um sábado à tarde, o que é relativamente raro, o facto permitiu-nos ganhar uma noite vendo, portanto, dois espectáculos no mesmo dia: o segundo, ido da China, como veremos. Passar de um grande clássico francês para um vertiginoso e imaginativo espectáculo chinês de marionetas — aí está qualquer coisa que só em Paris é possível.

E depois saltar para um espectáculo falado em inglês, uma coisa louca produzida por um dos senhores da vanguarda norte-americana, ainda torna as coisas mais insólitas e fortes. Vamos ver como foi.



Africanus Instructus: O anticolonialismo de Richard Foreman com uma nota brechtiana

01.11.86. Imagine-se um dia assim, por exemplo, uma manhã de sábado em Paris, banhada pelo sol outonal. Calcorriámos, com vistas pelas montras, as pequenas ruas do Quartier, partindo da fonte de Saint-Michel (lembra-te, aqui encontramos o Osório Mateus, há quantos anos isso vai?; ali adiante há uma casa de discos com coisas baratíssimas); vamos pela Saint-André-des-Arts, sempre cheia de gente; ali havia uma livraria bem simpática que estava aberta até à meia-noite agora vendem-se sandes gregas! Aqui vários cinemas, é o sítio deles: numa das três salas que têm o nome da rua um filme recente Rosa Luxembourg que tem a particularidade de ser interpretada por uma actriz alemã, Bárbara Sukowa, prémio de Veneza com este trabalho, que vamos ver dentro de dias a interpretar Brecht.

Continuemos, olha aqui, atenção: saldos de vestidos — tudo a 100 francos: É mesmo de aproveitar. Assim chegámos à Rue de Buci onde desembocam, entre outras, a Dauphine, a Mazerine. Não tem que enganar: é uma montra de estupendas vitualhas, carnes, queijos, hortaliças, além de flores, só falta o Zola para descrever isto. Imagino que é ao ver esta paisagem quase obscena que os dissidentes do Leste se põem a cantar loias à fartura ocidental. Mas ao ver estes excessos, não será inevitável perguntar: quem paga? Onde as carências?

Mas não é disso que quero falar, e sim de livros, outro sinal de fartura que não me parece muito saudável. Quem vai pela Buci, à direita, em direcção à Rue de Seine, encontra a Librairie du Globe, bem conhecida por ser em Paris a livraria oficial para venda de livros soviéticos, (embora também os haja em francês). Mas não é por aqui que ficámos. Um pouco mais à frente mas no outro passeio, há uma entrada com uma vendedora de jornais. Entra-se, há um corredor e uma porta envidraçada

com o letrero: por favor, bata a porta devagar: o corredor continua, com outra porta, um pátio; à esquerda, vêm-se, através de uma janela, montes de livros; empurra-se uma porta e está-se no Pierre Lafitte, livreiro célebre da zona, livros antigos para colecionadores, livros novos ou usados ao preço da chuva para gente com pouco dinheiro. Por exemplo, o número de Junho/Julho da revista «Europe» dedicado a Kleist: 65 francos, preço de capa, por 30. Mas há por lá pechinchas maiores, não só de teatro como nas secções de ficção e de ciências humanas. Livro publicado, livro ali aparecido por metade do preço às vezes mais. Como? É coisa que não sabemos. Aliás, na zona, em especial na Dauphine há mais livrarias com montes de livros baratíssimos (em especial grandes obras de arte, de viagens, etc.).

Deixemos isto e continuemos, agora um pouco mais adiante, pela Rue de Seine, uma das mais célebres da «rive gauche» pela quantidade de galerias que a ladeiam: nem é preciso entrar, algumas são tão pequenas que os quadros se podem ver pela montra. A grande bailarina Isadora Duncan andou por aqui: existe ainda um estúdio de dança com o nome do pai dela, salvo erro. Mas aqui está agora a Galeria Jeanne Boucher onde Maria Helena Vieira da Silva expõe alguma daquela sua pintura que nos abre a manhã para outros horizontes, para outras cores, outras luzes, outros céus e outros mares (aliás, Vieira da Silva tem uma outra exposição em simultâneo, esta de gravuras e serigrafias, na Artcurial, na margem direita). Aqui aconteceu, sobretudo depois, um caso a pedir bruxa: vimos, a Maria Teresa e eu, sem lugar para dúvida, a assinatura de José Blanco de Portugal no respectivo livro dos visitantes; qual não foi o nosso espanto quando Blanco de Portugal garantiu à MT, que lhe contou a história, que não estivera em Paris (que pena:

acrescentou), o que ainda agora nos deixa perplexos. Como a pintura de Vieira da Silva. Seria influência?

Mais à frente uma paragem obrigatória: a Gabriel Arnoul, uma das grandes livrarias de teatro de Paris. Grande embora pareça pequena: quem sabe o tamanho dos seus bastidores? Livros, antigos e novos, revistas, marionetas, máscaras — um sonho. Os francos, porém, acordam-nos rapidamente: para já contentemo-nos com o catálogo.

Ora, pois, está na hora do almoço (impossível qualquer opção que fuja às sandes, ou ao «self-service», ainda por lá os há em conta e comida não escandalosamente má, mas o de Cluny, de que éramos fregueses, foi transformado num McDonald: não!). Depois do almoço, para assim lhe chamar, foi, como já se contou, Bérénice. Finalmente, depois do jantar em casa, até porque o espectáculo sem intervalo acabou cedo, o segundo espectáculo, também este incluído no Festival D'Automne, apresentado no simpático Théâtre Firmin Gémier, integrado no complexo de Chaillot, de onde se aprecia uma das mais bonitas vistas nocturnas de Paris, agora com a Torre Eiffel, com uma nova e belíssima iluminação.

Da China para o Outono parisiense

O espectáculo O Rei dos Macacos foi apresentado pelo Teatro das Marionetas de Xian, província de Shaanxi, e, adiante já, é um espectáculo fabuloso. Aqui convém recordar que este ano o Festival foi especialmente dedicado às artes da China, como de resto o comprova uma sumptuosa revista lançada na oportunidade e que dá uma ideia da importância desta mostra sob o ponto de vista de divulgação das criações chinesas. Estiveram presentes duas companhias de ópera, uma de Nanquim, outra de Xangai; espectáculos

numa casa de chá com música e marionetas; o Teatro Dixi, da província de Guizhu, além das referidas Marionetas de Xian. Este espectáculo parecia recriar, com as marionetas, a ópera e o circo chineses, de tal maneira funcionava tanto no que se referia à caracterização das personagens, como na ópera, como à movimentação a evocar os jogos acrobáticos circenses, com a precisão e o rigor a que uma e outro nos habituaram.

O grupo apresentou, pois, o Rei dos Macacos que conta a história de Xuanzang, bonzo do século VIII que fez uma longa viagem através da Ásia e da Índia, embora a sua celebridade derive do facto de se ter tornado a principal personagem de um romance muito popular do século XVI. A história que o espectáculo conta foi colhida no romance, do qual recebeu, ao que parece, o humor e as peripécias.

O bonzo é acompanhado, na sua viagem, por um macaco, Sun Consciência do Vazio, por um porco, o Porco dos Oitos Votos, e pelo Bonzo das Areias que carrega as malas. O bonzo, diz-se, é tão e ingénuo: só o macaco o salva dos monstros que têm poderes mágicos e que querem apanhá-lo porque quem comer a carne daquele bonzo poderá ter um mais rápido acesso à imortalidade. Diz-se que o «Rei dos Macacos» é a personagem lendária mais célebre da China. A sua popularidade é tal que no Sul do país ele é venerado como se fosse uma divindade. Simbolizar a resistência ao regime imperial celeste que outrora era a réplica do poder terrestre. Os chineses amam-no e respeitam-no mas, ao mesmo tempo, temem-no porque as suas reacções são sempre imprevisíveis. «Diz-se num outro texto que tenho à minha frente que nesta história «a mitologia e as crenças foram utilizadas com base da imaginação e do humor: a história do macaco é também a da sabedoria que substitui a religião».

Para um espectador ocidental não é

fácil seguir a história do Rei dos Macacos. Não tem importância: é que nem por isso o espectáculo deixa de ser um espanto de graça, de energia, de beleza, de força teatral.

Este grupo foi fundado em 1952 tendo como base as ricas tradições das marionetas da região. O grupo apresentou ao longo destes anos centenas de espectáculos não só na China como noutros sítios sempre com grande sucesso, evidentemente.

O espectáculo foi apresentado em Paris por quinze artistas, manipuladores, cantores, músicos. Quando apareceram no final para agradecer os aplausos entusiásticos do público, repetindo alguns «gags», é um espanto duplo: afinal não eram os bonecos que funcionavam sozinhos, como se tivessem vida própria, mas era isso que parecia; afinal eram apenas quinze os artistas daquela noite, como se fosse possível fazer aquilo tudo, aquela beleza, aquela alegria, só com quinze pessoas. Um espanto destes chineses de Xian, província de Shaanxi, algures na China, claro.

O problema de horários

02.11.86. Ver teatro em Paris implica o conhecimento de algumas regras, aliás, relativamente simples. Sem ironia, uma delas consiste em chegar cedo ao espectáculo, e este cedo implica aí uma meia-hora de avanço (por causa das várias bichas, já referidas). Além disso, geralmente mas nem sempre, os espectáculos começam a horas, e quando não começam os espectadores, com a mania da pontualidade, encarregam-se de protestar, batendo palmas.

E, depois, como já dizíamos, há o problema dos horários. Em Paris, há teatro todas as noites, excepto nas de domingo e segunda-feira. Mas, atenção, pode acontecer que mesmo nestes dias se consiga arranjar um espectáculozinho: a consulta diária do guia é indispensável. Aliás, é mais difícil de ar-

Continua na pág. 7

Continuação da pág. 6

ranjar na noite de domingo. Posso dar um exemplo: estava em cena um espectáculo com uma peça de Italo Svevo, ao que parece interessante que dava sessões à segunda-feira. Só por um incidente de percurso é que não o vi. Além disso, é preciso contar com as sessões de domingo à tarde, pelo menos em certos teatros (sessões nas tardes de sábado são raras).

Além disso, tem que se contar com as excepções, como assinali. Apanhámos um espectáculo (*Bérénice*), numa tarde de sábado, pelo que pudemos ver dois espectáculos nesse dia. E ainda na Comédie um outro espectáculo *Le Songe d'une Nuit d'Été* num domingo à noite (mas nem sempre há espectáculos nestes dias, na Comédie). É portanto preciso estar-se atento, aos dias e horas das sessões. Quanto às horas, essa atenção deve ser redobrada porque os franceses não se dão ao luxo de ir ao teatro às 9.30 ou mesmo às 10.00 horas, como nós. Os espectáculos começam geralmente às 20.30; em casos menos frequentes, às 21.00, mesmo às 20.45, as «matinéas» geralmente são às 15.00 ou 16.00, mas podem ser às 14.30 e 15.30. Salas há que apresentam sessões em dias e horas especiais: por exemplo, *La Tour de Nesle*, de Alexandre Dumas, no Carré Silvia Monfort era representada também à quinta-feira, às 19.30, apresentação seguida de um jantar em mesa-redonda (:).

Estamos portanto no domingo, 2 de Novembro. De manhã um passeio à velha Foire aux Puces em Clignacourt (sempre livros e discos baratos): à tarde, visita a Bombourg (com algumas salas fechadas à espera da exposição sobre o Japão) e muita pintura e escultura de vanguarda, além do Museu de Arte Moderna. Sobre Bombourg e a animação que por lá havia falaremos noutro dia. Hoje o que nos leva lá é mais um espectáculo do Festival de Outono, espectáculo que só não foi um espanto porque conhecíamos o seu principal responsável, Richard Foreman, um dos artistas da vanguarda norte-americana para quem Bertolt Brecht continua a ter sentido.

Richard Foreman é um dos norte-americanos preferidos pelo Festival, de quem já apresentou, com este, seis espectáculos: *Uma Jornada sob a Influência de...* (1973), *O Livro dos Esplendores* (1976), *Café América* (1981), *Fausto ou a Festa Eléctrica*, de



O fabuloso Rei das Marionetas de Xian dos Macacos

Gertrud Stein (1982), *La Robe de Chambre*, de Georges Bataille.

Desta vez, RF prometera dois espectáculos: *The Cure*, a última criação do Ontological Hysterical Theatre era um deles. Este espectáculo estreou-se em Nova Iorque, em Maio, e diz-se dele que «marca uma viragem na obra de RF. Embora mantenha as características essenciais do seu trabalho teatral — musicalidade, expressão corporal, ironia, humor surrealista, achados cénicos insólitos —, *The Cure*, pelo seu ritmo e tom calmo e repousado, rompe com a violência, o erotismo exasperado, a expressão paroxística, atormentada das visões obsessivas, angustiadas das obras produzidas durante os últimos dez anos», isto nas palavras de Irène Sadowska-Guillon na revista «Acteurs», n.º de Set./Out. Esse espectáculo, *The Cure*, ficou pelo caminho e só pudemos ver *Africanis Instructus*, uma maravilha, diga-se desde já.

Irreverência norte-americano com um tom brechtiano

Africanis Instructus é um espectáculo musical, com texto de RF e música

de Stanley Silverman. Este compositor trabalha regularmente com Foreman o que ajuda a explicar a perfeita harmonia da obra sob o ponto de vista da articulação texto/música.

Em duas palavras, pode dizer-se que *Africanis Instructus* é uma opereta e a paródia de uma opereta, e aqui já o Brecht começa a espreitar. Mas se é isso, o espectáculo de RF vai muito mais longe: em matéria de paródia é mesmo difícil descobrir onde começa e onde acaba.

Para o entender, tenha-se em conta que os intérpretes do espectáculo são cantores e actores com grandes capacidades criativas, o mesmo acontecendo com os músicos. É esse nível de actualização que explica o grau de perfeição atingido por esta criação, e explica a energia, a força caricatural, a capacidade comunicativa do seu lado paródico.

No palco da sala excelente do Pompidou um cenário heteróclito: máscaras formando uma espécie de totem, letras recortadas dependuradas em fios que atravessam o espaço, que forma o título, várias vezes repetido; mistura de objec-

tos europeus (uma cadeira, por exemplo, formando um trono) e de objectos africanos; um conjunto de sinais do colonialismo e das colónias.

O libreto, para assim lhe chamar, questiona constantemente a sociedade branca (o explorador e o missionário, por exemplo) mas também a sociedade negra, com os sobas e os feiticeiros e a própria burguesia negra; parodia o colonialismo e o racismo mas parodia a paródia do colonialismo e do racismo, numa série de jogos quase infundável. O espectáculo tem como referentes apenas o conflito das relações, sempre tensas, entre civilização branco/civilização negra, entre conquistadores/conquistados, tem outros referentes: a revolução industrial, a evolução social e psicológica («Dr. Freud? Afraid?»), e, como se disse, autoquestiona-se constantemente.

Tudo isto feito com humor, com uma espantosa capacidade de gozar, de exprimir o tom burlesco das coisas mais sérias; tudo isto feito com uma piscadela de olho ao público como se dissesse: estão a topar, estamos a brincar e a dizer coisas sérias ao mesmo tempo, introdu-

ção de um tipo de distanciamento que Brecht teria apreciado. Mas quem é sobretudo posto em questão é o colonizador britânico da era vitoriana. O espectáculo, com os seus espantosos artistas negros e brancos, não se fica por aí, propõe um jogo crítico muito mais complexo na sua aparente linearidade, no que parece ser uma leitura surrealista de uma realidade histórica.

Infelizmente um espectáculo como este não se conta porque é a própria vida que o anima que se torna inenarrável: as personagens em permanente permuta (uma delas, Rhoda, uma espécie de dinamite ambulante); as situações mais inesperadas com achados cénicos incriáveis; os pormenores eróticos que roçam o escabroso, sem qualquer problema, aliás; esse jogo constante entre a febrilidade da acção e a tranquilidade da música quando esta atravessa zonas de melodias convencionais. Aliás, o que aqui se escreve é talvez excessivamente complicativo, e se calhar o espectáculo, sob o ponto de vista do seu discurso político, é mais claro do que isso. Pelo menos a julgar por declarações do próprio Richard Foreman:

«*Africanis Instructus* é uma tentativa para a criação de alguma coisa de divertido, uma distração... embora não tenha agradado a toda a gente em Nova Iorque. O público gostou mas os críticos mais importantes não se interessaram, incluindo o de «Village Voice», que escreveu um artigo incrível, afirmando que em vinte anos eu não fiz mais do que coisas pavorosas, que não compreendiam como podia safar-me com tanta facilidade, e que o espectáculo não só era um horror mas, além disso, «solipsista», crítica que me deixou profundamente espantado a propósito de *Africanis Instructus*. O espectáculo é uma variação sobre o tema da exploração e da pilhagem pelo Ocidente das sociedades do Terceiro Mundo, e, para o caso, da África». (Entrevista a «Théâtre/Public».)

Provavelmente, o específico do espectáculo de RF está naquela palavra **variação**.

Um grande espectáculo, em resumo. (Nas próximas folhas, falaremos finalmente de *Elvire Juvet 40*, ou a encenação da arte do teatro, com a interpretação fascinante de Maria de Medeiros, uma artista portuguesa que triunfa em Paris; falaremos ainda de um autor em moda em Paris: Valère Novarina.)

Carlos Porto

À Esquerda, a Indiferença

«Deus ri-se quando vê um homem a pensar».

Milan Kundera

«O Diabo ri-se quando vê um homem de esquerda a pensar».

Alfred Cork

NOTA: O diálogo que se segue é ideologicamente confuso, mas a culpa não é minha: isto passou-se (ou não, vai a dar no mesmo) nos corredores da convenção da Renovação da Esquerda.

— Portanto, você sofre de...
— Não é de, sr. doutor, é da.
— Da?...
— Sim, sr. doutor. Da. Da esquerda.
— Da esquerda? Mas muito bem. E...
— Muito bem não, sr. doutor. Muito mal.
— Receio não compreender.
— Não receie, que isto ninguém compreende. Eu próprio não compreendo. Ninguém compreende.
— Ninguém compreende o quê?
— O que se passa com a esquerda, sr. doutor.

— E o que é que se passa com a esquerda?
— Nada.
— Nada?..
— Nada. É isso que se passa, sr. doutor. Nada.
— E no entanto ela move-se...
— Lá mover move-se, coitadinha. Mas para onde? Os adolescentes na discoteca também se movem (e muito), e no entanto não estão a ir para lado nenhum.
— Talvez para o futuro...
— Aos pinotes no meio daquela barulheira? Não me faça rir, sr. doutor, que eu não sou nem Deus nem o Diabo.
— Mas para onde queria você ue a esquerda fosse?
— Para o poder, sr. doutor. Para o poderzinho.
— Sim, mas para isso seriam precisas novas eleições.
— Diz bem, sr. doutor. Novas. Por-

que estas que tem havido e parece vão haver têm-se mostrado tão velhinhas... De qualquer modo, já me contentava se a esquerda ponderasse, soubesse o que quer fazer com o poder governamental, caso lá chegue.

— E o que é que o leva a crer que não seja assim?

— É que a esquerda tem poder, sr. doutor. Não está à frente dos negócios de Estado, é uma verdade, mas nem só de governo vive uma esquerda. As instituições que a compõem (e digo bem, as instituições) nem sempre se servem do poder que têm como dizem fariam se obtivessem o poder que não têm.

— Aliás, parece que há várias esquerdas...

— Sim, sr. doutor, várias. Posso até enumerá-las.

— Avante, por favor, avante.

— Por exemplo, há a esquerda moderna e a esquerda clássica.

— Não me diga.

— A clássica, já se sabe, será a que corresponde aos padrões usuais, e supostamente eternos, do que se designa por esquerda...

— E a moderna...

— Será a que, sem corresponder a esses padrões, deseja no entanto ser chamada por esse mesmo nome... Nunca percebi porquê.

— Por esse mesmo nome?

— Esquerda...

— Ah!

— Pois. Há também a esquerda totalitária. É a que quer tudo.

— Tudo o quê?

— Sei lá, tudo. Todo o poder, controlo dos meios de exercer poder, impunidade total no exercício do poder, possibilidade de remeter a oposição para uma posição de silêncio através de qualquer imposição.

— Mas não é isso que têm pretendido todos?

— Talvez, não sei, estou um bocado confuso, sr. doutor.

— E a esquerda democrática?

— Espera chegar ao poder (ao governo da nação) através dos meios de persuasão inerentes ao jogo democrático.

— Ao jogo, como? Ao poker democrático?

— Sim, ou ao dominó democrático. Eu dominó, tu dominas, eles são domi-

nados...

— E consegui-lo-á?

— O quê?

— Chegar ao poder.

Até já o fez várias vezes.

— Não reparei.

— É natural, ninguém repara. É como os modelos unissexo, já ninguém nota a diferença. E há ainda a esquerda inovadora, ou renovadora.

— Inovadora? Porquê, porque inova?

— Não, sr. doutor, precisamente porque não. Porque inventou a inovação sem inovação. É essa a sua grande inovação.

— Mas a direita faz o mesmo...

— Ora aí é que está o busilís, sr. doutor. E o meu problema é esse, e nem sei se tenho medo ou não.

— De quê?

— Que a esquerda, a militante, a dilante, a insinuante, finalmente se funda como um queijo suíço (ou sueco) e se tome...

— E se tome?...

— Uma esquerda às direitas.

Rui Zink

Cuba, trinta anos depois do desembarque

Daqui a dias, quando o mês de Dezembro terminar e o novo ano começar, Cuba festejará a sua festa maior: na madrugada do 1.º de Janeiro de 59, que a revolução da Sierra Maestra triunfou. Mas Dezembro tem outros encantos, para os cubanos, que este ano, no passado dia dois, festejaram o 30.º aniversário do desembarque do «Granma». Na madrugada desse dia, o iate «Granma», com 82 expedicionários a bordo, fundeava silenciosamente numa zona de águas pouco profundas, a escassos dois quilómetros da praia «Las Coroadas», na região mais oriental de Cuba.

Aí começava um pedaço de história que se tornaria num símbolo para os revolucionários de todo o Mundo. Um a um, com Fidel a comandar, os expedicionários saíram do Granma, caminhando pela água com as armas bem erguidas acima das cabeças. Estava desencadeado o reinício da luta armada contra a ditadura de Fulgêncio Baptista, a partir de então com os dias contados.

O Granma saíra do México, do porto de Tuxpán, uma semana antes. Fidel e os seus companheiros — entre os quais se encontrava Ernesto Che Guevara — desembarcaram em Cuba e três dias depois foram surpreendidos pelo

exército de Fulgêncio. Foi em Alegria de Pio e os resultados terríveis: os rebeldes tiveram que dispersar, mas muitos morreram ou foram capturados e assassinados posteriormente.

Dos que escaparam com vida, e após um doloroso período de sobrevivência, doze homens, tendo nas mãos sete espingardas, reencontraram-se. E isso foi o bastante para a luta continuar, e de que maneira! Foi nessa altura que Fidel pronunciou a frase que ficou célebre: «Agora sim, os dias de tirania estão contados!».

Quase três anos depois — a oito de Janeiro de 1959, após 25 meses de duro combate —

Fidel de Castro, Camilo Cienfuegos e muitos outros comandantes entraram triunfalmente em La Habana; à frente do Exército Rebelde. Foi a loucura nas «calles habaneras», com multidões recebendo os seus heróis no meio de um entusiasmo indescritível.

Memória de Moncada

Claro: falar do desembarque do Granma remete-nos para outro feito heróico que é o seu antecedente histórico directo: o ataque ao Quartel Moncada, a segunda praça armada da nação, protagonizado por Fidel e um punhado de jovens no dia 26 de Julho de 1953.

Esse assalto, em termos puramente militares, foi uma estrondosa derrota para os assaltantes. A esmagadora maioria dos rebeldes foi assassinada e os restantes foram presos. Mas essa data ficou na história e constitui como que o despertar fragoroso da consciência nacional. Esse foi o verdadeiro momento em que a tirania de Baptista foi abalada seriamente e do qual jamais se recomporia.

Fidel de Castro, que por um acaso do destino conseguiu sobreviver, foi, juntamente com os seus companheiros detidos, julgado mais tarde. Ele próprio assumiu a sua defesa, com um texto hoje obrigatório para todos os revolucionários: «A História me absolverá», assim chamou Fidel à sua defesa, que correu mundo e abalou ainda mais o desacreditado regime ditatorial pró-ianque existente em Cuba.

Denunciando de uma forma terrível a realidade política, económica e social existente na ilha, Fidel falou dos milhares de camponeses que não tinham um palmo de terra; do desumano desemprego que mantinha sem trabalho mais de um terço da força laboral do país; dos milhões de compatriotas seus que viviam na

ignorância e no analfabetismo; dos altos índices de mortalidade que todos os anos dizimavam milhares de crianças; das doenças que afectavam todo um povo indefeso e miserável.

Mas Fidel, nessa altura, não falou só da realidade que o levava a pegar em armas — apontou também soluções, que constituíram o verdadeiro programa de acção que pôde começar a por em prática anos depois, quando a revolução da Sierra Maestra triunfou. E hoje, trinta anos passados sobre o histórico e lendário desembarque dos expedicionários do Granma, a realidade nova aí está; em Cuba há um dos sistemas de educação e saúde pública mais avançados de todo Terceiro Mundo e, em muitos aspectos, pedindo meças mesmo aos países mais desenvolvidos; uma reforma agrária concretizada em toda a sua plenitude, dando a terra a quem verdadeiramente a trabalhava; o desemprego completamente erradicado, não passando hoje apenas de uma má recordação de tempos passados que jamais voltarão; uma industrialização que, longe embora, sem ser aquilo que todos os cubanos desejam, permitiu ao país avançar significativamente.

Trinta anos depois do Granma — hoje em exposição permanente num museu em La Habana — Cuba é completamente diferente. Para melhor, obviamente. Mas mesmo assim ninguém está completamente satisfeito e sabe-se que há muitos erros a corrigir. Há recursos mal administrados, o controlo, nem sempre tem sido brilhante, os sectores produtivos não estão isentos de falhas. O chamado processo de rectificação está em curso e com muita força. Os sonhos dos expedicionários do Granma estão cada vez mais vivos.

Ribeiro Cardoso



Fidel e Cienfuegos no momento da entrada triunfal em Havana

Mensagens Pessoais

Amplificador de baixo

Vendo amplificador de baixo (200 W) + coluna Farfisa (100 W), junto ou separado. Contactar Manuel Mota, Quinta St.º António, R. Alvor 8. Paivas, 2735 Cacém. T. 9260052 ou 2430558.

Rockabilly

Rockabilly, Rock'n'Roll, Hard-Roc, Pop, Heavy-Metal, Punk. Gravações em cassetes fazem-se. Óptima qualidade. Peça catálogo com mais de 400 artistas, enviando 200\$00 para: Cat's Studio, Apartado 5234, 1706 Lisboa Codex.

Viola acústica

Vendo viola acústica, Hondo II, com capa. Bom estado. Preço acessível. Tel. 9212652 (só aos fins-de-semana).

Imprensa política

Comprojeiros, comunicados, panfletos, autocolantes, cartazes e outros materiais de organizações e grupos políticos, sindicais e outros, antes e depois do 25 de Abril. Contactar o telefone 688760 e deixar mensagem no gravador ou apartado 2114, 4202 Porto Codex.

«Jeep»

Compro, ao proprietário, «jeep» usado em bom estado, de preferência UMM com 5 velocidades. Tel. 313892 de Lisboa, depois das 20 horas.

Selos

Quem esteja interessado, sou principiante na filatelia, mas tenho alguma coisa para trocar. Ernesto Santos, Rua da Bela Vista à Graça, n.º 14-2.º eq. 1100 Lisboa.

Vinte senhoras

Admitem-se 20 senhoras para trabalhar alta bijuteria e outros artigos nos concelhos de Lisboa, Almada, Amadora, Cascais, Loures, Oeiras, Setúbal, Seixal, Sintra, Vila Franca de Xira. Boas comissões.

Rua Açores, 84-1.º E, 1000 Lisboa ou T. 533579.

Firma comercial vende-se

Sem activo e sem passivo. Dá para os seguintes ramos: Modas e Confeccões (todo o género de vestuário e confeccões), Perfumaria, Artesanato, etc. — Telefone: 2682330.

Companhia

Senhora de qualquer idade que queira viver com senhora idosa, mas fisicamente bem, próximo da Ericeira. Ou sra. que também tenha casa e uns tempos estejam numa, outros tempos na outra. Ou senhora que queira remuneração. É favor contactar para Elisa Martins. R. Francisco Bivar, 69-r/c 8500 Portimão.

Andar — vende-se

3 assoalhadas c/arrecadação. Informa pelo tel. 7260268 Lisboa.

Idosos e crianças

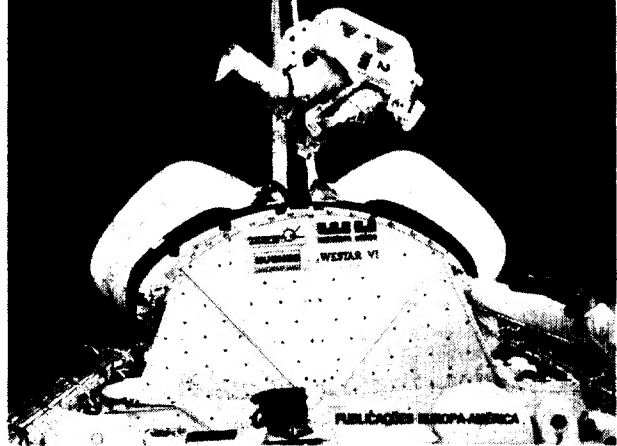
Assistência em qualquer situação, por doença, acamados ou por passeio dos pais. Serv. enfermagem. Preparação doentes de manhã e às 19.00. Guarde esta mensagem: Maria Rodrigues — Apart. 1333 Arroios, 1009 Lisboa Codex. Também serviço de noite.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o «Sete Ponto Sete» publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o «Sete Ponto Sete» nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», «Sete Ponto Sete», «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

ESPAÇO

ESPAÇO
A NOVA FRONTEIRA
ODISSEIA DE UM ASTRONAUTA
JOSEPH P. ALLEN



Tradução de EURICO DA FONSECA

«Narrativa inteligente e escrupulosamente detalhada da aventura americana no espaço. Uma prosa empolgante que nos transmite a sensação do maravilhado espanto que é viajar no espaço.»

Time Magazine

Esta a perfeita definição do maravilhoso livro de Joseph P. Allen agora editado em Portugal. Uma visão muito especial, por quem nela participou, de uma odisséia que só tem equivalente nos Descobrimientos.

Um texto preciso, fotografias maravilhosas, tradução cuidada.

UMA EXCELENTE PRENDA DE NATAL
A VENDA NAS BOAS LIVRARIAS

EUROPA-AMÉRICA ...
...a memória no futuro